

REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO

REDACÇÃO	O Tratado da paz	193
RUY BARBOSA	O "caso internacional" (II).	195
MARTIM FRANCISCO	Viajando (XII).	219
AMANDO CAIUBY	O caso de Jundiuvira	230
ROBERTO MOREIRA.	{ Versos	238
MARIA EUGENIA CELSO		
PE. HELIODORO PIRES.	Domingos Jorge Velho	241
ALBERTO FARIA	O patriarcha do "adhesismo"	260
REDACÇÃO	{ Bibliographia	266
	{ Resenha do Mez	

PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 43 - ANNO IV — VOL. XI — JULHO, 1919

Redacção e Administração:
RUA BOA VISTA, 52
SÃO PAULO -- Brasil



RESENHA DO MEZ: VIDA NACIONAL: De 15 a 15 - Os mortos do mez - A questão das condecorações - REVISTAS E JORNAES: O café e a geada (*Ed. Navarro de Andrade*) - O poder militar allemão foi vencido mas não destruido - (*Henry Bidou*) - Anatole France comunista (*Gilberto Amado*) - O lenço do Presidente (*Micromegas*) - A moda no Rio (*A Leão Velloso*) - A aranha e o sapo (*O. F.*) - Renan apostolo das guerras de conquista - Agora, nós! (*A. Chateaubriand*) - NOTAS SCIENTIFICAS: O somno (*Dr. Barbosa Vinna*) - VARIEDADES: São os musicos uns desequilibrados? - Escola para deputados.

ILLUSTRAÇÕES: Linhas de penetração nos sertões Parahybanos - Roteiro de Domingos Jorge Velho.

CARICATURAS DO MEZ

REVISTA DO BRASIL

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS,
LETRAS, ARTES, HISTORIA, E ACTUALIDADES

Directores: MONTEIRO LOBATO,
LOURENÇO FILHO.

Secretario: ALARICO F. CAIUBY.

Directores nos Estados:

Rio de Janeiro: José Maria Bello.

Minas Geraes: J. Antonio Nogueira, Bello Horizonte.

Pernambuco: Mario Sette, Recife.

Bahia: J. de Aguiar Costa Pinto, S. Salvador.

Ceará: Antonio Salles, Fortaleza.

R. Grande do Sul: João Pinto da Silva, P. Alegre.

Paraná: Seraphim França, Corityba.

Amazonas: João Baptista de Faria e Souza, Manãos

Rio Grande do Norte: Henrique Castriciano, Natal.

ASSIGNATURAS

Anno 15\$000

Seis mezes 8\$000

Numero avulso. 1\$500

Assignatura com direito a registro no correlo: mais 2\$400
por anno.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52

SÃO PAULO

Caixa Postal: 2-B — Telephone, 1603, Central
Toda a correspondencia deve ser dirigida no secretario.

BYINGTON & C.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

SEMPRE TEMOS EM STOCK GRANDE QUANTIDADE DE MATERIAL ELECTRICO COMO:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERROS de ENGOMMAR

LAMPADAS

ELECTRICAS 1/2 WATT

ISOLADORES

TELEPHONES

ESTAMOS HABILITADOS PARA A CONSTRUÇÃO DE INSTALAÇÕES HYDRO-ELECTRICAS COMPLETAS, BONDES, ELECTRICOS, LINHAS DE TRANSMISSÃO, MONTAGEM DE TURBINAS E TUDO QUE SE REFERE A ESTE RAMO.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

Westinghouse Electric & Mftg. C.

PARA PREÇOS E INFORMAÇÕES DIRIJAM-SE A

BYINGTON & Co.

Largo da Misericordia, 4

TELEPHONE, 745-central — S. PAULO

Etablissements

Bloch

:: Société
Anonyme

au Capital de 4.500.000 francos. ::

—————
Fazendas
e Tecidos
—————

Rio de Janeiro

116, R. da Alfandega

S. Paulo - Rua Lib. Badaró, 14

Paris - 26, Cité de Trévis

CASA BRITANNIA

S. PAULO

Macdonald & C.

Moveis Finos
e Tapeçarias

Telephone Central 5019

Rua Libero Badaró N. 59

OFFICINAS E GARAGE MODELO

A. Dias Carneiro



UNICO IMPORTADOR DOS

**Automoveis OVERLAND e
WILLYS KNIGHT**

GRANDE STOCK DE ACCESSORIOS
PARA AUTOMOVEIS.

Deposito permanente dos Pneumaticos
"FISK.,

Mechanica-Pintura-Sellaria
Carrosserie - Vulcanisação -
Electricidade.

EXECUTA-SE QUALQUER ENCOMMENDA
COM RAPIDEZ.

TELEPHONES CENTRAL

ESCRITORIO N. 3479 — GARAGE N. 411

Caixa Postal N. 534 — End. Telegr.: ALDICAR"

RUA 7 DE ABRIL N. 38

Av. São João N. 18 e 20

Canto Libero Badaró

S. PAULO

PEREIRA IGNACIO & C.

INDUSTRIAS

Fabrica de Tecidos PAULISTANA e LUSITANIA nesta Capital, e LUCINDA, na estação de S. Bernardo (S. Paulo Railway).

VENDEDORES DE FIOS DE ALGODÃO CRUS E MERCERISADOS

COMPRADORES de Algodão em caroço em grande escala, com machinas e AGENCIAS nas seguintes localidades todas do Estado de S. Paulo.

Sorocaba, Tatuhy, Piracicaba, Tieté, Avaré, Itapetininga, Pirajú, Porto Feliz, Conchas, Campo Largo, Boituva, Pyramboia, Monte Mór, Nova Odessa, Bernardino de Campos, Bella Vista de Tatuhy.

Grandes negociantes de ALGODÃO EM RAMA neste e nos demais Estados algodoeiros, com Representações e filiaes em AMAZONAS, PARA', PERNAMBUCO, BAHIA, RIO DE JANEIRO, RIO GRANDE DO SUL.

ESCRITORIO CENTRAL EM SÃO PAULO:

Rua de São Bento N. 47

Telephones: 1536, 1537, 5296 - central - Caixa Postal, 931

Proprietários da conhecida "PLATINA,"
Água Mineral

Cognominada a VICHY BRASILEIRA — A melhor Água de mesa — Ação Medicinal — A PLATINA cuja FONTE CHAPADÃO, está situada na estação da PRATA, é escrupulosamente captada, sendo fortemente radio-activa e bicarbonatada sodica como a VICHY e é como esta agua franceza.

VENDIDAS EM GARRAFAS ESCURAS

The British Bank of South America Ltd.

FUNDADO EM 1863

CASA MATRIZ:

4, Moorgate Street-LONDRES

Filial em S. PAULO: R. S. Bento, 44

Capital Subscripto £ 2.000.000	Succursaes: Manchester, Bahia,
„ Realizado £ 1.000.000	Rio de Janeiro, Montevidéo,
Fundo de Reserva £ 1.000.000	Rosário de Sta. Fé e Buenos Aires.

O Banco tem correspondentes em todas as principaes cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canada, Nova Zelandia, Africa do Sul, Egypto, Syria e Japão. Emittem-se saques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se da compra e venda de fundos como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicas, emissão de cartas de credito, negociação e cobrança de letras de cambio, coupons e obrigações sorteados e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

RECEBE-SE DINHEIRO, EM CONTA CORRENTE
E A PRAZO FIXO, ABONANDO JUROS CUJAS
TAXAS PODEM SER COMBINADAS NA OCCASIÃO.

PHENO-DANICA

Superior Desinfectante



Vende se em caixas de 50
latas de 1 litro e em latas
de 10 litros e vidros de
100 grmamas

O mais perfeito desinfectante antiseptico para lavagem de casas. Não deixa manchas brancas gordurosas, e é o producto mais recommendvel para a saneação de logares humidos subterraneos.

O unico desinfectante capaz de neutralisar o cheiro pestifero dos monturos, sem reduzir-lhes a potencia fertilisadora.

Chamamos a attenção dos srs. criadores de gado e veterinarios para o uso antiseptico deste desinfectante no tratamento de febre aphtosa e molestias congeneres, bicheiras, bernas e carrapatos.

Peçam amostras gratis

A. BOYE & C.

Rua Libero Badaró, 6 - Telephone, 2007-Central
Caixa Postal N. 1410

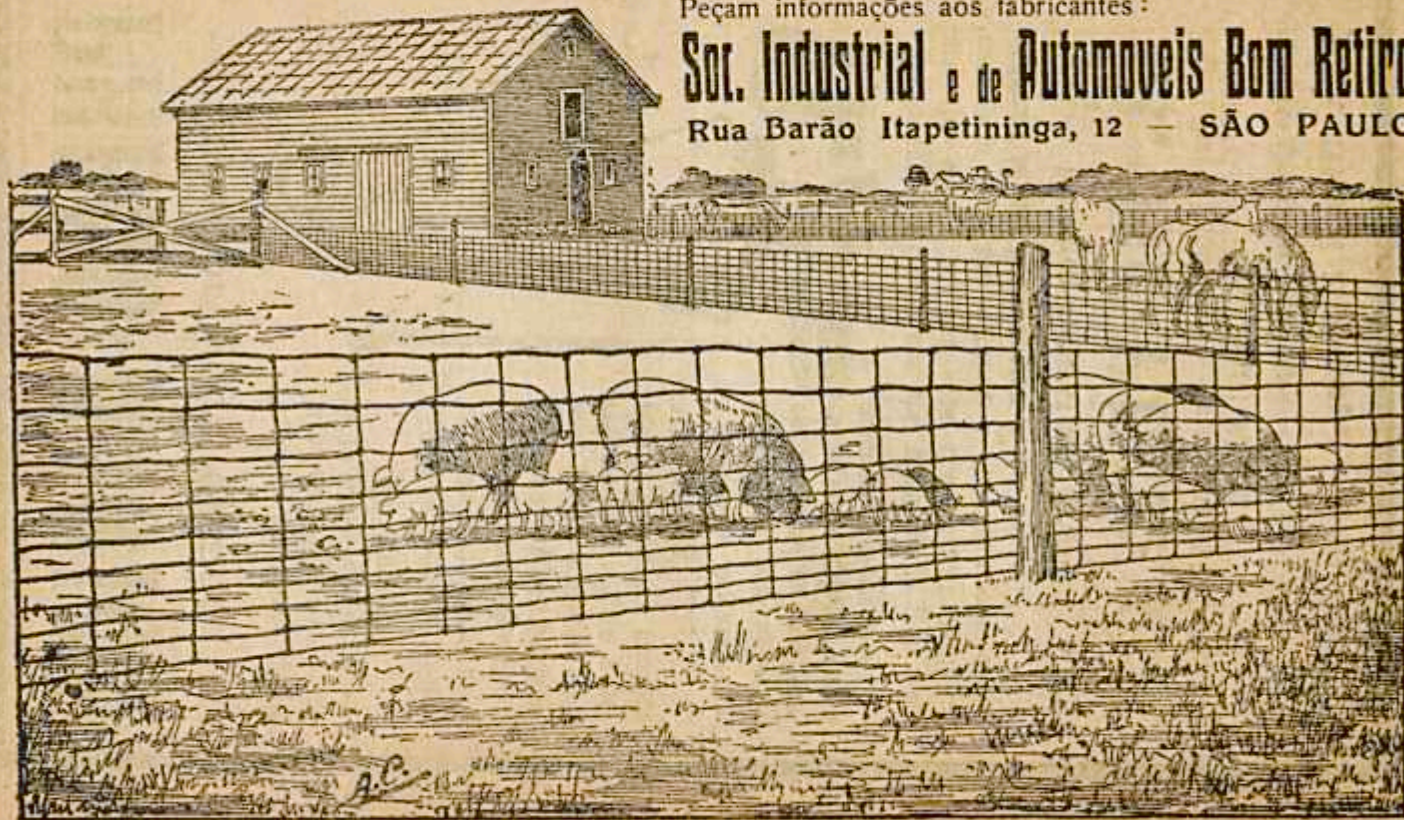
DEPOSITARIOS EM CAMPINAS: _____

José Milani & Comp. - Caixa Postal, 237

Cerca de Tecido "PAGE"

Peçam informações aos fabricantes :

Soc. Industrial e de Automoveis Bom Retiro
Rua Barão Itapetininga, 12 — SÃO PAULO



Wilson Sons & Co. Limited

R. B. Paranapiacaba, 10 - S. PAULO

Caixa Postal 523

ENDEREÇO TELEGRAPHICO:
" ANGLICUS "

Armazens de mercadorias e depósitos de carvão
com desvios particulares no BRAZ e na MOÓCA

AGENTEE DE

Alliance Assurance Co. Ltd., Londres	<i>Seguros contra fogo</i>
J. B. White & Bros. Ltd., Londra	<i>Cimento</i>
Wm. Pearson Ltd., Hull	<i>Crealina</i>
T. B. Ford Ltd., Loudwater	<i>Mataborrão</i>
Brocke, Bond & Co. Ltd., Londres	<i>Chá da India</i>
Read Bros. Ltd., Londres	<i>Cerveja Guinness</i>
Andrew Usher & Co., Edinburg	<i>Whisky</i>
J. Bollinger, Ay Champagne	<i>Chompagne</i>
Holzapfels, Ltd. Newcastle-on-Tyne	<i>Tintas preparadas</i>
Major & Co. Ltd., Hull	<i>Preservativo de Madetas</i>
Curtis's & Harvey, Ltd., Londres	<i>Dynamite</i>
Gotham Co. Ltd., Nottingham	<i>Gesso estuque</i>
P. Virabian et Cie., Marselha	<i>Ladrilhos</i>
Platt & Washburn, Nova York	<i>Oleos lubrificantes</i>
Horace T. Potts & Co., Philadelphia	<i>Ferro em barra e em chapas</i>

Unicos depositarios de

Sal legitimo estrangeiro para gado marca "LUZENTE"
Superior polvora para caça marca "VEADO" em
cartuchos e em latas
Anil "AZULALVO" o melhor anil da praça.

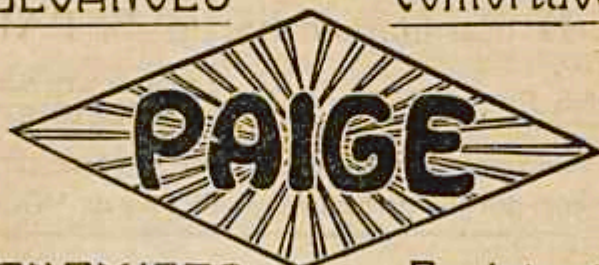
Importadores de

Ferragens em geral, tintas e oleos, materiaes para
fundições e fabricas, drogas e productos chimicos
para industrias, louça sanitaria, etc.

AUTOMOVEIS

ELEGANTES

Confortaveis



ECONOMICOS

Resistentes

O mais bello carro da America

Premiado por concurso na ultima exposiçãõ
realisada em Nova York



Peçam catalogos dos ultimos modelos

ESSEX

7 logares — Chassis nú adaptavel a qualquer
:—: carrosserie' :—:

Antunes dos Santos & C.

Rua Libero Badaró, 93-95
S. PAULO

XAROPE DE LIMÃO BRAVO

CURA:
TOSSE, ASTHMA,
COQUELUCHE ETC.



SOC. DE PROD. CHIMICOS
L. QUEIROZ S. PAULO

Casa Franceza

— de —

L. GRUMBACH & C.^{IA}

Rua S. Bento, 89 e 91

SÃO PAULO

Nas capitães européas e norte americanas, não se usam mais jardineiras para pôr nas mezas das salas de jantar; usa-se a jardineira multiflora. Estas jardineiras alem de apresentarem as flores de um modo mais variado, têm um aspecto artistico completamente

EIS ALGUNS MODELOS QUE TEMOS

novo.

:: SEMPRE EM STOCK ::



4553



4556



2140



4882



1382

N. 4553 - Armação metal dourado, 8 tubos cristal Baccarat . 45\$000

N. 4556 - Idem, 7 tubos idem . . . 40\$000

N. 2140 - Guarnição Mafelica Artistica o jogo . . . 50\$000

N. 4882 - Armação metal dourado, 3 tubos cristal Baccarat 25\$000

N. 1382 - Idem, 8 tubos cristal Baccarat 80\$000

A MAIOR CASA EXISTENTE NESTE
GENERO NO BRASIL

REVISTA DO BRASIL

Julho, 1919.

O tratado de paz.

Depois de discutido por todos, examinado por alguns, repellido por muitos, remodelado, ajustado e adaptado ás conveniencias dos mais fortes, foi, finalmente, subscripto em Versalhes um documento que pretende assegurar, não a paz permanente, mas um grande folego entre a guerra desencadeada em 1914 e as luctas armadas futuras. E' esta, pelo menos, a opinião geral dos commentadores e sociologos de ultima hora, que nas folhas dos jornaes se com-
prazem em tracejar os limites da acção desse tratado na evolução politica do mundo, prevendo já o primeiro grande choque de armas, e, concomitantemente, verificando entre que possiveis allianças elle se vae dar. Mesmo aqui, no Brasil, a mais grave cogitação tem sido, desde algum tempo, o estudo e a resolução das questões que possam surgir futuramente, respeito á nossa *entente* com a Polonia ou o Afagnistão, por exemplo. Do que nos toca directamente, aos verdadeiros interesses do paiz sob o reflexo do novo estado economico ou social internacional, pouco, pouquissimo se tem tratado.

E entretanto, o espectáculo que apresentou no ajuste de contas final a attitude das nações que maior vulto tiveram na contenda ainda mal acabada, deveria ser uma lição salutarissima para os povos, como o nosso, ainda sonhadores com: amizades internacionaes, sympathias de raças, solidariedade de culturas e quejando clichês. O que se está

a vêr, cada dia mais nitidamente, é que as nações, grandes ou pequenas, poderosas ou fracas, só têm a contar consigo mesmas, sem cuidar de auxilios ou protecções alheias, antes devendo prevêr a voracidade dos appetites das outras numa concorrência que se torna cada vez mais premente.

Em o nosso caso, deveríamos aproveitar todos os pretextos que se nos deparassem na emergência actual, para nos desligar de antigos compromissos politico-sentimentaes, fugindo ás allianças ou *ententes*, nas quaes como parte, mais fraca representaremos, inevitavelmente, o papel da panella de barro no passeio fraternal da fabula. Deveríamos procurar caminho tanto quanto possivel á parte, amparados em nossos proprios recursos, esforçando-nos por tomar um logar ao lado das outras nações, mas sempre só, orgulhosamente só, desconfiadamente só.

Rigth or wrong, my country, essa a divisa que os Brasileiros deveriam adoptar, emancipando-se das obsoletas preoccupações de agradar a forasteiros, ou de lêr, com elogios, nos jornaes estrangeiros, referencias aos nossos homens e ás nossas coisas.

Os povos não podem fiar-se uns dos outros, por maiores e mais eloquentes que sejam os protestos declamados nos banquetes protocollares.

Seria um grande beneficio da guerra, si os ultimos acontecimentos, pelas suggestões que provocam, tirassem dos olhos dos nossos patriotas de boa-fé a venda dessa illusão, na convicção final da velha verdade de que, se todo estrangeiro não é nosso inimigo, ao menos, os nossos inimigos só podem ser povos de outras terras, tocados de outros sentimentos e escravos de outros destinos.





O "CASO INTERNACIONAL"

II

Nesta segunda parte de sua memorável conferencia de São Paulo, é que o Sr. Ray Barbosa, depois de tratar propriamente do «caso internacional», explica as razões porque se excusou de representar o Brasil na Conferência da Paz

Gemeas

Ainda haverá, senhores, quem possa crêr que estivessemos, de verdade, em guerra com os Imperios Centraes? Têm toda razão os Doitches de Altrantes quem ainda vencida, não cessa de estar vencedora no Brasil, é a nossa grande Allemanha. Mas o phenomeno não é de extranhar. Nem duas frutas pegadas uma á outra serão mais incochas, nem dois fêtos do mesmo parto mais gemeos, do que a manha brasileira e a manha allemã nas mais ruins qualidades politicas da sua ronha. Só o inimigo de Deus e dos homens poderia engendrar dois sócias tão irmãos na sarna castelhana. O nome é de Garcia d'Orta, nas «Drogas da India», a que pode recorrer quem não dê com o alcance do euphemismo.

Convite para a Conferência de Pariz

Eis, senhores, como levavamos as coisas, quando as victorias allemãs soffreram o esbarro providencial, donde desandaram até o desbarato irremediavel e á capitulação incondicional, em que o armistício importava. Acercava-se, pois a reunião da Conferência da Paz, onde todo o mundo suppenha que não podia deixar de ser eu o embaixador do Brasil. Neste sentido se pronunciou a Nação por todos os seus orgãos, officiaes ou naturaes e do mesmo modo se exprimiu o conselheiro Rodrigues Alves, na carta que, aos 3 de Dezembro, me enviou de Guaratinguetá:

Eis os seus termos:

«Exmo. senador Ruy Barbosa. Hoje me dirijo ao exmo. sr. dr. Delfim Moreira, informando-o da resolução, assentada em meu espirito desde que fui reconhecido presidente, de convidar v. exa. para chefiar a delegação do Brasil, na Conferencia da Paz, que está prestes a ser inaugurada. Sei que o sr. vice-presidente tem o mesmo pensamento. E, aliás, a vontade geral da Nação, que assim presta mais uma homenagem ao preclaro nome de v. exa. Era meu proposito levar a v. exa. pessoalmente, esse convite. Infelizmente não posso fazelo por ter necessidade de mais alguns dias de descanso. O sr. ministro do Exterior, porém, dará a v. exa. todas as informações que se referirem áquella delegação e ao pensamento do governo quanto a fórma de a constituir.

«Apesar de grandemente honrosa a commissão, comprehendendo bem a extensão do sacrificio reclamado de v. exa. neste momento. Tenho, entretanto a maior confiança no patriotismo do meu illustre collega e a Republica espera, com toda a segurança, que v. exa. não se recusará ao seu appello. Com a mais distincta consideração, sou, de v. exa. admor., collega e amigo (a) *F. P. Rolz Alves.*»

“A vontade geral da nação”

Esta honrosa carta, senhores, responde antecipadamente ás miserias, de que a Secretaria do Exterior, pelos seus alugaes, tem apestado os jornaes cantando hosannas aos que, pelos seus manejos, obstaram o meu assentimento ao convite presidencial, grangeando assim ao Brasil a vantagem de ter na Conferencia da Paz uma representação, não oratoria, não dramatica, não retumbante não inconveniente á paz americana, mas pratica, mas discreta, mas cingida com a politica brasleira na sua attitude tradicional de conciliação entre a America do Sul e a America do Norte. Responde, toro a dizer antecipadamente, com a declaração official, pelo fallecido presidente de que a minha escolha era a vontade geral da Nação, coisa que, aliás, mais abundante e calorosamente disseram a Camara e o Senado, nas moções votadas, para me reduzirem a não recusar o convite.

O novo ministro do exterior

As intenções deste eram, evidentemente, sinceras, e verdadeiros os termos da sua carta. O malgrado presidente não occultava a resolução, que nunca deixou de nutrir desde o começo de me commetter a embaixada. Todó o seu erro foi ir buscar onde não devia, e em quem não devia, o seu ministro das Relações Exteriores, desastroso legado com que o acervo hereditario do preclaro presidente paulista está envenenando a politica internacional do Brasil, como o egregio presidente mineiro, o conselheiro Affonso Penna, com a herança do seu ministro da Guerra, deixou, sem



querer, envenenada a nossa politica interior até hoje. Duas fraquezas, dois momentos de inadvertencia muito têm custado, e muito mais ainda vão custar á nossa Patria em calamidades incalculaveis.

Nomeado por si mesmo

Como já porém, dizendo, senhores, o conselheiro Rodrigues Alves era leal no convite, com que me honrou. Mas o terreno, onde tinha os pés, estava mirado pelo formigueiro do Ministerio do Exterior. Já desde Washington o sr. Domicio da Gama se considerava a si mesmo como o futuro embaixador brasileiro á Conferencia da Paz. Nos jornaes se annunciou que sua familia o iria esperar na Europa. Não aguardou que o chefe da Nação brasileira o consagrasse nosso representante. Já veio com essa posição indicada e assente.

A intriga

Invólido achacado e sózinho em Guaratinguetá, o presidente da Republica era estranho ao sarilho da intrigalhada internacional e intranacional, que o enfiçava, sem que elle o presentisse, nem sentisse. Só aquelle seu internamento explicaria o correr-lhe despercebida a trama, que se urdia, visto como apesar de soterranea, se denunciava, como as solfataras e outras jazidas ainda menos cheirosas, pelos vapores, mais ou menos sulphydricos, das suas emanações. De vez em quando uma baforada tresandante rompia a crosta do segredo, e nos entrava pelos narizes com toda a violencia da sua indiscrição. Bastava ter olfacto, para sentir a decomposição, que se elaborava por baixo da terra, coberta, por cima, de amarello e côr de rosa, como os alegretes de roseiras e malmequeres dourados.

Com a primeira bafugem suspeita, que lambou os prelos se veiu a saber que o Brasil não daria um ar da sua graça na Conferencia, a não ser quando ella caminhasse para o seu termo (naturalmente em hora do café), e até lá o nosso mandatario seria, não se sabe se officiosa, ou officialmente, o illustre senhor Lansing, secretario de Estado no gabinete do presidente Wilson. Esta noticia não se desmentia.

Disso, entretanto, evidentemente não sabia o presidente Rodrigues Alves.

Mais tarde surdiu a curiosissima entrevista do sr. Domicio da Gama, creio que com «A Rua», onde o novo ministro do Exterior, seccionando a Conferencia de Pariz, em episodios, como um drama sem trama, composto de accidentes, sem acção principal, só no derradeiro episodios achava lugar para o Brasil. Não sei se o que está succedendo combina com esta originalidade, cuja esdruxulice opportunamente discuti.

O que, porém, devemos dar por sabido, é que de tal não tinha noticia o presidente Rodrigues Alves.

Afinal rebentou a famosa «Vária», do «Jornal do Commercio», «vária» que, posso-vos assegurar, sabiu do Immaraty. Nella, em desafio á verdade material dos factos postos ao alcance de todos, se dava por corrente e moente



que só os ministros das Relações Exteriores podiam ser chefes de embaixada na Conferencia da Paz. Ao mesmo tempo, de varios lados assomavam escriptos, mofinas mais ou menos literarias, entre as quaes o de um francez inscripto como «encostados», nas folhas secretas do Itamaraty, onde o pantalho parapateava que a Conferencia de Pariz não era como a de Haya. Na de hoje não havia logar para os discursos do sr. Ruy Barbosa, pois agora o que se queria, era «acção discreta».

Naturalmente, a primeira teria sido a das palrarias alegres: a das maitacas. E ahí bem cabia eu. A outra seria a dos pios e guinchos nocturnos: a dos mochos, buchos e ventriloquos. Ahí é que encasam os estadistas. Logo, a pintar estava para o sr. Gama.

O ministro põe e dispõe

Tambem disto, porém, não tinha suspeito o conselheiro Rodrigues Alves, que não pensou no homem da «acção discreta», e optou pela minha suada oratória de Haya, com toda a sua rancidez.

Nesse entretanto, sem dizer «Água vai» ao presidente, de quem era secretario o novo Gama, de olho no Cubo de Boa Esperança, e não acreditando que da cama do presidente valetudinario lhe surgisse o Adamastor do pronontorio das Tormentas, a tal ponto se reputava já collocado na direcção da embaixada, que elegu, e apalavrou os seus dois companheiros, convidando para o ladearem na missão, os srs. Pandiá e Epitacio.

Tão de pedra e cal estava isso tudo que, aos 30 de Novembro, se preveniam, por parte do Itamaraty, para o sr. Pandiá, dois camarotes de luxo, nos quaes de feito, mais tarde, seguiu viagem o dito senhor, declarando a quem não tardou em dar com a lingua nos dentes que ia adiante, *para vigiar as finanças da embaixada*. Boa vela! Como não velou elle, na Favelada, pelas finanças do Thesouro!

Não menos de tres vezes, cuidó eu, insistiram com o sr. Epitacio, que declarava não comprehender a embaixada senão sob a minha chefia e, ainda aos 10 de Dezembro, numa entrevista á «Rua», chamava á escolha do meu nome a summa verdadeira aspiração nacional.

Como se não houvesse presidente

Todas essas coisas, porém, se arranjavam, corriam, e duravam á revelia do presidente. Era como se este não existisse.

Duas certezas, em todo esse negociamento, são incontestavelmente certissimas.

Uma vem a ser que o sr. Domício da Gama, desde a sua chegada, antes de se entender por qualquer modo com o presidente da Republica, tinha por seu o logar de chefe da embaixada, e convidou immediatamente para seus auxiliares o sr. Epitacio com o sr. Pandiá. Não pode haver nada mais certo, porquanto o proprio sr. Gama em minha casa, aos 6 de



Dezembro, quando me pediu, em nome do vice-presidente, que com elle me fosse ver no Cattete, m'o confessou sem reservas, buscando escusar-se do erro confessado.

Condemnado pelo presidente

A outra certeza é que de tal não teve o menor vislumbre prévio o conselheiro Rodrigues Alves, e, quando, posteriormente, o soube, se indignou do abuso. Também não pode haver nada mais inquestionável; pois quem disse me inteirou, foi o dr. Rodrigues Alves, quando, aos 5 de Dezembro, me foi levar á minha casa, em S. Clemente, a carta de seu pae, e solicitar que eu recebesse, ao outro dia, o ministro do Exterior. Expresso de seu illustre progenitor e seu emissario, declarou-me o dr. José Rodrigues Alves que o comportamento do sr. Domicio da Gama desagradara, contrariara e magoara seriamente o conselheiro, que este o condemnava, instando, todavia, comtigo, para me não embaraçar com o ministro, e confiar nelle, ao presidente, em quem encontraria segurança absoluta no exercicio da missão para a qual me convidava.

Motivos da recusa

A tal condescendencia, porém, se me anrolhavam embargos indeclináveis. As noções da moral politica, não as bebi na escola deste regimen. Bebi-as na do outro, onde também se criou o nosso fallecido presidente. Mas o illustre paulista se avessou melhor que eu ás novidades deste. Naquelle não havia ministros de rêsca e porca. Naquelle o membro do governo, sobre cuja lealdade corresse a mais leve sombra de duvida, não esperava que o punsem na rua. Naquelle as relações dos ministros uns com os outros, ou delle, com o chefe da nação, não toleravam uma arranhadura, nem uma rêsca na epiderme.

O meu caso com o sr. Domicio, ou mais á propria, o caso do sr. Domicio com o conselheiro Rodrigues Alves cahia em cheio debaixo das sanções dessa moralidade, cujo estofa a Republica brasileira tem coçado até o fio, a que entre homens de bem ainda não está contra a moda.

Fosse questão de camaradagem, cortesia, ou amizade, e muito grato me seria corresponder a uma distincção com uma condescendencia. Mas era um ponto de lisura, boa fé e honra. Não se poderia liquidar senão em terreno limpo.

S; o sr. Domicio, secretario do presidente da Republica, sem outorga deste, cortara para si mesmo o quinhão da embaixada, procedera como se a nomeação lhe estivesse assegurada, e convencionara logo a nomeação dos seus companheiros, traindo, assim, a confiança presidencial, usurpando a autoridade presidencial, e turbando a politica presidencial, não era licito ao presidente mantelo como seu secretario, sem rebaixar este cargo, e desautorar o proprio.



Por outro lado, se o presidente da Republica, sciente do multiplo abuso, da multipla quebra de confiança, da multipla indiscrição, da multipla indelicadesa, não occulta a reprovação, que lhe inspirava; se exautorando o seu ministro já designado por si mesmo como embaixador, lhe denega esta graça, e, passando por sobre elle a confere a outrem, não era licito a esse ministro, desconsiderado, censurado, corrigido, ás escancaras, pelo seu chefe, continuar a servil-o, sem faltar com o respeito a si mesmo, ao seu superior e a quantos o continuavam vendo, por desapego da propria estima e apego ás vantagens do cargo, na posição que moralmente perdeu.

Poderá elle indultar-se a si mesmo. Poderá o seu superior agraciá-lo com o perdão. Seria, contudo, sempre, um agraciado, um indultado, a quem se não levaria, talvez, em conta o peccado no outro mundo. Mas neste difficilmente recobraría, entre os homens, o direito á confiança, de que desmereceu uma vez gravemente. «Cesteiro, que faz um cêsto, faz um cento», diz o adágio. Outro rífão, não menos sabio, nos aconselha: «Pelo fio tirará o novelo e pelo passado o que está por vir».

Não tendo sido leal ao presidente da Republica, árbitro da sua posição e carreira — ser-me-ia licito contar que a mim o fosse, a mim, na situação de seu dependente, de orgam da sua autoridade? Se não acoutou a do presidente da Republica, e lhe armou laços, para lhe subtrahir o que elle não lhe queria dar, e o obrigar ao contrario do que elle estava resolvido a fazer, — como poderia esperar eu que respeitasse, na minha ausencia, os meus direitos, eu contra quem elle guardaria o resentimento de o haver lesado nas suas ambições, e que não teria outra guarda pelas costas, senão a d'elle mesmo? Se a taes inconveniencias, taes indiscrições, taes impertinencias ousou abalançar-se contra o chefe da nação, — que não ousaria contra o embaixador, a quem o avantajava todo o seu ascendente em poder, em direitro em recursos de publicidade, em agentes officiaes, em meios de malfezer?

Considerae bem, senhores, na traça do alçapão, a que escapei, nas cangarilhadas do caçador, que me armava o alçapé. A presa, que primeiro esta armadilha ia colher, era o presidente da Republica. Chega o sr. Domicio, e não encontra aqui o conselheiro. Mas daqui a Guaratinguetá seriam apenas sete ou oito horas de viagem. Ir vel-o era delicadesa, era agradecimento, era obrigação, era necessidade. Não vae. Não vae; e, de cá, de longe, a sós lhe apparelha a cilada. Annuncia-se embaixador, insiste em se annunciar, e reannunciar. Não o consulta. Não lhe escreve. Não lhe telegrapha. Não lhe telephona. Em summa, não o inquire, não lhe solicita, não se autorisa, não o previne. Mas lança a sua candidatura, a sua escolha a sua nomeação, como indubitaveis. Só o ministro do Exterior podia ser o chefe da embaixada.

O presidente porém, que a falcatrua visava antes de mim, não chega a se enfiar na esparrela. Acode a tempo. Tem-lhe mão. Desarma a burla, e dá-me voz de o ajudar, acceitando o lanço, que o seu habil ministro armara para si mesmo. O buiz, entretanto, continua armado e o caçador ao pé á espreita da outra victima, que agora havia de ser eu. Falhara

o presidente? Não falharia o embaixador.

Bem vêdes senhores. A situação não admitia outra alternativa: ou eu, ou o sr. Gama. Se o presidente se achava, dignamente, compatível com o seu secretario eu não me podia sentir, decentemente, compatível com o ministro.

Estav. nas mãos do presidente a escolha. Optou pelo secretario? Então, implicitamente, me tinha posto á margem.

A primeira das minhas objecções ao convite não era, está claro, irremovível. Pelo contrario, dependia sómente do arbitrio presidencial. Se a minha escolha constituia, como o conselheiro declarou, na sua primeira carta, a *vontade geral da nação*, não lhe era dado a elle hesitar entre a minha nomeação e a conservação do ministro, infiel ao primeiro dos seus deveres, o da fidelidade ao seu chefe. Hesitou? Hesita? neste caso, ou não sentia as suas aílavras, ou antepunha o seu escolhido ao eleito da nação.

Outros motivos

Depois, senhores, a consptração não urdira só deste geito a sua teia. Quando o sr. Manuel Victorino, em 1897, me convidou para a missão da Goyan; Francera, de que declinei; quando o barão do Rio Branco, em 1905, me chamou para a missão da Conferencia de Haya; quando o sr. Lauro Muller em 1916, me offereceu a missão de Buenos Aires, — todos e cada um delles me constituíram soberano absoluto quanto á organização da embaixada e á escolha dos meus companheiros. Comigo, com quem quer que esteja ou seja considerado na altura de um cargo desta natureza, não póde, não poderia ser de outra maneira.

Ma: a embaixada a Paris estava constituída, quando recebi o convite do presidente. O sr. Domicio da Gama, quando aos 6 de Dezembro me procurou, solicitando a minha visita ao vice-presidente, declarou-me que os dois outros membros da embaixada estavam já convidados; e não me disse que esses convites cessavam. Ao contrario, accumulou a elles, ainda, a indicação do sr. Helio Lobo como secretario da missão. Nem o meu secretario, pois, teria eu faculdade para escolher. Era isso um convite, ou uma afronta?

Eis a questão de boa fé, dignidade e honra, posta com a clareza, que a caracteriza. Se ella, de si mesma, já se não apresentasse tão energeticamente, a minha experiencia da embaixada a Buenos Aires bastar-me-ia para lição. Quem uma vez passou pelo que eu passei nas mãos do ministro e dos seus agentes em 1916, não iria expor-se á repetição em 1918. Com um secretario de Estado em que não deva ter confiança, um homem que se prese, e esteja são do juizo, não póde aceitar a missão de embaixador.

Se o conselheiro Rodrigues Alves me convidava deveras, não podia ser senão dando-me o mais pleno arbitrio na composição da embaixada, e entregando o ministerio do Exterior a um secretario, que me não fosse hostil, nem houvesse quebrado a fé com o chefe da nação.



De passagem, senhores, me admittireis, ainda, espero eu, uma ponderação quanto ao feiço, com que se organisou a embaixada.

As proporções em que se ia constituir, e se constituiu a embaixada tambem não me animavam a accêta-la. O Brasil contentou-se em enviar a Haya um embaixador, embora muitas potencias mandassem tres. Agora se annuciava que iriamos imital-as. Não sei por que. Deviamos guardar a modestia do nosso lugar, em vez de ostentarmos grandezas, que nunca estão bem aos pequenos. Esta a minha opinião, e a minha opinião devia ser ouvida se o presidente me queria dar a chefia da embaixada.

Se m'a perguntassem, eu aconselharia que a missão brasileira levasse consigo um corpo de technicos, civis e militares, cuidadosamente escolhidos, mas que não houvesse mais de um embaixador ou ministro. Sendo muitos, divergiriam todos os dias nas innumerias questões occorrentes. Todo o tempo seria pouco ao chefe da embaixada, para discutir com elles. Quasi nada restaria para o estado e trabalho. O chefe carregaria com a responsabilidade total; mas tendo uma autoridade liada pelas divergencias, que, muitas vezes, nos entorpeceriam a acção, e nos esterilizariam o trabalho.

Esmerilha-se a intriga

Deixando, porém, esta consideração accessoria, volvamos ao que examinavamos: ao caracter do convite e ás intrigas do conviço, que o baldou.

Uma dellas se revela, com singular expressão, nas circumstancias que lhe rodearam o desenlace.

Nota-se bem o caso. É' mudo. Mas de uma eloquencia irresistivel.

A carta do conselheiro, datada de 3 de Dezembro, só em 5 me chegou ás mãos. Nella foi que se me dirigiu o convite. No dia 6 tive a honra de receber o sr. Gama, a solicitação do dr. José Rodrigues Alves. Pedia-me elle, em nome do vice-presidente, uma visita a este no dia 7. Seria a ratificação do convite, que eu recebera do presidente dois dias antes.

Não discuto o estranho regimen, que taes factos denotavam. O presidente não governava não estava, sequer, imittido na posse do cargo. Mas, de facto, era seu o convite, que se me endereçára, e sua seria a minha nomeação. O vice-presidente era quem exercia a presidencia; e, todavia, nessas circumstancias apenas assistia, com a sua chancellia. Mas não apuremos. Tomemos as coisas, taes quizes eram, e prosigamos.

Fallam as datas

Escrevi a minha carta de recusa aos 8 do mez. Aos 9 a recbeu um dos filhos do conselheiro. Devia ser levada ao destinatario nessa mesma data. Mas assim não succedeu. Della só tomou elle conhecimento aos 10 de Dezembro ao chegar aqui de S. Paulo. É' o que annunciaram os jornaes. Tê-la-la, realmente, lido logo nessa data? Póde ser que sim, póde ser que não. O certo é que só me respondeu aos 12, em carta que se me entregou no dia 13.



Ora, tendo-me escripto o presidente *tres dias antes* do vice-presidente me enviar o ministro do Exterior, e *quatro dias antes* do em que me fez por sua parte, o convite, — como se explicará que, não me tendo o presidente respondido senão em 12 do mez, *já no dia antecedente*, isto é, aos 11, *me respondesse o vice-presidente, accitando-me a recusa?*

Nesse dia, aos 11 do mez, havia apenas vinte e quatro horas que o conselheiro Rodrigues Alves recebera a minha carta, a que só respondeu, como já vimos, *vinte e quatro horas após essa data*. Como é que, sendo elle o autor do convite, é o sr. Delfim Moreira quem delibera aceitar a recusa? Como aceita o sr. Delfim Moreira unicamente *em seu nome*, quando o convite se effectuou em nome do conselheiro, e só em segundo lugar, *dois dias mais tarde, no seu?*

Mãos mysteriosas baralharam, evidentemente, essas cartas. Quasi na mesma data em que o presidente conhecia da minha missiva (10 de Dezembro), e um dia antes de lhe ter podido elle dar resposta (12 desse mez), já o vice-presidente, aos 11 d'elle, me dava por aceita a escusa, encerrando o caso.

Não fo., portanto, o conselheiro Rodrigues Alves, que aceitou a minha escusa. Antes que elle tomasse pé no assumpto, e vinte e quatro horas primeiro que me respondesse, já o vice-presidente lhe tomára a dianteira, accitando-me a recusa de uma nomeação, cuja offerta era, não sua, mas do presidente.

Destarte quando, aos 12 do mez, me escrevia o conselheiro Rodrigues Alves, já lhe haviam, de vespera, tirado a liberdade, para aceitar, ou não, a recusa, accitando-a á sua revelia.

Era clara a pressa, o açodamento em darem por acabada a historia, em cortarem a hypothese, que membros da familia do presidente davam como certa, de não estar elle pela minha escusa, e insistir no convite.

Ultimo traço

Mais um traço digno de estudo sobressae nesta conspiração palaciana. Apesar do estado mortal de sua saúde, ambas as cartas que recebi do conselheiro Rodrigues Alves, das quaes a segunda já é longa, são de seu punho. Parece que o caso devia merecer, tambem, ao sr. Delfim Moreira a honra de um autographo. Mas não. A sua carta é breve, e de mão estranha. Tem unicamente, de seu a firma. Escrevel-a de sua letra poderia, talvez, retardar a conclusão, que devia ser fulminante. Então o sr. Helio Lobo deu o seu estylo, o sr. Rangel de Castro a sua calligraphia, o sr. Delfim Moreira a sua assignatura. E, num *anda mão, na dedo*, estava o sr. Domini como queria.

A estupenda mentira

Consumada, porém, a sua obra, esses homens sentem que acabam de praticar alguma coisa, com a qual o mundo internacional, a Europa aliada.



não estaria de accordo, alguma coisa, de que, se o soubessem no estrangeiro, a impressão, não os envergonhando, está claro, os envolveria no asco dos jovens que nos conhecem; e, para desorientarem a opinião culta, mandam mentir descaradamente á Europa com o pregão official de que eu recusei a presidencia da delegação brasileira na Conferencia da Paz *por motivos de saude*, e de que, em razão dessa recusa, estribada nessa causa, *edé* que se alterou a composição da embaixada.

Aqui está senhores, no «Tempo», de 16 de Dezembro, pg. 4, o documento, a nota de proveniencia indubitavelmente official, onde se imbuete aos nossos amigos de além-mar a deslavada e estupenda falsidade:

«La Conférence de la Paix. — La Délégation du Brésil. — C'est pour raisons de santé que le sénateur Ruy Barbosa a refusé la présidence de la délégation du Brésil á la Conférence de la paix. En raison de ce refus, la composition de la mission a été modifiée. Elle sera formée du sénateur Epitacio Pessoa, ancien ministre, de M. Pandiá Calogeras, député, ancien ministre des finances, et de M. Olinho de Magalhães, ministre á Paris.»

A nota com todas as miudezas proprias da sua origem depois de aquinhoar com algumas linhas o sr. Heílio Lobo, os alvidos militares, os dois conselheiros e os cinco secretarios de legação, remata, annunciando ao mundo attento e pasmado que o sr. Calogeras embarcou no «Vasaris» para a Europa.

Eis aqui está como se explicou ao outro continente por que é que o sr. Epitacio Pessoa está na Conferencia em logar do sr. Ruy Barbosa.

Quando com essas criações da sua fantasia interessada mandava o sr. Domicio da Gama, ministro do sr. Rodrigues Alves, embair a Europa, o que eu acabava de communicar ao sr. Rodrigues Alves, numa carta lida e relida pelo sr. Domicio da Gama, é que eu não accitava a embaixada, porque, em ultima analyse, o seu convite, de mera apparencia, não era, na realidade, attentas as circumstancias, alli detidamente relatadas e ventiladas, senão um simulacro do convite.

«Se v. exa., depois de me lér, entrar com serenidade na sua consciencia, ha de reconhecer, estou certo, que eu, em darradeira analyse, não recuso um convite, mas antes uma apparencia de convite.»

Taes, senhores, segundo a versão do Ministerio do Exterior para a telegraphia estipendária, *«as razões de saude*, pelas quaes eu declinei da embaixada.

Onde terá senhores, o pudor este mundo official brasileiro?? Provavelmente onde o humorismo de Swift collocou a mais maravilhosa maravilha das maravilhas *the most wonderful wonder of wonders*.

Excusas no exterior, dentadas no interior

Mas, enquanto, no estrangeiro, se cuida esconder atraz da sua mentira, como o estúpido avestruz debaixo das proprias azas, — o governo brasileiro,



aqui para o nosso uso interno, encarrega os sabujos internacionaes, que o servem augmentada edição dos larapios internacionaes, encarrega a plolharia jornalística de mostrar o que o Brasil tem lucrado com a troca de embaixador da Conferencia de Haya pelo embaixador do sr. Domicio da Gama. Haya lo: uma patacoada, arena para exhibição de ambiciosas personalidades. Em Paris sim, é que sem descabidas preocupações de impressionar congressos internacionaes, *«pela primeira vez o Brasil é admittido a figurar no circulo das potencias, e, pela primeira vez tambem, a nossa opinião é acatada a proposito de problemas mundiaes.»*

Problemas mundiaes? Como não? Realmente, esses inauditos acontecimentos são de uma grandiosidade tal que só se compara á sua invisibilidade. Grandes, talvez, como esse ether, que se suppõe abranger os mundos, e ninguem o vê. De uma grandiosidade que todo este povo junto os não divisa, por mais óculos e lentes que se ponha. De uma grandiosidade tamanha, que, depois de annunciados, a curiosidade universal os anda a procurar de telescopios, tão felizes como os que se cansam a esquadrinhar as populações da lua ou de Marte. Mas devemos crer que existam: são de fé, uma vez que os apregoam os cornetins officiaes. Este momento, no Brasil, é dos cornetins.

Desde os cornetins de tintureiro até os dos moços de frete politicos e os dos mascates estrangeiros, são elles as nossas tubas sonoras e bellicosass, elles os que vão guiando a nossa marcha para a gloria.

Realmente, bem avisados andaram os amigos do sr. Gama na imprensa em ligar esses acontecimentos ás instrucções dadas pelo nosso ministerio das relações exteriores.

Auto-retrato

Vieram, pois, bem a tempos de nos retratar essa personalidade admiravel as *Notas Americanas*, com que, num «Jornal do Commercio» de fevreiro deste anno, aos 19 desse mez, se recheiavam tres columnas de materia desentrelinhada.

Alli vemos o sr. Domicio da Gama, bem diverso do que em quatro palavras o pintava, sorrindo, Eça de Queiroz, alli o vemos o homem que na verdade, é: o anglo-saxonio, norte-americano em todas as qualidades caracteristicas da personificação de uma entidade privilegiadamente internacional.

Como os norte-americanos e anglo-saxonios, não tem «a gesticulação abundante, o exressc de adjectivação e o exaggero de tropos, usados commummente na oratoria dos latinos.» Como os anglo-saxonios e norte-americanos, o seu discurso tem a feição de uma conversa em tom mais alto, e não dispensa, de vez em quando, a sua ponta de humorismos. Como os norte-americanos e anglo-saxonios, quando quer dedilhar as tecias do humorismo, «condição essencial de exito, principalmente nas solemnidades festivas», começa, dand' rebato ao auditorio (para que este não lhe tome o humorismo por outra coisa), com avisos desta laia: «Senhores, desejava agora usar do humorismo, tão empregado pelos americanos em seus etoasts». Como os anglo-



saxonios e norte-americanos, sente elle que é spor demais criticos, ousa confessar-se modestamente desta elegancia, e não pôde tolerar a gente incompetente, que se mette a discutir os problemas do mundo, deixando-os numa confusão lastimavel.

Numa palavra, em tudo o que obra, ou articula, se revela bem o homem de letras repassadas de um idealismo suave, sem a forma retumbante, usada pelos politicos profissionais; de sorte que os seus brindes norte-americanos e anglo-saxonios valem bem um programma de acção discreta e consciante.

Sombras dos antigos lentes da Polytechnica, manes de Eça de Queiroz, espectro de Rio Branco! Pois um merecimento destes necessitava de padrinhos? uma literato destes podia incorrer em desdens? um estudante destes era homem que se jubilasse?

O estinavel panegyrico não traz nome de autor, curiosidade para notar, quando o grande organ tem correspondentes nos Estados Unidos, e delles estampa regularmente escriptos assignados.

Nem por isso haverá quem suspeite nas caricias desse debuxo o pincel do retratado. Não, não é uma autophotographia. Não, não é Narciso a mirar-se no espelho da propria admiração. Quem não vê, naquella miniatura, a palheta norte-americana, o colorido norte-americano, o esmalte norte-americano? Pois não se está sentindo, alli, o puro aroma de Washington, o legitimo ambiente de Nova York, o cunho peculiar da terra, onde se ora sem gestos, se pensa sem adjectivos, e se escreve sem tropos?

Voga a novo rumo

Quod abundant, non nocet, quando o que abunda, não é máu. O nobre sr. Gama teve o privilegio de deixar a pelle brasileira nos Estados Unidos, onde lhe está hoje a sua ametade mais nobre, e nos voltar, dalli, com pelle americana. Mais americano, hoje, do que brasileiro, qual o desenha a sua carinhosa apologia, mais americano, digo, do que brasileiro, como o sr. Lauro Muller é menos brasileiro do que germano, — á bemaventurança dessa transmutação, é que se estará devendo, agora, a salvação do Brasil.

O Brasil, ao que parece, garrava para a Europa, derivava para os barbaros gauzezes para os britannos rudes e absorventes. O Brasil vogava para as rochas, onde se acolta o polvo internacional, e estava para se ver nos tentaculos de Allion, a conquistadora, nos da Gallia voraz e rapinante. Já se se sentia quasi na pelle *os olhos do polvo*. Eis senão quando surge a Providencia na voz do nosso Gama, não um Gama qualquer, dobrador de cabos, explorador de Africa e descobridor de Indias, mas um Gama á moderna, senhor das correntezas do mundo, um Gama, a cujo aceno se mudam continentes, e a America do Sul poderia transportar-se á do Norte. Não era Nereu, ou Tritão. Não meneiava tridentes, nem

em cabeça por gorra tinha posta
uma mui grande casca de lagosta.



Mas, ao assomar delle, alvoricaram de carreira gallos e bretões, como duendes ao branquear da madrugada; e o Brasil deu tino então de que estava na America do Norte.

E' o que nos dá o Itamaraty a saber num dos seus pregões reguinchantes. Ouvi-lhe, senhores, o falsêto:

«Não tivesse o Itamaraty voltado, em 15 de Novembro, ao curso bem caracterizado da orientação americana, de que nos tinhamos deixado afastar nos últimos tempos do governo do sr. Wenceslau Braz, e, certamente, não teriamos podido assumir na Conferencia da Paz, attitudes, que embora não tenham impressionado a nossa imaginação com grande intensidade dramatica, representam, contudo, a mais elevada posição internacional, que o Brasil até hoje assumira entre as grandes nações.»

Attentastes bem, senhores? Percebestes o que diz o esganiço? As attitudes, que temos assumido na Conferencia da Paz, representam a mais elevada posição internacional, que o Brasil até hoje assumira entre as grandes nações.

Explosões de zorrilho

Mas senhores, é demais. A bajulação pode cair até á sabujice, que ainda mexe com a cauda. A sabujice pôde baixar até o capachismo, em que se limpam as solas das botas. O capachismo descerá, talvez, até á cloacagem, que tresanda, mas ainda encontra narizes complacentes. Ha, porém, alguma coisa ainda peor: é o cheiro a cadaver, a putrefacção tumular convertida em tinteiro dos aduladores publicos, dos sycophantas da imprensa.

Só um doente de anosmia absoluta, só quem de todo em todo houvesse perdido o olfacto, não tontearia ás exhalações dessa eructação de venalidade pôdre, como o animal alcançado por uma explosão da marita caca.

As taes attitudes

Dizei-me, senhores, se o sabeis (eu não sei): quaes são essas attitudes do Brasil na Conferencia da Paz?

Tenho evitado, quanto posso, apreciar a politica desenvolvida, em nome do Brasil naquella assembléa, politica de que tanto buscam os thuribularios do nobre ministro accentuar que a inspiração é sua, e sua a direcção. Não sei ainda se o Brasil tem allí, propriamente, uma politica. Nem tão pouco me tenho occupado a julgar. Vi que annunciou sympathisar com a causa das nações fracas. Mas não conheço actos, iniciativas, resultados, ou formulas precisas, que definam praticamente essa attitude, e lhe dêem importancia real.

Fretenderem, porém, que nunca nos coube *«posição internacional tão elevada»* quanto a que, hoje allí desfrutamos, é exceder a medida á paciência dos santos. Esses panegyricos venaes e banaes seguem o calculo de atordoar pela enormidade, pelo desatino, pela insensatez.

Se não se trata, nesses elogios, da política de solidariedade com a causa das nações fracas, não percebo a que outras atitudes alludiriam elles. Se, pelo contrario, é a essa attitude que alludem, seria o mais atrevido rasgo de charlatanismo adulatorio entrouxar com os titulos do sr. Domicio da Gama, dando como novidade sua e como elevação internacional nunca obtida na historia brasileira, a reivindicacão de idéas, que constituiram, na Conferencia de Haya ha doze annos, o objecto capital da nossa politica, do nosso trabalho da nossa grande victoria, não só moral, mas ainda politica, naquella assembléa.

Mintam como quizerem, façam do sr. Domicio da Gama, se lhes apraz, a estatua do sonho de Nabucodonozor, com o seu tamanho, os seus metaes, o seu barro e a sua quédá. Mas não queiram para agigantar o individuo, que lhes paga, amesquinhar e despojar o Brasil de valores como os de Haya, enxugando as sujas mãos nessa pagina, memoravel a par das mais memoraveis em nossa vida entre as nações. Que me ponham a mim abaixo do sr. Epitacio accitarei. Não chego aos amarrilhos dos seus sapatos. Mas que entendam collocar a situação brasileira na Conferencia de Pariz acima da situação brasileira na Conferencia de Haya, passa fóra miseraveis!! E' jogarem com a honra do Brasil, e dilapidarem o thesouro historico da sua reputação.

A voz dos Estados Unidos

Vá o nobre ministro arranjando a vida á custa dos Estados Unidos. Vão-lhe os aduladores arranjando á custa dos Estados Unidos. Vão-me á custa dos Estados Unidos arranjando as hostilidades recrescentes: hostilidades, hontem á minha embaixada; hostilidades, hoje, á minha candidatura. Mas é dos Estados Unidos, é de Nova York, é da *United Press* que nos chegou este telegramma, firmado pelo sr. Mason, subdito dos Estados Unidos e dado a lume, em 8 de mez atrazado n'«*O País*», órgão não suspeito ao sr. ministro nem ao seu ultra-americanismo.

O despacho telegraphico alli vem, na primeira columna da primeira pagina, sob o titulo «*A ausencia de Ray Barbosa*»:

«NOVA YORK, 7 (U. P.) — Em vista da attitude assumida pelos representantes do Brasil na conferencia da paz em prol das nações fracas, *considera-se em geral digno de lastima o facto de Ray Barbosa, o principal delegado do Brasil na ultima conferencia de Haya e o qual conquistou reputação internacional como grande estadista, sabio e discursador, não estar presente em Pariz, porque elle deveria estar trabalhando com o presidente Wilson, cujos ideaes são identicos aos do grande conselheiro brasileiro.*

«A suspeita de que as grandes potencias tentam ampliar os seus interesses proprios pela obtenção de maior representação nas côrtes de arbitramento na Conferencia de Par é causadora dos pedidos das pequenas nações para igual representação na Liga das Nações.



«A desconfiança das grandes nações é geral entre as pequenas que pelos seus pedidos de garantias contra arbitramento em côrtes injustas, terão que ser estudadas com sympathia, se se quiser garantir o exito da Liga das Nações.

«*O presidente Wilson, embora reciba o apoio das pequenas nações, é no entanto o representante de uma das grandes nações e acredita-se que os designios das pequenas nações teriam sido mais facilmente expressos e conservar-se-lham mais unidos se lhes tivesse sido dada a chefia de Ray Barbosa, cujo trabalho sem duvida teria conquistado o objectivo desejado, tanto pelo presidente Wilson, como pelas pequenas nações.*

«*A chefia de Ray Barbosa, a qual estaria garantida devido á attitude que elle assumia durante a ultima conferencia de Haya em prol das pequenas nações, redundaria a favor da situação politica e do credito do Brazil.*»

Não perdestes, senhores, a linguagem deste depoimento esmagador? Revisite-lhe as palavras? A causa das nações fracas, actualmente, é a causa, que o embaixador brasileiro levantou em Haya. Essa iniciativa de 1907 asseguraria hoje na Conferencia de Paris, a esse embaixador a chefia das pequenas nações. A sua volta á Conferencia de agora, como advogado, constituido ha doze annos, das pequenas nações, «relataria em bem da situação politica e do credito do Brazil.» Nessa posição, «o seu trabalho teria, sem duvida, conquistado o resultado desejado tanto pelas pequenas nações, como pelo presidente Wilson.» Era elle, enfim, o homem, que «deveria estar trabalhando» com o presidente Wilson, cujos ideaes são identicos aos do grande conselheiro brasileiro.»

Inclinações para a Inglaterra

Quando esta é a consideração, de que me rodriam nos Estados Unidos, quando alli se reconhece que os ideaes do sr. Wilson são identicos aos meus, brasileiro» ha, que, para gozo do sr. ministro do Exterior, guindado, pela rélla bajulice desta época, acima do meu mais seculo de serviços nacionaes e internacionaes ao Brazil, brasileiros ha, que me tratam como inimigo daquela republica, e, a titulo de não a desgostarem, applaudem a felleoria do sr. Domicio no acto de cobiça immoral com que atraiçou o conselheiro Rodrigues Alves; dão-lhe honras de hablissimo diplomata, extremado patriota, distinctissimo alumno do barão do Rio Branco; fazem d'elle o esteio das boas relações de nosso paiz com aquelle, e, em nome deste interesse, fadram á derrota a minha candidatura, porque eu tenho «inclinações para a Gran-Bretanha.

Eis, senhores, um farrapo dessa intrigalhada ignobil. Apanhei-o num jornal. Não indico nomes, nem logares; porque não quero senão dar, no caracteristico de uma só amostra, a impressão de um momento historico e sua baixa moralidade.

Aqui está o papel, onde, combatendo-se a minha candidatura, se escrevinhari estas tolas maldades:

«Ha um terceiro e ainda maior inconveniente, a quebra desastrosa da linha de conducta internacional, mantida pelo Brasil desde o tempo do Imperio, e á qual mais intenso brilho emprestou ainda a obra fecunda e inesquecível do immortal Rio Branco.

«A politica internacional do Brasil, como é notorio, tem-se desenvolvido na mais leal e perfeita harmonia de vistas com a dos Estados Unidos da America do Norte. A grande confederação norte-americana sempre foi e tem sido a nossa irman internacionalista. Ora, é tambem notorio, que o Ilustre senador hablaro se sente positivamente inclinado para a Gran-Bretanha, cuja expansão natural precisa de ser contrabalçada pelos Estados Unidos, França e Italia, aos quaes o nosso país presta a mais decidida sympathia e apoio. Não vae ahí senão a necessidade de um equilibrio mundial que o eminente Wilson procura estabelecer em beneficio da humanidade.

«Positivamente inclinado para a Inglaterra, o sr. Ruy Barbosa criaria para o Brasil uma situação difficilissima e annullaria toda a grandiosa obra internacional tão esplendidamente corôada pela longa e fecundissima administração Rio Branco, obra essa que constitui talvez o nosso mais legitimo orguho nacional. Nem outra coisa antevia o discipulo mais dilincto do vencedor do Amapá, o sr. Domico da Gama, ao apresentar-se candidato á presidencia da nossa embaixada á Conferencia da Paz, pois s. exa., diplomata habilissimo e patriota extremado, sabia que para afastar a candidatura do grande brasileiro a essa notabilissima representação, só a candidatura do ministro do Exterior. E, assim o chefe da chancellaria brasileira não trepidou em chamar sobre si a furia dos ataques inevitaveis, que têm constituído para s. exa. um verdadeiro calice de amargura, que elle traga em silencio, mas com a consciencia satisfeita, porque sabe que presta ao paiz o maior dos serviços, que tal é resguardar a obra de Rio Branco e dos grandes estadistas antecessores, de aproximação com a Republica do Norte.»

Mentira e verdade

Eis ahí a mentira. Agora, a verdade, eil-a aqui. Nem ingles sou, nem norte-americano: sou brasileiro. Brasileiro sou; e, porque sou brasileiro, não abato a minha patria a nenhuma amizade internacional, por mais alta, por mais gloriosa, por mais bemfazente que seja.

Nasci com a mesma estirpe, entre os meus, e, entre elles, me criei com a mesma admiração, a mesma bemquerença e o mesmo culto para com as duas nações de cuja historia emanam as constituições modernas. Estudei-lhes com o mesmo amor as lições e instituições. Vi que estas duas nacionalidades procedem uma da outra, mas que, sendo, na successão das eras, ligadas entre si pelas relações de mãe a filha, são, pela identidade substancial das



suas leis e costumes, debaixo de fórmulas políticas diversas, realmente irmãos na liberdade e na democracia. Quando, portanto, de um regimen, onde todos os estadistas se formaram na escola inglesa, nós transportamos, sem mudança na essencia das coisas, as fórmulas norte-americanas da liberdade e da democracia, não imaginei que mudássemos o eixo á nossa evolução, trocando o modelo de Londres pelo de Washington, mas que alargássemos o leito do nosso progresso completando um com o outro os dois modelos. Nem acreditei que abandonássemos a corrente histórica das nossas relações europeas pelas norte-americanas, mas que, sem renunciar á amizade antiga, nos consagrássemos, tambem, á nova com a mesma sinceridade.

Entre as duas grandes Republicas, não sei qual das duas mais realmente republicana, entre a Republica do Wilcox e a Republica de Jorge V, entre uma democracia governada por um rei quadriennal e uma democracia regida por um eleito das maiorias parlamentares, entre os Estados Unidos e o Imperio Britannico, nenhuma tendencia nra, que me levasse jamais a converter o Brasil no protegido internacional desta ou daquela. Não.

O que eu queria, era ver a minha patria igualmente amada por ambas, mantendo para com as duas essa independencia, estritamente observada, que as menores de todas as nações, as Belgicas e as Saisas, logram manter, quando é o povo quem exerce a soberania e a sorte do Estado não cêe nas mãos de aventureiros, ou mercenários, cuja intelligencia moral vive de mendigar nas charcellarias estrangeiras o premio de interessadas devoções, e serviços interessados.

Gratidão e interesse

Pode ser que nas relações internacionais a ingratião não incorra no mesmo estygma que nas relações particulares. Mas, quando a arvore a cuja sombra se gosou um seculo de benefícios preciosos, não nos recusa do que o seu abrigo sempre nos deu com liberalidade, se nós não vale o reconhecimento, valha-nos o nosso proprio interesse, para não lhe dar as costas, e lhe não fugir do agasalho.

Com a viagem de d. João VI, primeiro começo de nossa emancipação, com os serviços de lord Cochrane, com a extirpação do trafico servil, com a collaboração dos seus capitalistas na construcção das nossas estradas e na criação das nossas industrias, com os recursos dos seus empréstimos, nunca recusados, e tantas vezes renovados liberalmente, com tantos outros actos de prestimo e tantos outros elementos de cultura, semeados no curso do nosso progresso, ha mais de cem annos, a Gran-Bretanha se achou associada á nossa evolução nos dois regimens, evolução em que não tentou jamais intervir, como leal companheira, constante auxiliar e generosa amiga.

Como, portanto, encarariam os proprios Estados Unidos o nosso bom senso e a nossa indole moral, se nos vissem quebrar de repente, ou deixar abandonados os laços de uma associação, a cuja influencia tantas vantagens deve o desenvolvimento da nossa nacionalidade, para jogar tudo noutro partido, numa amizade ainda não acrisolada no calhino do tempo, ainda não



provada ao toque da experiencia, a titulo de que nos achamos no mesmo continente e temos as mesmas instituições, quando, até agora, não sentimos nem que a diversidade nas instituições, nem que a distancia dos continentes nos inibisse de encontrar na Inglaterra e na França, na Belgica e na Italia os collaboradores, sem os quaes seriamos hoje um territorio morto e aberto só Deus sabe a que cobiaças?

Pequenas, sim, mas independentes

Mais do que as grandes, as nações pequenas dependem fundamentalmente, para se manterem, do amor da sua independencia, do zelo com que a preservam, não só de ataques materiaes, mas do risco das protecções, ás vezes mais grave. O barão do Rio Branco, ao liquidar o nosso caso com a Bolivia, encontrou em terras da região litigiosa, certa associação de subditos dos Estados Unidos, incorporada com uma carta analoga á das companhias de colonisação africana; e o primeiro de todas os seus cuidados foi liquidar essa situação suspeita, de character semi-politico, embora pallsse haver quem na presteza e energia dessas medidas lobrigasse, ainda que injustamente, desconfianças nossas contra a amizade norte-americana.

O Brasil e os Estados Unidos em Haya

Ao comparecermos, em 1907, á Segunda Conferencia de Haya, supunham, geralmente, os membros daquela assembléa que a representação brasileira não constituiria mais que um reflexo da grande Republica norte-americana; e esta noção inexacta não deixava de contribuir, no começo, para certa frieza e prevenção das republicas latino-americanas, alli reunidas, em relação ao embaixador brasileiro.

Este porém, não cogitou, desde o principio, senão em velar pelos direitos e interesses de seu país, ou pelos da humanidade; e, quando surgiram os projectos de organisação de tribunaes internacionais, onde a distribuição dos logares se graduava por uma escala de soberanias, classificadas em categorias distinctas sendo, apparentemente, certa a sua victoria, pois todas as grandes potencias do mundo assignavam esses projectos, todas, inclusive os Estados Unidos, o embaixador brasileiro, embora consciente da sua fraqueza e sciente dos riscos da sua posição, não vacillou em contrapor a essa tentativa injusta o principio da igualdade jurídica dos Estados soberanos.

Esse principio, irrealistvel na sua majestade, desarticulou o projecto principal das assignaturas, que o sustentava, obrigando as potencias uma a uma, a enjaula-lo, até que restando só com elle os Estados Unidos, cahiu pelo abandono dos seus proprios autores.

Perdeu com isso o Brasil? Desmereceu, por ventura, em estima entre as potencias vencidas no terreno da justiça? Abateu-se alguma coisa no conceito, sequer, dos Estados Unidos, o mais insistente sustentaculo daquella medida? Não.



Nunca, pelo contrario, cresceu tanto na consideração de todos. Tanto assim que, quando no estadio terminal da questão, se constituiu, na primeira sub-comissão da primeira commissão o celebre *comité des sept* (ou *des sept sages*, como lhe chamavam), compuzeram essa junta o sr. Choate, embaixador dos Estados Unidos; o sr. Léon Bourgeois, embaixador da França; o sr. Marshall von Bieberstein, embaixador da Allemanha; o sr. Nelidow, embaixador da Russia; o sr. de Kapos Mére, embaixador da Austria; o sr. conde Ternielli, embaixador da Italia, e eu, embaixador do Brasil, addindo-se-lhes depois, sir Edward Fry, embaixador inglez, sem que, entretanto, deixasse ella de se conhecer pelo *comité des sete*, apesar de ser já de oito. Que maior honra para o Brasil? Elle só, entre as sete grandes potenciaes universaes.

De prestigio tal nunca se logrou, entre as nações, a nossa nacionalidade; e só deveu á coragem, ao vigor, á inquebrantabilidade, com que articulou o seu direito, associando-o aos direitos de todos os pequenos, e contrapondo-os á força de todos os grandes.

Esse encontro de opiniões divergentes não estremeceu nem as nossas relações internacionaes com os Estados Unidos, nem as minhas relações pessoais com os membros da delegação norte-americana, entre os quaes posso enumerar como cordialissimas as que me ligaram sempre ao sr. Buchman, ao sr. James Brown Scott e ao sr. James Hill, ministro daquella nação em Haya e eximio escriptor politico. O proprio sr. Choate, apesar da sua vivacidade nalguns incidentes de tribuna, honrou-me, até ao fim, com o seu respeito e, ainda, com aquella cordialidade natural ao seu temperamento benevolo e justo. Só em Paris me separei do sr. Brown Scott, de quem, ainda aqui, recebi cartas, de que poderia attestar a lealdade, com que me dei pressa em corresponder ao appello da delegação norte-americana, quando invocou o meu testemunho como o unico existente para restabelecer, em honra della, a verdade, num incidente injusto, mas escandaloso, que ameaçava os ultimos momentos daquella augusta assembléa, e que a minha intervenção junto aos representantes de certas republicas sul-americanas atalhou antes de estalar.

Assim entramos á Conferencia de Haya, e della sahimos. Do mesmo modo quizera eu que nos visse entrar e sair a Conferencia de Paris. O pensamento, annuciado sem contradicção, nos primeiros momentos, de que a nação brasileira ia ser alli representada, na phaze inicial, pelo ministro norte-americano das relações exteriores, tendia a colorir a nossa situação com um ar de familia e dependencia, que nem as nossas tradições, nem os nossos sentimentos admitiriam. Não se realisou a noticia, que não podia nascer na cabeça de brasileiros desligados do officialismo; mas a simples occorrença de haver circulado, sem negativa que a desmentisse, não podia ter concorrido, para elevar em autoridade o Brasil no conselho, que ia abrir-se, das potenciaes alladas.



Amigos, e não aggregados

Se é por sentir desta maneira se é por guardar no meu coração o meu pundonor de brasileiro, se é por acreditar que *aproximação* não seja *protectorado*, se é por não querer que alienemos a nossa entidade nacional, se é por estas horrendas culpas que tece contra o meu nome a sordida intriga internacional, de que sou victima, seja pelo amor de Deus.

Eu persisto na minha de não desejar á nossa patria condição analogá á daquellas seis republicas latino-americanas, que o sr. Domicio me enumerou e nomeou, na sua visita de 6 de Dezembro, como «votos certos» dos Estados Unidos, onde quer que elles estejam.

Supremos abusos da intriga

Se é desta sorte que me tornei indigno de representar o Brasil na Conferencia de Paris, se é por essa indignidade que desmereça de representar o Brasil como presidente da Republica, o Brasil o dirá. Mas diga o que disser, o que releva não se ignora, é que esse foi o eixo dos manjões, graças aos quaes se burlou o meu convite para a embaixada. Nem se pôde ignorar que em torno desse eixo tem girado o trabalho de guerra á minha candidatura presidencial, visto como, depois que se abriu a campanha, esta bateria se descobria e os escriptos intriguistas, de que já vos dei amostra, não occultaram nem a natureza, nem a procedencia, nem o alvo da sua artilharia.

Altas influencias internacionaes entraram em actividade, e chegaram, até, a vangloriar-se de haver já logrado o primeiro triumpho, concorrendo para elle como elemento decisivo. Não envolvo nesta queixa, aqui dirigida ao meu país com absoluta segurança, o governo de Washington. Não. Mas com o seu prestigio se jogou, pertinazmente, no primeiro lance, e com elle estão jogando abertamente, para o segundo, não só nos escriptos alceivosos de que se alastra a publicidade mercenaria, pintando-se-me como homem de iúdas suspeitas aos Estados Unidos, senão também nas balelas em que anda mexelhando pelos cantos uma diplomacia tão temeraria quanto falsa.

Em ambos esses casos, não ha duvida nenhuma, se tem abusado torpemente do nome dos Estados Unidos, da invocação dos seus sentimentos, do uso de referencias ao seu governo, do talismán com que actua, hoje, no mundo todo o homem superior, a que aquella grande nação, por duas vezes, confiou os seus destinos.

Mas não seria possível que aquella grande intelligencia, que aquella grande coração, que aquella grande amigo da humanidade, ou os seus eminentes collaboradores, ao mesmo passo que, tão sinceramente, tão arduamente, tão applaudidamente, estão lidando, na Europa, em ampliar as bençãos da sua democracia aos povos oppressos, e em reconstituir o genero humano dos estragos da selvageria germanica, aqui, pelo contrario, no Brasil, quizessem collocar-se em antagonismo com a opinião publica, declarada com uma evidencia até hoje inaudita neste país, e cooperar com a influencia allemã em contrariar a vontade nacional, em a solapar e neutralisar, oppondo-



re a eleição do brasileiro, que o odio teutonico mais alveja, e que mais notoriamente encarna, entre os seus coeterraneos, a iniciativa, a luta, a acção vencedora contra a politica dos Imperios Centraes.

Amizade limpa

Toda a influencia legitima de uma nação livre sobre outra nação livre ha de estribar, em sua essencia, no cultivo reciproco das affeições nobres entre uma e outra, desenvolvendo-se pelos meios francos e leaes, que a rectidão a justiça e a moral admitem. Se, ao revez, recorrer á acção secreta dos cochavos, á acção corrupta dos intrigantes, á acção malsan dos sentimentos subalternos, acabará por levantar contra si as consciencias, os instinctos patrioticos, os elementos da nobre nação magoada, semeando suspeitas, incitando melindres e criando incompatibilidades, que tão cedo não se conseguirão extinguir, que inhibirão, por muito tempo, os dois povos de se conhecerem um ao outro, que talvez pelo espaço de gerações, não consentirão entre elles uma aproximação real.

Pela aproximação Americana

Justamente por que eu a desejo, com toda a sinceridade, entre o Brasil e os Estados Unidos; justamente porque ninguém, nesta parte do continente, aspira mais do que eu a ver consolidada e desenvolvida uma aproximação desse character sério e bemfazejante entre as duas grandes republicas dos dois hemispherios americanos, é que eu a defino com este cuidado como a expansão de duas independencias que se abraçam, sem se diminuirem ou desnaturalarem, e não como a capitulação de uma dependencia, que se aceita, ante uma absorvencia, que se estende.

Não fóra a lealdade, justamente ao Brasil e aos Estados Unidos, que me anima nestas disposições, e eu não teria, de uma tribuna tão alta, cujos ecos se vão ouvir em todo o territorio brasileiro, e hão de alcançar a America do Norte esta linguagem de franqueza, isenção e verdade, contida e moderada pelo respeito de mim mesmo e dos inextinguíveis interesses, communs ás duas grandes nações, com que neste momento me occupo.

Os mandamentos de Wilson

Se, dentre os que já se chamam, pelo consenso geral, os Mandamentos de Wilson, dando-se, nesta denominação caracteristica, a impressão de que o mundo os recebeu, com alguma coisa da reverencia devida ao verbo sagrado ás taboas da lei santa; se, digo eu, se dentre os Mandamentos de Wilson um dos que se distinguem pelo seu relevo, é o que recommenda a extincção da diplomacia secreta, ninguém tem o direito de crer que, na mancomunação clandestina, desenvolvida, ha quatro mixes, contra o meu nome, na questão da embaixada e na da candidatura presidencial, que nesse meoalho de interesses e mentiras, os que usam da invocação dos Estados Uni-



dos, e se inculcam agentes do seu proselytismo, representem, com effeito, a acção americana.

Experimentados, sagazes, previdentes, como são, os estadistas americanos bem sabem, e bem estão vendo que os frutos dessas velhacarias e aleivosias se encerram no campo das secretarias de Estado, e não penetram no animo das nações. Temos exemplo de agora.

A conspiração da embaixada, que se urdiu toia, aqui, na secretaria das Relações Exteriores, devia ser invencível em todos os seus intuitos, pela astucia diabólica do seu travamento. Ou eu acceptava a missão, e, com o inimigo pelas costas, estava perdido no seu desempenho. Ou recusava; e então perdido estava com o país, a quem me denunciariam como despatriota em grau de pena capital, por haver negado á nação um serviço, que ella me tinha em conta de ser o mais idoneo a prestar-lhe cabalmente. Evitei o inimigo pelas costas, não acceptando. Estava, pois, com o descontentamento da nação pela frente. Com elle contavam os conluídos. Mas a nação bem depressa via claro; e o segundo effeito do manejo, que era inhabilitar-me para a candidatura á presidencia, indispondo-me com a nação, lhes sahía ás avessas. Um movimento ainda maior que o do civilismo se pronunciou no Brasil todo não havendo hoje quem não veja que todo o povo brasileiro está commigo, numa acção eleitoral de intensidade, entre nós, sem exemplo.

Eis a sorte das causas entregues ao trabalho dos intrigistas, enfiadores e burlões, dos mercenários, sycophantes e parasitas internacionaes. Más, não podem ter melhores agentes. Boas, não podem ter executores mais funestos.

Aves de arribação

Muito pouco valho eu, senhores. Mas alguma coisa hei de valer, por força, mais que os Gamas da nau do Itamaraty; pois, para não valer qualquer coisa mais do que elles, seria necessario não valer um pouco mais que nada. Se em tal gente descansasse a opinião norte-americana as suas justas esperanças de entrar no coração do Brasil, baldadas seriam taes esperanças. O Brasil não conhecia essas aves de arribação, ou, se as conhecia, as desprezava; e as estréas, em que ellas se descobriram, pretendendo logo substituir, na acção politica sobre a terra com que tinham perdido, ha muito, o contacto moral, homens, cuja vida representa, em duas gerações successivas, a evolução do nosso país, as deixou marcadas com signaes indelevelis. Ninguem mais se enganará com ellas.

Os dilettantes do americanismo

Não se enganem, por sua vez, os nossos amigos da America do Norte. Eu não contendo em americanismo com quem quer que seja. Não exploro ambições internacionaes. Mas o dos que hoje atravancam, com a sua incompetencia, a politica internacional brasileira, não passa de um dilettantismo chôcho, tão superficial, quanto o desse typo de oratória americana, apanhada em improvisos e humorismos ao «champagne», com que o nosso chancelier,



no seu recente auto-retrato, figurando-se a si mesmo, cuidou figurar a eloquência dos Estados Unidos, tão diversa em seus grandes modelos, em seus exemplares duráveis, dessa imagem calumbosa, dessa insossa caricatura.

Essa gente não sabe mais das instituições americanas, do espírito americano, das idéas americanas que das idéas, do espírito, das instituições brasileiras. Vivendo numa superficialidade que as distancia, igualmente, das duas nações, deservem, por igual, os interesses, as necessidades e as aspirações de ambas.

O orador e os Estados Unidos

De mim, pelo contrario, poderia dizer que não fui buscar na rotina de um cargo diplomatico e no transito de uma missão official o titulo de intimidade com o genio do povo norte-americano. Elle se me entranhou por uma sobressaturação de idéas, lições e experiencias americanas, que envolve conçoenta annos de uma educação pelo contacto intellectual com a historia, as leis, a jurisprudencia, a politica e a literatura dos Estados Unidos.

Não bebi Cliquot em Washington. Não troquei *toasts* com os *arabs* da Quinta Avenida. Não me sorri de *humorismo* á mesa dos banquetes millionarios. Mas dei á minha patria, a adaptação das instituições norte-americanas, que a regem; ha trinta annos que ensaio aos meus concidadãos o uso juridico e politico das instituições norte-americanas para entre nós transplantadas; tenho sido, constantemente, um laço de união entre o Brasil e os principios: os homens, os movimentos americanos; e, ainda agora, durante estes quatro annos da crise universal, ninguém, entre nós, em seus actos e palavras, no jornalismo, no parlamento, na tribuna popular, tem diligenciado mais que eu grangear sympathias aos nossos irmãos norte-americanos, colaborar nas suas actividades, contribuir para a aclamação da sua hegemonia moral entre as nações deste continente.

Se além não vou, se não concordaria em que esse ascendente, natural, benefico, descambasse a geitos de protectorado, que se insinuasse pela vida interna do paiz, ou nos diminuísse na politica internacional, é porque, antes de amigo dos Estados Unidos, ou de qualquer outra nação do mundo, amigo sou do Brasil.

Não sei usar da palavra, senhores, senão deste modo, como de um instrumento leal, como de um organ da verdade. A sinceridade, que domina toda a minha carreira publica e contra a qual o meu temperamento não me permite lutar é a synthese dos trabalhos continuos, dos poucos resultados e dos amedados reveses da minha vida. A politica não quer sinceridade. Principalmente, a politica brasileira.

Pariz e Bahia

Se de tal ainda pudesseis duvidar, senhores, bastaria volverdes os olhos á Conferencia da Par e aos acontecimentos da Bahia. Neste momento celebra as suas assentadas, em Pariz, uma assembléa de pacificação e liber-



tação para o mundo inteiro. Entre os libertadores e pacificadores, tem assento a pomposa embaixada brasileira. Dessa delegação humanitária empunha o bastão um brasileiro, que reúne na sua pessoa a trinalidade rara de magistrado, legislador e emissario da conciliação geral entre as nações. Tendo juntado, ainda, na sua individualidade, as palmas de mestre da mocidade, com as honras de ministro de Estado, a Fortuna, incansavel na sua perseguição, vai buscá-lo no estrangeiro, ausente, desculpado, attonito para o coroar rei temporario desta democracia; surpresa, nunca imaginavel com os maiores brasileiros. Não será Hermes Trimegisto, tres vezes maximo. Mas é duas vezes trino.

Quando porém, lhe vão levar a corôa de soberano, modestamente envolta no título de presidente, os escrupulos da paz, executor e interprete da lei lhe borbotam numa calorosa mensagem aos governos de sua terra. Não quer manchada a sua eleição. Exige que o pleito corra desassombrado. Prefere a derrota á postergação da liberdade eleitoral.

A eleição, porém, ainda não começou. Distá ainda suas tres semanas, e já está esparrinhada em sangue brasileiro. Justamente a capital do Estado onde teve nascimento o candidato adverso, é a que logra o privilegio de ser o primeiro theatro da carnificaria, que se executa. Nem é a multidão que tumultúa e se amotina. É o governo quem, deliberado e friamente, investe com o povo tranquillo, inerte e reunido no exercicio do direito de se reunir. Na praça principal da cidade, debaixo das janelas do paço do governo, a policia carabineira, a seu salvo, o povo. A fuzilaria alveja o automovel, onde se agrupam os cabeças da opposição legal e desarmada. É um acto de execução summaria, um fuzilamento perfeito, de que dois caem baleados, e os outros dois saem incólumes por milagre.

Aquella capital perdeu o direito constitucional de reunião, perdeu o o socego, perdeu a protecção das leis. Uma atmosphera de terror ameaça uma eleição de mashorca. O governo estadual é quem a presidirá. O governo federal, quem a garante. Não rompe a sua neutralidade. Neutro entre o direito e o crime, entre as victimas e os sclerados, o chefe da nação mantém, deste modo, a belleza de uma legalidade constitucional, que arma os assassinos, e elimina todas as liberdades, deixando sómente a da matança humana, exercida contra a opposição. Tudo para eleger, livre, incruenta, juridicamente, o embaixador da paz ao Congresso da Paz, entre as negociações para a conclusão de um convenio da paz, em consagração da paz, que o mundo inteiro almeja, e não tardará em receber. Paz com a Alemanha. Paz com a Austria. Paz com a Turquia. Paz com os inimigos de toda a parte, de toda a ordem e de toda a justiça. Paz com o universo todo, civilizado ou barbaro. Mas guerra, fogo e sangue no Brasil. Guerra no berço do embaixador da Paz. Fogo no reino do embaixador da Paz. Sangue na eleição do embaixador da Paz. Que paz! Que scenario! Que divina comedia!

Não, senhores, não, realmente, nunca, nunca, nunca nos couberam a nós, ao Brasil, santidades tão elevadas como as outras nações da terra. Podemos estar certos, de que ellas nos terão na devida conta.

RUY BARBOSA.





VIAJANDO ⁽¹⁾

(Coizas do meu Diario)

Charpentier. Molière. - Abril, 24

— Deve ter quinze metros de altura a estatua que, do seu amigo barão do Rio Branco, o velho Charpentier vai fundir, e cujo modelo, o artista, saudozo e contente, explica aos brasileiros pedindo conselhos e apreciando a discussão.

E' assim: fitado pela multidão, amparado pela marinha e pelo exercito; consagrado pela Gloria, o estadista descortina dominadoramente os interesses nacionaes. Lá em baixo uma mulher chora. Quem é? Indeciza ainda a resposta: si a cidade do Rio de Janeiro, si a Patria. Dos baixorelevos, o melhor é a entrega do laudo do Amapá.

Algun trabalho, excedendo limites do bom, collocará Charpentier nas raias do extraordinario? A «Saltimbanca», em derradeiros retoques, responderá sem grande demora a esta pergunta pequena.

Comedie des Champs Elysées

— Dois terços de caza. Luxo. Vestuario com pagamento facultativo. Entradas caras. Criados de pardo e roza, sommando a farda, ao longe, cor de rapé. Espectadores entreolhando-se, duvidozos do comparecimento uns dos outros. Commutada generosamente em meia hora de si-

(1) Vide numeros de Agosto a Junho

lencio a preliminar conferencia de madame Tynaire. Anuncio no cartaz: «Les Femmes Savantes».

E' das peiores produções de Molière. Noutras, de mais literaria envergadura, já elle bem explorára os veios nesta encontrados. Escrita a galope, a peça saiu manca. Trissotin, um dos centros indispensaveis, só aparece depois do segundo ato!

Mediocres, os artistas; e, no palco, mediocre é irmão de pessimo. Trajam os homens seculo XVII, mas as mulheres preferem os ultimos figurinos; e homens e mulheres mais repetem do que interpretam Molière.

Perdendo a esperanza de que o teatro se incendiasse, deixei a peça em meio.

Abril, 25

— O escultor Descamps é voluntariozo! Premeditou erigir, na Praça Julio Ferry, uma estatuá peior do que as talvez duzentas que embaraçam Paris. Teimou e conseguiu. O monumento, errado em seu todo, é imperfeito em cada uma das suas partes. Aquelle gallo capão, hidropico, é perdulario de originalidade! A mulher enforcada, pizando com o pé esquerdo, minuscuro, a legenda latina de Paris, e com o direito, grande, sustentando uma perna esburacada, é duma estetica torturante. Porque está redonda, cheia, satisfeitissima, talvez escape ao espanto a barriga da Floquet. Nella está elle.

— A' noite. Em companhia de gente séria atasquei-me, em Montmartre, nos chamados «Cabarets du Ciel et de la Mort». Pachouchadas. Uma hora de vulgaridades sujas. Dalli só se traz uma idéa: a rezolução de não voltar.

- No "Renaissance" - Abril, 26

— Entrada: quatro francos; saída: gratis. Em conferencia muito bem lida, com trechinhos de «Mil e uma noites» e citações do «Cantico dos Canticos» extraidas da convencional tradução de Renan, disse o calvo poeta Jacques Richepin, a proposito de dansas orientaes, magnificas estrofes de Vitor Hugo, que nunca esteve no oriente. Palmas. O culto da França pelo seu maior poeta persiste mesmo através dos pequenos.

Não foi vazia a primeira parte da «matinée». Alem dalguns nomes dignamente ignorados, vieram, no cartaz e á sena, a divertida mlle. Mealy e a sua mania de bracelete só no punho direito; a belleza de Marcelle Yrven e



sua perfeita compreensão dos versos de Musset; a fanhoza mas saltitante madame Capoul; e, duas vezes, o espirituosíssimo funambulo Luthoven.

Preferível, porém, me foi a segunda parte. Armèna Okaman, dansarina persa, é uma maravilha de arte, de sentimento, de encanto. Aos sons da flácida melodia oriental, dos instrumentos e vozes que o simpático Ynaiat-kan regia, a dansarina, ora uma vizão, ora uma deusa, torcendo-se ora como uma cobra, ora erecta, triunfadora, como amante amada, dança, diz dansando um poema de voluptua, uma canção inexcedível de sensibilidade. Deitada aos pés dum dono placido como superior oriental, Okaman vai surgindo como os nenufares, crescendo, encaixando-se ao amor, beijando como a cortezã, enfraquecendo, declinando, morrendo, tranquilla afinal num nirvana de coração, inerte, insensível.

A gaze da meia tunica mal lhe encobre a perfeição do corpo; negros, os cabellos, ondeando algumas vezes entre os seios altos, intervallam de ebano o brilho moço daquelles olhos lindos, languidos, profundos. Electrizada, a platéa irrompe em apiauzos.

.....
Abril, 27

— Decididamente o ceu me protege! Separei o dia de hoje para despedidas. Das onze pessoas que procurei, só encontrei quatro.

Folies Bergères - Abril, 28

— O «Minarete» é oriental nas roupas, na riquíssima ensenação, no nome dos comparsas, mas é ocidental nos trocadilhos e na rima bellissima dos versos. Uma incongruência em três atos. Testamento dum pachá manda alei-loar harem, onde ha virgens, infedilidades, ciumes, escapes, entradas francas, paixões puras, etc.; e enquanto não apparece outro testamento annullando o primeiro, a platéa vigia a plastica de Mireille Corbe, e analisa os vermelhos quadris de Mie Colibri. Uma asneira convidativa, essa peça pregada ao publico.

Inferior ao nosso Vasques, muito inferior ao tradicional João Eloy, egual ao Peixoto, Feffel não é repellível. João Worms berra muito bem, e quanto mais o aplaudem mais berra; sobrio no gesto, todavia. Errados de vocação os outros artistas masculinos: nasceram para espectadores.



Abril, 29

— Politica. Vizitas. Parlatorios. Todos, porém, de accordo em que os negocios do paiz vão mal.

Quando andaram bem?

.....

Na Bolsa - Abril, 30

— Assisti-lhe á abertura. E', repetem-me, a mais agitada do mundo; tambem a mais jogadora. Vi-a num mau momento: paiz de todos os titulos em consequencia das ameaças da Austria ao Montenegro para a entrega de Scutari. Ocazão afritiva! A Italia obrigada a agir contra o sogro do seu rei para evitar que, no Adriatico, só Francisco Jozé lucre do annuciado golpe de mão; aguçados, os dentes de francezes e allemães para ajuste de antigas contas; egoisticamente, a Inglaterra fiscaliza a Russia em via de reorganização á custa das economias parizienses; e cada nação, grande ou pequena, forte ou fraca, tendo dentro de suas fronteiras o problema operario a abrandar, adeantar e rezolver!

A «Bolsa». Que barulho! Que confuzão! Devia ser assim a tomada de Troia. Deve assim ser, por dentro, a cabeça do dr. Olavo Egídio.

Daquelle negro e amplo edificio, com quatorze columnas numa frente de setenta metros, são um zum-zum infernal. A' distancia de trinta ou quarenta passos o ouvido sente

diverse lingue, orribili favelle,
parole di dolore, accenti d'ira,
voci alte e fioche,

da onomatopéa dantesca. Não me foi possível acreditar que aquella gente se entendesse. Não entendi nada. Gritos, carreirinhas, notas rapidas a lapis, outras á pena sem tinteiro, frases sem nexo, meias frases, registos, passagens de papeluchos de mão á mão: não entendi nada.

.....

Diversas coizas

— Subo a Montmartre. Na Igreja do «Sagrado Coração» encontro, num soberbo marmore, S. Francisco Xavier. Sim, senhor! Aqui o jesuita viajante está gentil, cortez, aprazivel, sobranceiro. Tão diverso daquelle Xa-



vier que, no Japão, arguido sobre incompatibilidade das penas eternas com a bondade divina, irascível, respondeu aos bonzos qualificando-os de sandeus por não aceitarem, sem debate, uma verdade tão simples.

— De costas para «Sagrado Coração» e Xavier, está, na rua, João de la-Barre pedindo que o vejam. Foi-lhe o desastre: supliciarão-no em 1618 por ter conservado chapéu na cabeça deante dum andor em procissão. Proibiram-lhe testamento, e deram-lhe, tres seculos mais tarde, uma estatuazinha. Também, que tinha elle neste mundo? Apenas dezenove annos; perdeu-os por negocios do outro. Perder a cabeça por cauza do chapéu! Sina sem pés nem cabeça.

— Tento descer pelo funicular. Fechado o escritorio; fechado o serviço. Ha, pregado á porta, papel com artiguinho em letras garrafaes; leio: «Para evitar aos senhores ladrões perda de tempo e trabalho, a diretoria da empresa declara não haver no escritorio oiro e prata, nem dinheiro em caixa durante a noite.»

Retiro-me. O cazo não é commigo.

— Desci afinal. Desci também a uma conferencia teologica no Instituto Catolico, rua d'Arras 19. Falou J. Maritain, moço, da miriade de redatores da Revista Filozofica. Falou eloquentemente, proferindo ideas velhas em linguagem novissima. Fingindo leitura de discurso que sabia de cór, citou topicos de S. Tomaz, Heraclito e Spinoza, disparando-os contra Bergson, alvejadamente na parte da doutrina em que esse pensador, abalando a razão, a substitue pela intuição. Tinha merito, auditorio e rezolução de falar. Aplaudi-o.

— Defronte se espapaça annuncio doutra conferencia: Ruskin e sua arte. Quazi a escutei. Ia entrando quando o porteiro, um loiro muito espigado, me observou que a conferencia era só para meninas.

Perdi a conferencia, mas ganhei a certeza de que não era menina.

Adeus. Paris - Maio, 10

— Aproveito a manhã para um adeus! ao Bosque de Bolonha. Atravesso a «Avenida das Acacias», onde inglezas brancas de chapéu alto, acompanhadas de criados redondinhos e vermelhos, trotam em cavallo grandes.

Por ordem do relógio interrompo a sensibilidade com que estive, minutos, prezenciando um cavallo quieto ao lado dum inglez inquieto que delle caira energicamente.



Medito: crível e natural que um inglez caia dum cavallo; incrível seria que um cavallo caísse dum inglez.

— Fome ás ordens. Meia duzia de companheiros. Bom almoço. Melhor proza. Mas o tempo não espera pela gente, e o trem para Nice gosta de hora certa. Adeus. Abraços.

Partir. Viajar. Chegar.

— E' indispensavel ser mais exigente do que uma mulher grávida para não elogiar, na estrada de ferro de Lyon, o capricho da empreza na diminuição de desconmodos aos passageiros. A entrada é paga automaticamente. A pezagem das bagagens, fa-la o proprio carrinho que as conduz, durando talvez trinta segundos o serviço da dedução dos trinta quilos a que tem direito o passageiro.

Nem Marco Greco, suspeitado descobridor da polvora, era capaz de descobrir, no trem de luxo, motivos de queixa. Atopetadamente lindo, não tem o meu compartimento um cantinho dezocupado. Lavatorio servido por cristofle reluzente; perfumadissimo sabão; agua morna facil, porque em abundancia a quente e a fria; guardajoias, portarelogio: tudo irreclamavel.

E que leito macio! Dormi, dormi como um requerimento a informar no ministerio da marinha.

Acordei quando a locomotiva, suave como deputado mudo que receia ser excluido da chapa, deixava a estação de Toulon. Meia hora depois começavam as montanhas á esquerda e á direita praias, enseadas; angras encantadoras. Dambos os lados se disseminavam cháies, de vez em quando aglomerados para formar povoações cujos nomes o guarda trem, como francez autentico, inteiramente ignorava. Era a «Côte d'Azur», pedacinho do litoral sulbrazileiro que a natureza, por engano, esquecerá nessas bandas.

— Quatorze horas de viagem sem cansaço. Estou em Nice.

Em Nice - Maio, 2

— Sinto bem estar em todas as articulações. Nice é um pedaço de ceu. Aqui valia a pena ter vida eterna.

Maio. Fecha-se a estação convencional dos banhos; quasi se fecha a do jogo. Acalma-se a esplendida estalagem que, por meio anno, hospeda o vicio, o dinheiro e a aristocracia europeá. Meteco é quem aqui chega: tem



de deixar, pelo menos, a sexta parte do que traz. Caro sanatório!

Um hospede em Maio! Raridade. Como tal fui acolhido no «Hotel Alhambra», alto de construção, mediano todavia na altura dos preços. «Um dos melhores hotéis de França», informou-me o gerente; «do universo», emendei para lhe ser agradável. Duvidou. Insisti. Concordou. Agradei.

Clima seco, igual, prolongando a vida como nem um outro da Europa, nem o da vizinha Menton que se rói de inveja, Nice solidifica os moços e concerta os velhos. Ar puro. Dezeseis centígrados de média annual. Agua boa, esterilizada, encachoeirada, vinda de distancia maior de nove leguas, das de beijo como se mede em Minas. Ruas esmeradamente conservadas, lembrando Petropolis antes da Republica. Firme exploração de capitaes na manutenção de grandes hotéis.

A população é de sessenta mil almas; não as contei mas quem isso me contou foi o gerente do «Alhambra», cedendo-me na ocasião o automovel do estabelecimento e dando-me o conselho de correr os pontos mais encantadores da encantadora cidade. Fi-lo.

— Entre Nice e os contrafortes dos Alpes se repetem chacaras de multiplicadas fórmãs. Oliveiras, vinhedos, limoeiros, laranjaes, lucrando da constancia da temperatura, crescem á vontade. Flores, flores, muitas flores; mais flores do que folhas? Nice é um jardim.

— Alem do jogo e das flores, alimenta a cidade dois cultinhos: o da familia reinante em Inglaterra e o de Léon Gambetta. Ha aqui rua Gambetta, praça Gambetta, estatua Gambetta, Gambetta roja, Gambetta caíé! Porque? Porque, commerciante barato, o pai do tribuno falleceu aqui. Só por isso? Não. Conserva-se evidentemente um reziduo de italianismo nessa porfiada veneração. Era de origem italiana esse meridional, e o filho de Nice ainda sente pontadas no coração quando atenta que a patria de Garibaldi pertence á França.

Pertence... Mas eu não conheço torrão que tenha tido maior numero de donos! Nice, na historia, parece uma peteca. Jogaram-na fenícios, gregos, romanos, vizigodos, burguinhões, lombardos, francos, italianos e espanhoes. Foi independente algumas vezes, dependente muitas. Sua cronica é cheia de labirintos. No seu portinho só não desembarcou quem não quiz. Traida em 1859 pelo repentino tratado de Villafranca, Nice ajardinou-se e, re-



zignada, optou pela França num plebiscito, legitimo e verdadeiro como todos os plebiscitos.

.....

Coitado?

— A estatua da rainha Vitoria derrota o gosto. Falta-lhe valor artistico. Dezagrada. A veneranda senhora invernou-se algumas vezes nestas paragens, o que, que se suspeite, não constitue cazo monumental. Bem copiado das vespervas da velhice, o rosto é só o que escapa á tolice. Duma das figuras accessorias o dedo dum pé daria para a metade que falta noutro.

Semsaboria gradeada, com capim ao redor. Arrancava-o negligentemente um joven magro, fardado, que me confessou, vexado, ser o conservador municipal da marmoriada rainha. Ha martires desconhecidos.

Incidente. Duvida

— Dia formozo. Sol poente. Subo noventa e tres metros coroados por um planalto; rodeio vertigonozamente a collina que tem, nos flancos, o cemiterio, e lá no alto o «Chateau» com a vista inteira de Nice. E' sensato prolongar o quanto possivel a tranquillidade do deleitozo panorama. Mas ficar aqui até a noite? Mas eu já sei Nice; já a reajuntei com a sua cazaria variada e uniforme, porque sem predios eguaes e sem construções diferentes. Desço? Fico?

.....

— Barba grizalha, cuidadozamente tratada; turbante novo e alfange refulgente; prezas ao peito varias medallas; atravancadas de quinquilherias, e exquízitices orientaes com inscrustações nikeiadas, duas mezas postas em angulo obtuzo: tal foi o turco e taes foram as coizas que, á distancia duma dezena de passos, proporcionavam entretenimento á minha indecizão.

Fitei ostensivamente o homem. Fitei-o até me certificar de que sentira elle que eu o fitava; levantei-me com imponencia; busquei-o frente á frente; cumprimentei-o; intimei-o no mais puro portuguez:

— Ordeno que me revele, sem demora, sua opinião a respeito de auxilios á pequena lavoura.

Insensivel, fleugmatico, o oriental retirou vagarosamente de sobre a meza esquerda uma faquinha de cortar papel, e della me fez entrega com a maior tranquillidade.

Mandei a mão direita ao bolso do collete, achei a bolsinha de prata, separei uma moeda de cinco liras, e entreguei-a ao vendedor que, sereno, frio, de lira e meia se cobrou. Recebi o troco; guardei-o na bolsinha, e esta no bolso do collete. Cumprimentei de novo o oriental e, de-zapressado, voltei para a minha meza retomando minha posição anterior.

Decorridos cinco minutos, reincidi na manobra. Levantei-me, marchei, saudei, e proferi em portuguez:

— Qual o grupo politico dominante na Camara Municipal de Uruguaiana?

Não vacillou o turco. Correspondeu-me á saudação e, repetindo por seu turno o anterior movimento, entregou-me uma carteirinha com incrustações de prata fôscas. Guardei-a. Busquei a bolsinha. Passei ao vendedor outra moeda de cinco liras; cobrou-se elle de tres, e eu recolhi as duas restantes. Cortejei-o. Voltei lentamente para o meu logar.

Marquei prazo de cinco minutos. Repeti pormenorizadamente as duas senas precedentes, variando apenas de pergunta:

— O capitão Bento do Amaral Coutinho, vencedor dos paulistas na guerra dos Embuabas, foi o mesmo que bateu as forças de Duclerc no Rio de Janeiro?

Como se não tivesse feito outra coisa desde que se emancipara, gelido, calmo, o turco escolheu e entregou-me faquinha semelhante á primeira, pagou-se de lira e meia e correspondeu pela terceira vez á minha saudação.

Fitei-o com energia; retirei-me. Pensei: dure elle um seculo, não se explicará de como acertou rapidamente a escolha de tres objetos pedidos em lingua que, talvez, ouvisse pronunciar pela primeira vez.

Estou, porém, em duvida sobre o caso. Está-me a parecer muito mais provavel que o turco pense que o louco era eu.

Promessa é dívida - Maio, 3

— A «Avenida dos Inglezes», linda, extensa, não é mais extensa nem mais linda do que a nossa Avenida-Beiramar.

Bati á porta do palacete n.º 7; esperavam-me. Riqueza sem ostentação. Gente sem cerimonia. Meia hora, e já pareciam amizades velhas a familia de Carlos Kraft e a minha. E' tão atraente uma simpatia dezinteressada!



Siencia e Vicio

— Automovel. Rumo Monaco. Percurso beirando montanhas. Aspetos deslumbrantes; paineis formozissimos. O mar tem cambiantes de madreperola.

— No «Muzeu Oceanografico». Vejo dois exemplares da «Sereia do Mar»: um em osso, ictiologicamente preparado outro, e privados ambos da poezia com que lhe divinizavam a especie as lendas medievas da marinhagem. Vejo o «Leão do Mar», novidade para mim e para os navegantes do rio Tieté. Vejo o «Tubarão», modelo do orçamentivoro na politica das aguas. No salão n.º 2, á direita, vejo a avolumada contriuição do rei d. Carlos (o assassinado pelos assassinos de Portugal) para as utilidades da ictiologia. Um mundo de coizas admiraveis!

Mais de cem qualidades de esponja; a perola, molestia da ostra, desde a formação até o carissimo aproveitamento; algas multiformes; coraes incontaveis; um bellissimo camafeu em caramujo; conchas de indscriptivel variedade na fórmula e nas cores; e, em largo mapa, como envolvendo tanta afluencia de estudo, de pesquisa, de acondicionamento, de serviço á intellectualidade, a «Carta Barométrica dos Oceanos», adoptada em 1904, com aplauzo da competencia pensante, pelo Congresso de Washington: tudo isso eu vejo. Vejo, praticamente, concretamente, a historia da arte de pescar... Não vejo, porém, incluída nas diversas fórmulas de pescaria, a jangada do nosso cearense. Porque ignorar ou deslembrar o sabio principe de Monaco a intrepidez e a pertinacia do brasileiro do norte?

Rico, bem acondicionado, o «Aquarium». Inferior, porém, ao de Napoles, entre outros motivos, porque muito mais joven.

— Entro, afinal, numa casa de jogo. Aos sessenta annos, já não é fóra de tempo. Estou na mais importante e desbriada banca do mundo. Salas riquissimas. Ordem. Respeito. Cortezes, fingem todos estar frequentando um templo. Em doze mezas funcionam vinte e quatro roletas.

O jogo é inevitavel incidente da civilização. Unico dos animaes que cogita preferencialmente do futuro, unico que mais olha para a frente do que para baixo, que mais imagina do que age, o bicho-homem é, foi, ha de ser sempre jogador. Tudo lhe é jogo na existencia. Que vale o trabalho, o proprio trabalho senão uma cartada, com promessas de exito, na banca do destino? E quantas vezes a honestidade perde a partida!

Hereditariamente, o paulista recebeu do espanhol o vício do jogo. Almoldou-o, porém, a uma feição inverozimil: publicamente, sinceramente, o jogador paulista se julga superior a quem não joga. Em S. Paulo o não jogador, especialmente si político, é tido e havido por deziquilibrado. Circumstancia ainda mais extravagante: no exercício de funções administrativas, o desfalque, quando dado por jogador, só não tem atenuante quando innocentado. Dispensa punição.

A proposito de jogo: quando Pedro 2.^o, que não apreciava baralhos, disse ao seu ministro barão de Cotegipe que, no voltarete, o menos que se perdia era o tempo, immediatamente ouviu do espirituozo estadista a resposta:

— V. M. não conhece o voltarete. O unico tempo que nelle se perde é o de dar cartas.

Outro cazo que me vem ao bico da penna. Em 1862, numa meza de boston, em roda aristocratica, jogavam o surdo Pedro de Araujo Lima (marquez de Olinda) e o já doentissimo, e por isso muito frenetico, Miguel Calmon (marquez de Abrantes), amigos fraternaes desde a mocidade. Demorando o surdo a cartada, murmurou o frenetico:

— Esta besta não joga!?

Calmamente, deixando çair a carta, o ex-regente do Imperio explicou ao denominado «Canario da Camara»:

— Miguel, a besta está pensando um pouco.

Riram os circumstantes, e a divulgação da pilheria aumentou a suspeita de que o marquez de Olinda só era surdo quando lhe convinha.

— Traduzo duzentos francos em moedas de cinco; vou jogando e perdendo, perdendo e jogando, num numero qualquer e no preto e no vermelho; em menos de meia hora fico em fim de mez. Faço menção de retirada. Eis que um senhor de fisionomia severa, cazaca, e um puxador de dinheiro do tapete verde, me observa que, tendo a bolinha parado no numero oito eu ganhara cento e oitenta francos. Um outro, fiscal esse, me pergunta si deixo ainda os meus noventa francos sobre o vermelho; fingindo-me conhecedor do assumto, respondo secamente «não». Jogo ainda algum tempo. Ganho um pouco mais do que a minha despeza em Nice. Retiro-me sem prazer nem pezar.

Quem sabe ter vontade não sabe ser jogador. Onde li isso? Não recordo. No «Jogo e jogadores», terceiro volume das «Memorias de Villemessant», provavelmente.



O CASO DO JUNDIUVIRA

(CONTO)

Quem, descendo das cabeceiras do Sapucahy-guassú, tomar a esquerda, em direcção á cidade mineira de Paraisópolis, lá, onde a estrada a Pirangussú, transpondo as divisas estaduaes, corta n'uma recta por entre duas gargantas da serra abrupta esse recanto esquecido da terra paulista, sentirá um deslumbramento ao dar de chofre com a villa de Candelaria. E' uma nossa atalaia perdida.

Tres ruas largas, curtas e symetricas, poucas travessas, de casinhas alvas, e uma praça onde a Capella se alteia, formam o ninho pittoresco em meio da aspereza da paisagem. Atraz, em semi-circulo, como a protegel-a, a montanha altissima, uniforme e núa grimpa até as nuvens; na frente, o morro do Tatú fecha o circulo em que, no fundo, como uma garça adormecida, Candelaria repousa tranquilla. E pelas duas gargantas que rompem o circulo de montanhas, a par do caminho mineiro, um riacho cristalino murmura á ingenuidade selvatica daquellas paragens. E' o Jundiuvira. Quando descí de São Bento, pelos Campos do Jordão, numa manhã de Junho, já o sôl reverberando nas frontarias brancas, despertava num sorriso a villa longinqua. A missa terminava. O povo, em trajes domingueiros, movimentava-se festivo. Mulheres e creanças espiavam-nos de soslaio; e retribuindo cumprimentos, os homens abriam-nos passagem.

— E' aquella, a do Major... E o camarada, o Juca, um rapagão destorcido, guiou-me a uma casa ampla, um



tanto achatada, de dois degrãos na porta, e de cinco janelas, que fechava a rua principal.

O Major appareceu:

— Ora viva!... Por estas alturas, Doutor? Apeie...

Homem de meia idade, attencioso e bonacheirão, viera para alli ha 20 annos, como collecter estadual; a familia crescera, arranjara umas glébas e agora alli vivia socgado, identificado ao meio, com amor á terra de adopção.

— Sim senhor! Sempre chegou o dia!...

— Tive esse prazer, Major... Creio que desta vez o povo fica satisfeito. As escolas foram creadas e brevemente aqui estarão os professores. Houve tambem verba para as estradas; e eu vim providenciar a reforma da Cadeia para o destacamento effectivo.

— Sempre teremos um pouco do Governo!... Parece sonho... Se não fosse gritarmos, fazermos pé-firme, de ha muito seriamos mineiros...

— Como assim?

Sentados agora, esperando o almoço, entre um cigarro e o café servido, insisti curioso:

— Os senhores temem pertencer á Minas?

— Medo, não digo; mas o que é de lei, tem força... Esse povinho que o Doutor está vendo por ahi, prefere morrer. E' opinião; já vem dos tataravós... Quando elles por aqui aportaram, subindo de Pinda, apossaram-se destes sitios para o governo paulista. Fundaram Candelaria e São Bento. Se o Doutor soubesse que lucta, que mortandade...

— Porque?

— Os mineiros chefiados por figurões, com capangada e armas, carregavam os marcos da divisa lá para baixo, no Rodeio ou no Alto da Sérra, onde montavam o Posto-fiscal; e davam batidas para arrazar a nossa gente. — A tradição conta que se os marcos um dia estavam lá em baixo, no outro cá em cima, a vida inteira nessa lucta...

— E as Provincias, que faziam?

— A nossa fechava os olhos e deixava a usurpação destas posses... Mas houve sertanejos de pulso!... Depois de muitos annos de briga, Minas, que ficára com a nossa parochia e todo o sul, fez um accordo e respeitou a divisa alli de traz, acompanhando o espigão. São Paulo ainda ficou aborrecido connosco... Desde esse tempo vivemos esquecidos, como filhos sem mãe...

— O jacobinismo então, garantiu-nos este bello pedaço!

— Passaram as bandeiras em busca de ouro e diamantes. Fundaram a povoação, como atalaia avançada ás suas des-

pedidas; e ella ha de continuar, queiram os governos ou não, como esse ultimo adeus do solo querido... Que a divisa passe longe, na Serra de Pinda, não importa. Resta ainda esta península encravada em terras mineiras. E distancia, maus caminhos, difficuldades de transporte, tudo isso é nada desde que..... desde que o Governo não nos repudie...

— Sim senhor, Major!... Essa lucta com a natureza e os homens, é bem a amostra da energia de uma raça forte...

— A raça quasi extincta dos bandeirantes, Doutor...

Emquanto palestravamos, alguns curiosos foram augmentando a roda; e havia caboclos sentados nos calcanhares, junto á parede da casa, respigando phrases da conversa. Caipirinhas com saias de côres berrantes, passavam acanhadas...

— Porque ficou triste, *seu* Juca?

— Eu? Está sonhando...

— Sempre é isso... Chegou em Candelaria, bateu a melancolia...

— Não gosta da sua terra? — perguntei-lhe.

— Historia, Doutor... Brincadeira dessa gente...

— Não se acanhe, moço. — Desembuche a falla! — Conte o caso...

— Que negocio é esse?

— Bobagem, Major... Questão do Jundiuvira...

— O Doutor com toda a certeza o vae apurar. E' bom que você diga de uma vez...

— Preciso informar-me de tudo, Juca...

— O senhor não reparou num vestido roxo-escuro que passou alli na travessa? Por causa delle é que estão caçoando agora... Aqui todos sabem... Devido a um bate-bocca em casa, que fica na garganta da serra, procurei serviço fóra. O Felisberto era arranchado no bairro do Jundiuvira, tinha creação, lavoura e um carro para o commercio com os povoados. Bati lá e elle entregou-me o carro. Perto do sitio, junto da estrada que beira o Jundiuvira, morava a familia da Margarida. Alta sacudida, rosada, era moça trabalhadeira, séria, cabello preto reluzindo, duas tranças assim. — Creio que é a mais bonita destas bandas... Eu passava, dizia adeus, perguntava d'alguma compra na villa. Um dia pediu que trouxesse umas rendas. Acertei; ficou coentente... D'ahi por deante era minha obrigação portar alli... Uma vez, no meio de umas encomendas, puz um vidro de cheiro.



Indagou, então: — Que é isso, *seu Juca*?

— Lembrancinha para a senhora...

— Desculpe. — Ha mais de um anno que me conhece... Tem sido muito bom e é nosso amigo. — Mas eu não posso receber presentes...

— Porque, dona? Que mal ha nisso?

— E' que estou compromettida com o Felisberto, e não fica bem... Não é por mal, *seu Juca*... O senhor sabe...

— Esti certo. Mas accite só esse. Julgava que era fallatorio; elle nunca me disse nada. Pensei até que não se casaria mais...

— Diz agora que quér...

— Com a senhora, não me admira. E depois, o Felisberto é que é homem. Rico, direito, estimado; não é chefe porque não quer. Sou franco. Com outro, não sei... Mas com o Felisberto não ha quem desapprove... Olhe, eu não lhe fico querendo mal. Entristeço, isso sim, por perder a minha luz, a unica esperanza. Mas com elle não posso competir...

— Chega, *seu Juca*. Não pense mais nisso. Tenho reparado a sua bondade, mas não tinha coragem de lhe fallar... Ao menos agora já se evita qualquer cousa.

— Agora? Tanto faz eu lhe ver hoje, como hontem, o meu sentimento foi sempre o mesmo. O que não póde ser, não póde. A senhora me perdoe estas palavras; nunca mais repetirei isso.

— O senhor vae aborrecido commigo...



— Não diga peccado. Essa vóz corta o coração. Parece que quer chorar?

— O senhor é tão bom e eu temia ser a causa...

— Descance. Juro que continu'o o mesmo. Não pude ser dono, hei de ser escravo por gosto...

E assim fomos vivendo. O Felisberto, reparei, adorava a Margarida. Mas nunca me disse seus projectos... De sorte que eu ia empurrando a vida, saudando-a, trazendo-lhe compras, dois dedos de prosa, até um mez antes do casorio. Ahi, não aguentei. Despedi-me; vim trabalhar para cá. Quando chegou o dia, eu estava de viagem com o Major n'um negocio de gado. Soube do facto na volta. Pobre do Felisberto!...

— Afinal que aconteceu? Doença, briga?

— Peor, Doutor... O senhor é quem vae saber...

Lembrei-me de uns papeis que me foram entregues na vespera da partida. Deveriam relacionar-se com o tal caso.

— Mande entrar!

O Juca, servindo de porteiro, passou ao salão da Camara, onde eu inquiria uma cabocla alta, bem proporcionada, morena, cabellos fartos, de uma sympathia avassaladora, olhos grandes, velados por uma nevoa de saudade...

— Sente-se aqui. Como se chama? E' a senhora que eu...

— Margarida...

— Desculpe-me incommodal-a. Estou encarregado pelo Governo de verificar esse facto do Jundiuvira. Ninguem me orientaria melhor do que a senhora. Peço-lhe o obsequio de dizer tudo...

Depois de alguma hesitação, cabeça baixa, começou Margarida, como n'um confissionario: «Moro no bairro e tenho 26 annos. Nunca festei... Cuidava só da casa, enquanto meu pae e irmãos trabalhavam na roça. Sempre vivi quieta no meu canto. O anno passado, o Felisberto, que eu conhecia de pequena, principiou a tratar comigo. Aconteceu de nos encontrarmos algumas vezes; quando não, elle descia o rio e eu, alli no batedor, trocava umas palavras com elle... Um dia, fallando do noivado da vizinha Sinhára, perguntou-me se não invejava...

— Inveja de que?

— De ter noivo, de casar...

— Nunca pensei nisso.

— Pois olhe Margarida; de vez em quando eu tenho cada coisa...

— Gostava de saber, Felisberto.

— Qual! bobagens...

— Ora, conte... Vejo que a sua palavra está no bocca.

— Não sei porque motivo... E'... Eu cogito em mulher...

— Não me diga! Desembuche homem de Deus!...

— Ah! pára o carro... Também, para quê?... e eu remada rio abaixo.

— Desculpe. Não se zangue... Eu não pergunto mais. Venha cá...

— Eu digo Margarida...

— Quem é essa felicidade?

— A que me falla agora... e em duas fortes guinadas dobrou a curva. Meu coração parou; e eu fiquei assombrada, pensando... Quando, vi, meu irmão gritava:

— Margarida, está doente? Nesse batedor o dia inteiro!... Que é isso, rapariga?! Parece Martim-pescador olhando a agua... Dei um pulo vexada. Mas não me sahii mais o dito delle!... Passados uns tempos, n'um encontro, pediu-me desculpas.

Eu fiquei muito acanhada e respondi:

— Não ha razão...

— Só se você acceita a prósa... Não se molestou com-migo?

Perdi a lingua, muito vermelha, ressabiada; e elle repetindo: — Acceita, Margarida? Fiz «sim» com a cabeça. Ficamos noivos. O Felisberto pareceu outro. Alegre, folgassão, era um gosto a sua conversa. Meu pae, caçoando, perguntou-lhe mezes depois: — Como é? Preciso vêr isso... Casorio parado, o diabo attenta. Desamarre, homem! Elle titubeou; agarraram de risada, então marcou: — Póde ser no mez entrante... Ficou para o dia dez. Mas eu não sei porque, desde ahi, o Felisberto começou a mudar. Estava alegre, contando um caso, e num momento, atôa, cahia na melancolia. No meio de uma risada elle murchava e ficava esquecido, olhos parados, sem ver. Eu estranhava:

— Negocios, Margarida... E' assim mesmo... não se apoquente...

Qual! Cada vez peorava... Na vespera ainda eu lhe disse: — Se é por casar, desmanche... Não quero doença por minha causa.

— Pára, Margarida... Você me conhece. Palavra é palavra. Não retruque...

Fiquei quiéta. O dia 10 amanheceu bonito, como não vi igual. O bairro inteiro acompanhou o casamento. Houve rojões... Voltamos depois n'uma folia... Chegámos de tardesinha em casa. Que festa!... As bebidas corriam o povo, os tocadores já se desafiavam quando o baile principiou. O Firmino, da Sinhára, de sanfona nóva, tocou a noite inteira. Parece que estou vendo... Clareou o dia. O povo retirou-se, mas ficou gente para os quitutes sobrados da ceia. E continuamos com visitas até o jantar. O Felisberto, de vez em quando tinha a tristeza; mas era passageira... Allí pelas Ave-marias, sahiu dizendo que já voltava...

Não sei se lhe contei que o nosso rancho fica perto do Sapucahy, na desembocadura do Jundiuvira. Pois bem. Escurecia; os morcegos vojavam... Meu pae julgou que elle subisse até a sua casa, atraz do bosque, rio acima. Esperamos. Os sapos batiam; vagalumes passavam... Minha familia caçada, foi dormir. Fiquei á espera do Felisberto, sentada ao lado do fogo, divagando. Anoteceu. Eu escutava; sahia ao terreiro, espiando, afiava o ouvido, mas nada... Não tive mais socego e assim a noite inteira. Estremeci quando o gallo cantou a primeira vez... Ah! meu Deus... Quando clareou me disseram, allí no fogão, que lá para baixo, no porto das canoas, encontraram um chapéo no barranco. Gelei. Trouxeram depois o paletó e a camisa de gomma do Felisberto... Sondando o rio, elle appareceu vestido de calça e camisa de meia... Ah! Doutor; descubra porque essa morte!...»

Duas lagrimas grandes, quentes, luminosas, rolaram silenciosamente pelas suas faces afogueadas. Eram talvez, irmãs gêmeas daquellas derramadas á beira do fogo, numa anciedade nervosa, nessa desesperançada noite de asamento...

Trabalhei. Fiz uma devassa. A população interessada, ajudava-me. Conclui apenas que Felisberto Corrêa, de 40 annos, viuvo, era homem probo e influente, sem um defecto siquer; e esse enlace obtivera a approvação geral, porque Margarida, boa, bonita, typo victorioso de mulher, não deixava namorado nem pessoa aborrecida de ciúmes.

De volta, pela sérra tortuosa, perguntou-me o Juca:

— Como o senhor explica esse caso?

— Mystério... Desastre... Qualquer cousa...

— Seria por questão de palavra? Dizem que o Felisberto, brincando, garantiu uma vez á primeira mulher, que os seus filhos não teriam duas mães...

— Deve ser... E' a raça, o atavismo, a opinião dos velhos bandeirantes!... Depois de resolvido, inutil; não voltam atrás...

— Mas com a Margarida...

— Nem mesmo por ella. E' a resolução fatal; um segundo destino... Cumpre-se. Antes o suicidio. Sim. Foi isso!.. Pobre Juca! se tambem lhe pretendes o coração, adeus... Estás perdido... Margarida descende do mesmo povo — foi noiva do Felisberto... Representa a palavra inflexivel de muitas gerações.

— Coitada!... Não é atôa que me entristeço... Tão moça e chorar para sempre, como n'essa noite de casamento — esperando nervosa á beira do fogo...

Amando CAIUBY.





EXILIO

*Abençoarei o instante do exterminio,
Vencendo o horror, calando o meu lamento,
O' Morte, se, num impeto fulmineo,
Teu gladio me abater neste momento.*

*Doura-me o céu ainda o sol sanguineo
Da mocidade. E, num deslumbramento,
Em surtos de paixão e de dominio,
A gloria de viver experimento.*

*Mas, no tropel dos dias venturosos,
Na doce irradiação dessa luz aurea,
Que me banha de sonhos e de gozos,*

*Entrevejo os instantes sem meiguice,
De cançado labor e rude laurea,
No escuro, amargo exilio da velhice.*

ROBERTO MOREIRA

Julho, 1919.



DERRUBADA

*Na encosta abrupta onde a floresta, ha dias,
— Verdejante estendal de mil trophéos —
Troncos em flôr, festões de ramarias
Triumphalmente levantava aos céos,*

*Hoje o silencio, a morte... Entre as sombrias
Moitas em cinza, tardos jogaréos,
E a contorsão final das agonias
Da fumarada se embuçou nos véos.*

*A derrubada assassinando a matta
Destróe, calcina, jêre, desbarata
Com a demencia cruel de um juracão...*

*Selva de vida estuante, agora em nada
Desjeita... Inexoravel derrubada
Ao brusco incendio da desillusão!...*

PATRIOTISMO

*Um recanto de valle... No horisonte,
Vellutinea no azul primaveril,
A ondulação ridente do alcantil
Tendo outra serra a verdejar defronte...*

*Um regato a cantar sobre uma ponte
Onde se esfolha um roseiral de Abril,
E a mystica esbeltez de um campanil
Idealisandô, na distancia, o monte...*

*Todo o intimo encanto dessa têla
Bruscamente a meus olhos se revela
No ouro gratis do sol que a aviva... e então,*

*Sinto, ao jurtivo arroubo desse instante,
O quanto te amo, meu Brasil gigante,
No quadro familiar do meu torrão...*

BALLADA DA MUSICA SEM NOME

*Musica vinda não sei de onde
Como o tinido de um crystal,
Cahir parece de alta fronde
De uma palmeira imperial.
Vem de tão longe, tão macia,
Echo de som perdido no ar
Oh! vagabunda melodia
Quem te deu voz para chorar?...*

*Solto queixume que se esconde
Sob um trinado de pardal,
E ao qual sentido corresponde
Dentro de mim queixume igual...
Tem esse jio de harmonia
Fiado em magico tear
A murmurante nostalgia
Da agua, entre pedras, a chorar...*

*Musica vinda não sei de onde
De tal fervor sentimental,
Ninguem á queixa lhe responde
Ninguem suspeita de seu mal...
Vaga romanza, litania,
De algum recondito penar
Que por orgulho se porfia,
Cantando, em rir de seu chorar...*

*Porque, não sei, a meu ouvido
Embora extranha, és familiar?...
Oh, coração desiludido
Que se fez som para chorar...*

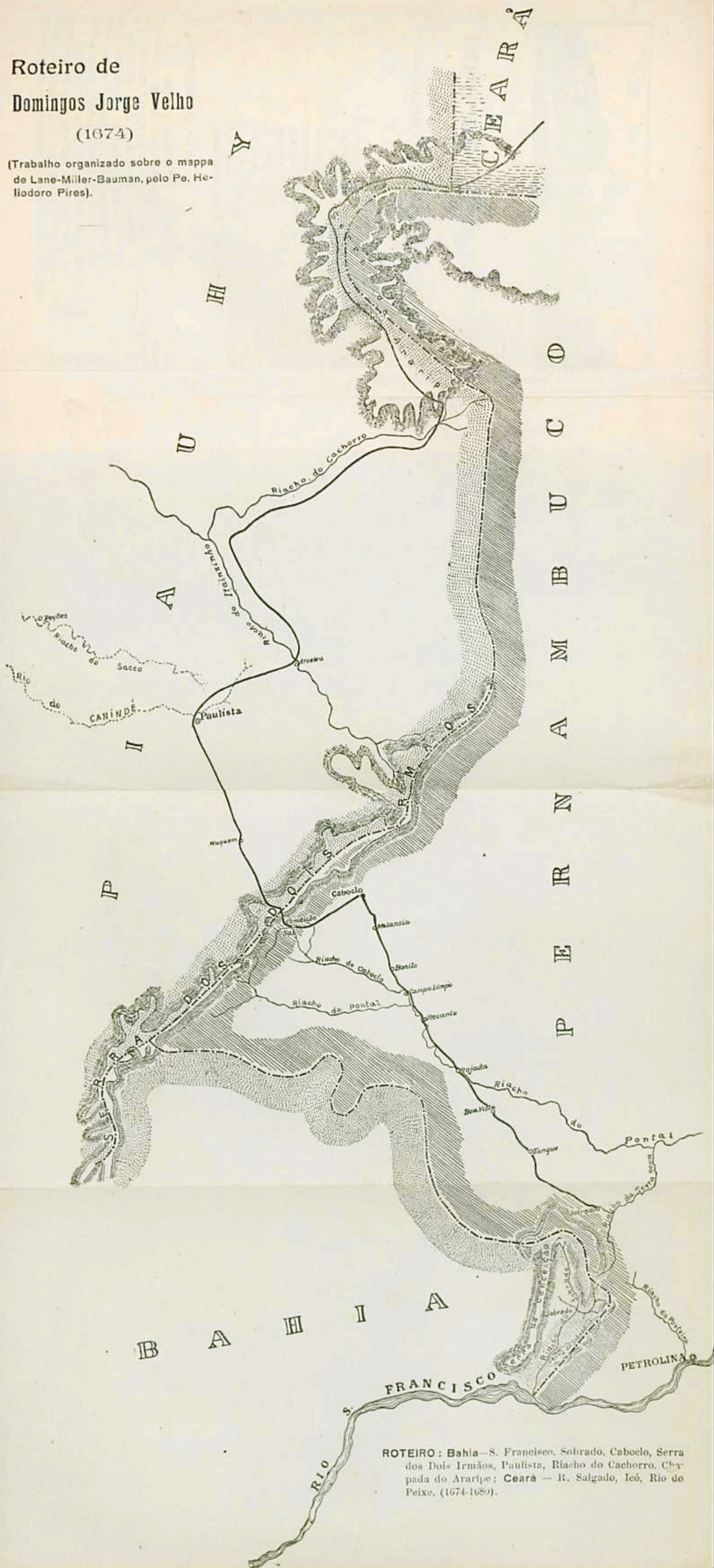
MARIA EUGENIA CELSO.

(Do «Em pleno sonho»).

Roteiro de Domingos Jorge Velho

(1674)

(Trabalho organizado sobre o mappa de Lane-Miller-Bauman, pelo Pe. Heliodoro Pires).





DOMINGOS JORGE VELHO

UMA PAGINA DA COLONIZAÇÃO DO NORDESTE

SUMMARIO: A predestinação da raça. — Bandeirante e geographo. — O morgado bahiano. — Um roteiro em quatro estados. — Um socalco no massiço continental. A vereda secular. — A alti-planura de Borborema. — O hinterland parahybano e o jacies geographico. — A penetração no Piahy. — Uma patente de 1705. — A lucta no Piranhas. — Um legionario de Homero no Brasil Co'onial. — A molduragem selvatica para uma figura em bronze.

O patrimonio da raça.

Este espirito admiravel, de erudição vasta e estylo crystalino, que é Victor Vianna, ao entrar na Sociedade Nacional de Geographia pronunciou estas palavras sabias e luminosas: «... o brasileiro que estuda geographia não pôde conter um motivo de orguiho justo. A nossa gente portugueza e brasileira, os nossos maiores, fundadores do Brasil conseguiram firmar o maior patrimonio da terra.

Os nossos bandeirantes eram, sem saber, geographos, geographos que punham a geographia ao serviço de um ideal nacional e por isso caminharam para a frente, avançaram para augmentar o patrimonio da raça.



Emquanto outros colonos se installavam e enriqueciam, nós nos espalhavamos.

E que grande ideal, que grande conquista essa dispersão representa! Assim o Brasil tem um aspecto geographico unico: é a maior area de terra que um só povo occupa sem solução de continuidade; somos, sob este ponto de vista, o maior povo da terra.

Esse patrimonio que os nossos maiores nos legaram é a maior riqueza de nossa raça e demonstra a sua força e predestinação.»

Estes periodos esculpturaes têm applicação completa e magnifica na figura curiosa e interessante de Domingos Jorge Velho.

Porque o estudo da pagina historica em que se movimenta o sertanista destemeroso é destes que nos fazem mais brasileiros, destes que accendem nalma culto mais vivo e mais acendrado apego ao torrão patrio.

Porque os passos deste bandeirante levam-nos através sertões do nordeste, conduzem-nos a esta zona a que João Ribeiro, chamou, com razão, o «Brasil brasileiro».

Elle augmentou o patrimonio da raça: era, sem saber, geographo...

Para o norte, para as regiões quentes, segundo o pensamento de Washington Luiz, a onda de bandeirantes espraivava-se em enormes cachões, cavando palmo a palmo, numa conquista lenta mas segura, territorios sem dono, habitados por indios.

A este espirito de aventuras estava confiado o trabalho herculeo da definição territorial do Brasil.

E nesta onda de sertanistas e povoadores, Domingos Jorge pertenceu ao numero dos collaboradores mais valiosos, dos mais esforçados luctadores na aquisição deste titulo e desta gloria de que hoje nos ufanamos: a de sermos, debaixo do ponto de vista de um só povo «numa só area» — o maior paiz da terra.

A colonização do rio S. Francisco e o roteiro dos bandeirantes.

Garcia d'Avila era o velho que veio á Bahia, em companhia de Thomé de Souza.

Teve uma filha natural que se chamou Izabel d'Avila. Esta foi viuva de um genovez que a tirou por justiça e vivia com ella em Itapoan, onde foi morto pelos indios.

Neste mesmo logar (Itapoan) continuou ella a permanecer com Diogo Dias, vizinho ao mar, em frente ao



penedo existente alli, chamado «Pedra de Diogo Dias».

Do segundo matrimonio de D. Izabel d'Avila (i. é, o que foi realizado com Diogo Dias) entre outros filhos nasceu Francisco Dias d'Avila, em favor de quem Garcia d'Avila, o velho que era seu avó, fundou o morgado e Casa da Torre. (*)

Francisco d'Avila, diz Studart, era «realmente pequeno de alma e de corpo». O interesse nelle excedia muito ao physico que era de acanhadas proporções.

Este Francisco d'Avila tinha 50.000 libras de renda; apesar disto mandava soltar suas cavaliadas nas ilhas Pambú e Aracapu' (ilhas situadas a umas 100 leguas de Penedo) e reduzia os pobres indios á ruina pela destruição de sua lavoura d'elles.

Aracapu' e Pambu' ficam exactamente no trecho em que a curva do rio attinge no territorio pernambucano seu ponto mais septentrional. (O territorio da margem direita do rio nestas alturas, é bahiano). E' neste mesmo trecho que estão localizados o municipio de Cabrobó e a ilha da Assumpção. Foram occupadas pela Casa da Torre as margens do rio, desde a Serra de Pão de Assucar até as corredeiras de Sobradinho, poucas leguas ao poente de Petrolina, extremo sudoeste de Pernambuco. Diz o Padre Martin de Nantes, no livro «Relation succinte», que Francisco d'Avila possuia por doação do rei de Portugal «toutes les terres du fleuve» (S. Francisco) depuis 30 lieues en bas jusqu'à plus de 100 lieues en haut. Ora, como o leitor sabe, da foz do S. Francisco á Serra de Pão de Assucar (Estado de Alagoas) vão 34 leguas. O rio passa ao sul desta terra. A todo este trecho do rio até a foz pode-se chamar «o baixo S. Francisco». Começavam ahí os domínios da Casa da Torre e extendiam-se até a Serra do Sobrado ou, melhor, até a cachoeira do Sobradinho, ao sul da Serra. Sabemos que Sobrado já pertencia a Domingos Jorge Velho. E assim se vê que pertencia á Casa da Torre toda esta zona vastíssima por onde corre o S. Francisco, abrangendo todo o largo trecho em que o grande

(*) Veja-se o precioso e rarissimo opusculo *Brève notice sobre a fundação da Capella de Nossa Senhora do Rosario na cidade do Souza*, pelo padre Bellarmino José de Souza.

O Exmo. Snr. Barão de Studart, gloria das letras cearnenses e um dos mais autorizados historiadores nacionaes, publicou na Revista da Academia Cearense (Tomo VII — 1912) um estudo sobre o livro *Relation succinte et sincère de la Mission du Pe. Martin de Nantes, prébéniteur capucin, missionnaire apostolique dans le Brésil parmi les Indiens appellés Caryrys*.

rio limita os dous Estados de Pernambuco e Bahia e mais dous quintos em territorio do Estado de Alagoas, i. é. toda a região que se estende do rio Moxotó até a serra de Pão de Assucar (V. CAPISTRANO e BASILIO DE MAGALHÃES.) Depois de 1660 já os descendentes de Francisco d'Avila possuíam terras em Massacará, região oriental da Bahia, ao sul do rio Vasa-Barris e da serra de Aracahy. Em 1700 o governador de Pernambuco escrevia ao rei de Portugal: «a Casa da Torre e Domingos Affonso Sertão, são senhores de quasi todo o sertão de Pernambuco».

Naturalmente Francisco d'Avila e parentes, partindo das margens, iam extendendo sempre mais a conquista e exploração. Domingos Affonso Sertão era o rendeiro mais importante em todo este amplo dominio de Francisco d'Avila e este era o dono e dominador despótico de todas estas paragens.

Roteiro dos Bandeirantes.

Entre os primitivos colonizadores da Parahyba salienta-se a familia Oliveira Ledo. O Boqueirão, povoado actual no municipio de Cabaceiras, foi «a base de operações» nos trabalhos e emprezas dos varios membros desta familia de bandeirantes, Antonio de Oliveira, Theodosio de Oliveira Ledo, Francisco Ledo e, provavelmente, outros Oliveira Ledos.

Nos sertões do nordeste, os bandeirantes ou conquistadores abriam caminho entre os selvagens, a tiro, a punhal, a cacete, a grita, a combate, a fogo, de modo brutal, perfido e não raro crudelissimo.

A' imagem de João M. Romeiro, eram os bandeirantes como aquellas aves de que falam os navegantes, as quaes, ao ouvirem o ronco do trovão e o rugir da procella, investem contra as lufadas, mostrando-se contentes com o sacudimento que nessa lucta experimentam.

Linhas de Penetração nos sertões parahybanos. ()*

a) DOMINGOS JORGE VELHO — Bahia — Sobrado — S. Francisco — Piauhy — Serra Dous Irmãos, Paulista, Rio Canindé — Ceará — Chapada do Araripe, — Rio Salgado — Icó, — Parahyba — Rio do Peixe, For-

(*) Vide mappa annexo.

miga, Rio Piranhas e provavelmente Piancó e depois voltando a S. Francisco via Pernambuco. (1674).

b) DESCENDENTES DA FAMILIA GARCIA D'AVILA — *Bahia*: Massaracá, S. Francisco, *Pernambuco*, Serra da Baixa Verde, Rio das Bruxas, Rio Piancó — Piancó. (1660).

c) ANTONIO DE OLIVEIRA LEDO — *Bahia*: Rio S. Francisco — Rio Pajeu (Pernambuco). *Parahyba*: Rio Sucuriú, Rio Parahyba, Boqueirão. (1670)

d) THEODOSIO LEDO — Boqueirão, Taperóa, Passagem, Patos, Pombal, Piancó. (1637)

Entremos em promenores.

Piancó é o «terminus» de tres entradas: a dos descendentes de Garcia d'Avila, a de Theodosio Ledo e a de Domingos Jorge Velho; foi assim, o ponto de convergencia de tres linhas, uma que vinha da BAHIA, a da Casa da Torre, i. é, dos Avilas; a segunda que vinha do noroeste, a de Domingos Jorge, pelo Icó; a terceira que vinha do nascente, a de Theodosio Ledo, de Cabaceiras.

Qual o caminho seguido pelos colonizadores que da Bahia procuravam o nordeste? O autor genial dos «Sertões» já nos deixou o traçado da vereda primitiva. Resumamolo.

O norte bahiano.

E' curiosa a região do norte bahiano. Euclides da Cunha fez-lhe a pintura portentosa. Transmuda-se alli o caracter topographico e «a queda até então gradativa dos planaltos começa a derivar em desnivelamentos consideraveis.»

Ha uma transformação geral na região. Os morros «tumultuam incoherentemente esparsos». A serra da Itiuba reune, naquella altura, alguns galhos indecisos da serra principal. Descêe para todos os rumos: a leste passa sob as chapadas de Geremoabo até se desvendar no salto prodigioso de Paulo Affonso; para o norte origina a corredeira de quatrocentos kilometros, a jusante de Sobradinho

E' um verdadeiro «socalco» no massiço continental e este socalco é limitado de uma banda pelo semi-circulo do S. Francisco e de outra pelo rio Itapicurú (V. Os Sertões)

Quasi parallelo entre aquelles corre o rio Vasa Barris.



Deixando a orla marítima e seguindo em cheio para o occidente, tinham os colonos, «transcorridas poucas leguas, a atracção das entradas aventureiras»: desapareciam para logo a miragem do littoral opulento. Mattas rarefeitas, planuras desnudas, arbustos de bromélias rubras, eis o scenario tristonho e aspero.

As bandeiras que vinham do sul, naquella altura, envergavam pelos flancos da serra Itiúba e lançavam-se para Maranhão e Piauí; os morros que se succedem até Joazeiro, Sobradinho e Cabrobó «apresentam contornos de encostas estaladas exhumando a ossatura partida das montanhas.»

Os primitivos povoadores que avançavam em demanda de Pernambuco, Parahyba ou Piauí, dividiam-se em «Serrinha».

Era ahí que o caminhamento primitivo se bifurcava: a primeira vereda inflectia para o nordeste, alcançava o rio Itapicurú, atravessava-o, e ia passar em Bom Conselho onde se voltava inteiramente para o norte atirando-se á procura do Vasa-Barris; cortava-o diante de Geremoabo e sempre na mesma direcção attingia a grande corrente do S. Francisco e chegava a Curral dos Bois (S. Antonio da Gloria) trecho famosissimo de passagem dos bandeirantes bahianos para os estados do norte. Curral dos Bois, fica poucas leguas acima da Cachoeira de Paulo Affonso.

O outro caminhamento sae da Serrinha na direcção sudoeste; guia-se pelo rio Itapicurú para alcançar os contrafortes meridionaes da serra da Itiúba; deixando a vertente occidental da serra da Itiúba ruma-se para a Serra do Espinhaço. Nesta serra, deixa o Itapicurú e segue pelo fianco oriental da Serra do Espinhaço; toma a corrente de riachos affluentes do S. Francisco, riachos que tem suas cabeceiras nestas alturas, attinge Joazeiro, situado tambem no Rio S. Francisco.

E' esta a estrada «tres vezes secular, vereda historica dos valentes sertanistas primitivos nas suas avançadas para o interior brasileiro.»

Não a alteraram nunca, escreve Euclides, «não a variou, mais tarde, a civilisação, justapondo aos rastos do bandeirante os trilhos de uma viaferrea...»

O caminho da longura de cem leguas, da Bahia ao Joazeiro, jamais comportou, a partir do trecho medio, variante apreciavel.

«As duas linhas iam interferir o S. Francisco, ama em Joazeiro, outra em S. Antonio da Gloria.»



Estas antigas passagens do S. Francisco marcam as linhas da radiação sertaneja até o Parahyba — para servir-me de uma phrase de João Ribeiro.

Passemos ao theatro das luctas de Domingos Jorge Velho; procuremos as linhas geraes da feição geographica dos sertões parahybanos.

A Borborema.

A oeste, escreve A. Prado, corre a serra de Ibiapaba que, em seu trecho inicial, é fresca, nemorosa e rica de alagadiços e correntes de agua. Mais adiante, parte-se em um collar de serrotes resequidos e desertos. Além, recompõe-se; então é arenosa e dos seus flancos borbulham fontes de abundante lympha.

A serra sóbe do littoral para o sertão, até a chapada do Araripe. Abre, ahí, uns braços gigantescos, dos quaes um se estende na direcção do oceano e susienta as terras altas do Rio Grande do Norte, da Parahyba e de Pernambuco. E' a cordilheira da Borborema, cuja serra principal, ao sul, denomina-se — Dos Carirys Velhos. (V. Mappa deste artigo).

Borborema e Ipiapaba, radiando-se do nó central que é a chapada do Araripe, assemelham-se ás varetas lateraes de um leque de terra, que se inclina até mergulhar a immensa curva de sua beira no Atlantico.

Na margem Oriental, a serra da Borberema, escreve Crandall, eleva-se em alguns logares a, provavelmente, 700 metros. A oeste não ha tal differença de elevação entre a serra e a planicie: inclina-se suavemente para o sul. E' no lado occidental da Borborema que nasce o rio Paejú.

Este rio, continúa Crandall, origina-se a poucas leguas da cidade de Teixeira e drena para o sul as aguas das serras do Teixeira, Jabitacá e Baixa-Verde. Ao N. da serra do Teixeira fica a bacia do rio Assú ou Espinharas.

As serras da Baixa-Verde, Jabitacá e Teixeira incluem grandes massas do complexo crystallino e de rochas paleozoicas. Da villa do Piancó o caminho para Baixa-Verde atravessa, por muitos kilometros, este soalho e depois entra numa região de rochas schistosas. Ha nesta região uma linha de serra que é de importancia como linha estructural, bem que não seja muito elevada.

Ao norte destas linhas de morros-serras de S. Catharina, etc., — o terreno é geralmente aberto e chato; este districto pode ser considerado como a bacia central da Parahyba. E' difficil achar nome mais apropriado para



esta bacia, visto ser cortada pelos rios do Peixe, das Piranhas, Piancó e Espinharas.

Ao norte de Souza, ha uma linha destas massas graníticas, conhecida pelo nome de serra do Commissario, que se estende no rumo de NE-SO, desde a visinhança de Souza até á de Catolé do Rocha.

A Borborema e a bacia central da Parahyba.

Ao longo da costa nordeste do Brasil, estende-se uma zona que não excede muito 100 m. de elevação, sendo limitada a L. pelo oceano Atlantico e a O. pela Serra da Borborema.

Geologicamente esta zona costal é uma região de sedimentos da idade terciaria e cretacea, jazendo em posição horizontal, com uma ligeira inclinação para o mar sobre um complexo de schistos antigos e granitos.

Todos os rios que vêm da Borborema cortam esta zona cavando nas suas camadas valles estreitos, com altas margens rectas.

A borda occidental desta zona acha-se marcada pelas encostas da serra da Borborema, que é um massiço montanhoso, cujos limites ao Norte ficam a umas 10 leguas a O. da cidade de Natal e estendem-se para o sul até perto do rio S. Francisco.

Esta serra, continua Crandall, forma um massiço montanhoso quasi achatado no alto.

O massiço tem em alguns logares, (entre Campina Grande e Batalhão) a largura de mais de 100 km., sendo mais estreito ao norte e ao sul. Campina Grande está perto da margem oriental do massiço na elevação de 510 metros acima do nivel do mar. O alto da região serrana é tão achatado que o viajante tem a impressão de estar numa planicie granítica, variando de 550 a 700 metros de elevação. Aqui e acolá, bossas de granito elevam-se acima do nivel geral. A serra da Borborema parece um planalto antigo que tem sido elevado e que está sendo dissecado pelo lado Oeste, pelos tributarios dos rios Assú e S. Francisco e no lado oriental por pequenos rios e principalmente pelo rio Parahyba. O Parahyba, escreve Coriolano, começa por tres rios distinctos: o da Serra, o do Meio e o Scurú.

O rio Parahyba tem, mau grado as sinuosidades, a direcção de LO, a NE, e o seu leito apertado entre as serras, vem acompanhando a linha divisoria entre a Parahyba e Pernambuco, afastando-se mais para o centro do



Estado, depois do Pirauá, povoado no municipio de Umbuzeiro, de modo que sua foz fica quasi no meio do litoral Parahybano.

Domingos Jorge Velho nos sertões do norte.

De 1590 a 1690, escreve o erudito prof. Basilio de Magalhães, verifica-se uma larga expansão geographica em direcção ao norte e ao nordeste.

De 1650 em diante, vieram os bandeirantes do sul auxiliar a empreza.

O avanço desta penetração, desenvolveu-se do sertão bahiano e sergipense em direcção ao ponto onde mais se acurva o S. Francisco e dahi bracejando pela extrema occidental de Pernambuco derivou-se pelas cabeceiras do Parnahyba até ás margens deste.

Essa foi a grande irradiação.

Domingos Jorge foi uma das figuras primaciaes neste avanço.

Em 1589 Christovam de Barros inicia a colonização do Sergipe.

Os flamengos procuram depois de 1634 a conquista de Alagoas e Sergipe porque as terras do alto S. Francisco já abastecem todo o norte.

Sabe-se que a familia Dias d'Avila conquistou, explorou e dominou grande parte do rio S. Francisco, os sertões pernambucanos, largo trecho do actual Estado de Alagoas e os sertões do Piauihy. A Casa da Torre e a parentela dos Oliveira Ledos e Domingos Jorge Velho são os tres nomes mais importantes de colonizadores e bandeirantes do nordeste brasileiro.

Fizeram entradas no territorio de cinco Estados: Bahia, Alagoas, Pernambuco, Parahyba e Piauihy.

Já estavam habitados os valles do Piranhas antes que alli chegasse Theodosio Ledo.

Os parentes e herdeiros de Garcia e Francisco d'Avila ou da Casa da Torre foram os que, primeiramente, possuiram terrenos na ribeira do Piancó. (1660)

Titulos de posse legal attestam-n'o.

Foram senhores de propriedades em pontos diversos do largo percurso do rio, mas não foram os fundadores do lugar chamado Piancó, depois villa e hoje cidade. O fundador de Piancó foi, provavelmente, Domingos Jorge: é este o opinar de alguns historiadores autorizados. E os documentos não infirmam esta hypothese que accetamos.

Oliveira Ledo, descendo a Borborema em 1867, encon-

trou «no fecundo valle de Piancó e nas varzeas extensas do Alto Piranhas uma sociedade activa...»

No meio dessa collectividade a força, a energia, a palavra de Domingos Jorge «dominavam autoritariamente.» Era este bravo campeão, amestrado caçador de índios e, «como capitão de campo habilissimo caçador de escravos negros fugitivos; homem destemido, tinha sob suas ordens elementos affeitos a emprezas arriscadas.»

Antes de 1671 (mil seis centos e setenta e um), dizem chronistas e historiadores, Domingos Jorge estava residindo na fazenda Sobrado.

Vê-se, pelo mappa que acompanha este estudinho, que a propriedade Sobrado, o riacho do Sobrado, a Serra do Sobradinho e as corredeiras de Sobradinho ficam na extremidade occidental do Estado de Pernambuco e limitam, em parte este Estado com o da Bahia ao poente.

Ao norte (e muito perto) da Serra do Sobradinho passa o Rio do Pontal. A propriedade de Domingos Jorge ficava entre a serra do Sobradinho e o rio do Pontal. (V. o mappa Roteiro).

Domingos Jorge, pois, morava em Pernambuco, ás margens do S. Francisco.

Em 1671, Domingos Jorge manda apaniguados seus explorarem os sertões parahybanos. Chegaram até Piancó? Cremos que sim. Sobrado fica sendo o ponto de partida das grandes viagens de Domingos Jorge. Este acompanhou Domingos Affonso até o Piauhy e a viagem dos dons sertanistas verificou-se em 1673-1674. Depois que combateram os «Pimenteiras» ficou assentado entre Domingos Sertão e Domingos Jorge «que proseguiriam por lados differentes.»

Domingos J. Velho «retrocedeu, conseguindo em sua marcha submeter ou afugentar os carirys no Ceará.» E também os icós e sucurus.

Do Piauhy dirige-se para a Chapada do Araripe (Ceará) e d'ahi pelo rio Salgado chegou a Icó. Penetrando nestas alturas, no territorio parahybano pela bacia do rio do Peixe (cujas cabeceiras estão muito perto da mesma cidade de Icó) vae o bandeirante surgir em «Formiga» (veja-se o mappa) perto de Pombal, Estado da Parahyba. (*)

(*) Formiga fica a tres leguas a poente da actual cidade de Pombal, á margem esquerda do rio Piranhas. Algumas leguas a oeste de Formiga, o rio Piranhas recebe o rio do Peixe. Atravessando a cavallo o chapadão da Borborema, em 1916, dormi, uma noite, em Formiga. O mappa Lane Muller, o mais recente da Parahyba, não traz o logar *Formiga*.



Domingos Jorge e Domingos A. Sertão, a principio se guerrearam e só mais tarde se uniram para o fito commum.

Porque se guerrearam? Desconhecemos as causas mas sabemos que fizeram as pazes. Esta desavença verificou-se, muito provavelmente, em 1670 e 1672.

Como se explica que, morando tão perto do Piauhy, não foi Domingos Jorge Velho o descobridor dos sertões daquelle Estado e sim Domingos Affonso?

Procuremos as illações dos factos.

Domingos Affonso Sertão, affirma o autor do Roteiro, estava a serviço de Francisco Dias, potentado riquissimo: era seu «rendeiro», digamos com Basilio de Magalhães.

Não lhe seria difficil organizar uma entrada capaz de enfrentar os sertões virgens do Piauhy.

Francisco d'Avila, por sua vez, tinha as boas graças do governador da Bahia.

José Martins P. de Alencastro attribue o descobrimento dos sertões piauihyenses aos irmãos Domingos Affonso Sertão e Julião Affonso Serra, ajudados por dous outros irmãos Francisco Dias d'Avila e Bernardo P. Gago.

Escreve o Exmo. Barão de Studart no prefacio soberbo e admiravel que fez para o meu livro «Pe. Rolim e um trecho da colonização do nordeste»: «das conclusões a que se póde prestar este trecho de José Martins, resulta que não se póde considerar como secundario e apagado o papel attribuido a Domingos Affonso na «conquista» do interior piauihyense.»

Prosigamos. O espectaculo do prestigio, da riqueza e do poderio de Francisco d'Avila, devia ser fatalmente um estímulo e um incentivo para as ambições de Domingos Jorge Velho; queria possuir tambem extensos latifundios; queria dominar.

Si para isto fosse mister bater os indios, iria nesta empreza toda a sua paixão ardente de capitão de matto, tod o seu arrebatamento de campeador.

Dado o temperamento de Domingos Jorge Velho, o sonho devia fasciná-lo.

Domingos Jorge Velho, filho de um dos sobrinhos de Simão Jorge «teve acção notavel no desbravamento das regiões septentrionaes do Brasil». Inscreveu em nossos annaes dous feitos memoraveis: o primeiro foi a occupação do interior do Piauhy, cuja fórma geographica de extenso fundo e exigua orla oceanica exprime bem, consoante o dizer de B. de Magalhães, a evolução de sua conquista e povoamento.



Domingos Jorge Velho, depois de 1673, cremos, estabeleceu umas cincoenta fazendas, sendo sempre auxiliado pelo bando de mameluços (affectos ás refregas contra os indios) que o acompanhava. (*)

Os banderantes no Piauhy.

Domingos Affonso, partindo de S. Francisco, atravessou trinta ou quarenta leguas de sertão asperrimo, chegando ás montanhas do sul do Piauhy. O unico systema de montanhas do Piauhy é, no sul do Estado, a alta serra de Tabatinga em que uma das vertentes attinge 800 metros de altitude, seguindo-se, na direcção de Sul para o Nordeste, as serras da Gurgueia, do Piauhy, dos Dous Irmãos e Vermelha.

Nas vertentes septentrionaes das serras de Tabatinga e Gurgueia nascem o rio Parnahyba e o seu affluente principal, o rio Parahim e a oeste da serra dos Dous Irmãos, perto do local onde está hoje o municipio Paulista, nasce o rio Canindé.

A serra dos Dous Irmãos e a Vermelha formam os limites entre Pernambuco e Piauhy.

Domingos Sertão e Julião Affonso Serra, Francisco d'Avila e Bernardo Gago, partindo de alguma das fazendas juncto ao S. Francisco, procuraram a direcção de noroeste guiando-se pelo rio Pontal. (Vide mappa Roteiro.)

Vararam aquellas paragens demandando as cordilheiras. Galgaram as vertentes orientaes desta serra que depois veio a chamar-se dos Dous Irmãos. Deixaram as cabeceiras do rio Pontal, internando-se sempre mais na terra virgem.

Passaram ao norte da serra do Sobrado e continuaram procurando sempre o occidente. Chegaram ao rio Canindé e ás cabeceiras do rio Piauhy, nas vertentes occidentaes da mesma serra dos Dous Irmãos.

Demoraram-se provavelmente ahi. Informa Pereira da Costa que existe nesta altura o municipio Paulista. Este nome «Paulista» parece indicar o arrojado cabo de guerra, o sertanista Domingos Affonso Sertão (ou Mafrense) que vinha a serviço da Casa da Torre. (**)

Affirma o autor do Roteiro, que Domingos Sertão «en-
trou pelas cabeceiras do rio Piauhy» e que nestas paragens estabeleceu as primeiras fazendas com o que trouxe do

(*) Hoje não se pôde mais pôr em duvida a viagem de Domingos Jorge ao Piauhy.

(**) Informa Coriolano de Medeiros que este Domingos Mafrense era portuguez de nascimento.



rio S. Francisco, sendo a primeira em Poções, segundo João Ribeiro.

Em fins de 1673 passavam Francisco Dias d'Avila e Domingos Sertão, com grande caravana ou bandeira, ao norte da serra Sobrado, demandando o Piauí. E Domingos Jorge, em sua fazenda Sobrado, não deixava de pensar nos sertões parahybanos de onde os apaniguados lhe haviam trazido tão boas notícias sobre a fertilidade da terra.

D'ahi a algum tempo, (1673-1674) Domingos Jorge Velho recebia em sua fazenda um recado, ou melhor um convite ou offerta de Domingos Sertão e Francisco d'Avila. A entrada dos descobridores e primeiros conquistadores do Piauí, não podia avançar em vista da opposição tenaz, e da ferocidade dos Índios Pimenteiras. Era preciso vencê-los primeiramente. Domingos Jorge ajudaria na lucta contra os indigenas e receberia largo quinhão de terra. Sorria-lhe a fortuna Partiu para o Piauí. Iria acalentando o seu sonho de ser mais tarde o dominador do rio Piranhas?

Ser: duvida alguma.

Domingos Afonso foi, portanto, um dos descobridores do Piauí e Domingos Jorge Velho pertence ao numero dos primeiros ocupadores dos sertões do mesmo Estado (*)

Domingos Jorgre Velho na Parahyba.

Não permaneceram juntos durante muito tempo. O Mafrense ficou em suas fazendas piauihyenses.

Domingos J. Velho, depois de vencer os Pimenteiras, recebeu uma rica partilha de largos trechos de terrenos; deixou gente para organizar e povoar as fazendas; e entrou pelo Ceará, «talvez quando o seu homonymo não precisasse mais de seus serviços» e segundo Coriolano de Medeiros levava o bandeirante grande copia de indios escravizados.

Estes indios com os mamelucos que acompanhavam sempre Domingos J. Velho e provavelmente mais algum armamento e tropa que o Mafrense e Francisco d'Avila lhe deviam ter dado constituíam um bando sufficientemente aparelhado para enfrentar os Icós no Ceará e os indigenas do rio Piranhas.

O campeador paulista atravessou então o chapadão do

(*) Poções fica situado no Riacho do Sacco, no poente de Paulista e poucos kilometros ao norte do Rio Canindé.



Araripe (Ceará) e seguiu o rumo da corrente do Salgado até o lugar onde se acha localizada a cidade de Icó.

Ahi enfrentou e destroçou os indios Calabaças.

Entrou logo depois no formoso valle do Piranhas, passando pelo rio do Peixe.

Da patente de D. Catharina a Manoel Gonçalves Ferreira em 28—III—1705 deduz-se que Domingos Jorge, tendo estado primeiramente na região do Piranhas, andou, pelo menos, durante tres annos e meio e isto presumivelmente antes de 1864, fazendo guerra ao gentio barbaro que hostilizava os moradores do sertão parahybano e que em tal campanha, derrotou as tribus dos icós e sucurus além de outras.» São palavras de Basílio de Magalhães. (*)

Esta empreza de bater indios em lugar distante, pondera Corioiano, devia durar algum tempo e «Domingos Jorge si foi ao sertão parahybano («sabemos hoje, ao certo, que foi») antes de 1690 encontrou-se com a bandeira de Theodosio Ledo. (**)

Pela patente de D. Catharina sabemos que os icós, os sucurus e provavelmente uma parte dos coremas foram batidos e «derrotados» antes de 1860 pelo Mestre de Campo Domingos J. Velho e por Manoel Gonçalves Ferreira.

Com esta victoria, muitos colonos foram fundando fazendas de criação naquellas paragens, apossando-se de terras sobre as quaes só mais tarde herdeiros e successores conseguiram firmar direitos.

Pela palavra «primeiramente» da patente de D. Catharina vê-se que antes de 1680 (de 1680 a 1684 foi a guerra aos indigenas) já Domingos Jorge estivera no Rio Piranhas.

O documento referido firma isto com todo o rigor e exactidão.

(*) Digamos ainda que, segundo o Exmo. Barão de Studart, na entrada que primeiro penetrou no Piahy, Francisco d'Avila não foi o vulto principal, a figura de mais relevo; não lhe cabe a primazia de esforços na empreza. Nesta penetração toda a gloria deve ser attribuida a Domingos A. Sertão, o Mafrouse.

A fama recompensou os serviços deste sertanista dando-lhe o sobrenome de Sertão, como quem diz o *desbravador, o conquistador por excellencia das terras do «hiaterland»*; esses appellidos servem para commemorar os factos culminantes na existencia desses grandes personagens da Historia. (Barão de Studart).

(**) A opinião de B. Magalhães e do Barão de Studart é que este Francisco d'Avila que chegou até o Piahy não é Francisco d'Avila, o velho. A actividade do l. Francisco d'Avila, i. é o velho, findou em 1650 (mil seiscientos e cincoenta).



E por isto, remontando seis annos, julgamos que a primeira ida de Domingos Jorge ao Piranhas se verificou logo após a penetração no Piahy — 1674-1675.

Em 1701 já o rei de Portugal mandava construir uma igreja no Arraial de Piranhas.

Funda-se ahí uma aldêa em 1719; o nucleo colonial é atacado por numeroso grupo de selvagens. O desespero levou os sitiados a fazerem um voto á Nossa Senhora do Bom Successo.

A crença deu-lhes força e os indios foram repellidos com grandes perdas. No anno de 1721 o pedreiro Simão Barbosa Moreira obrigou-se a construir a igreja, no espaço de trez annos, pela quantia de 600\$000, pagos em trez prestações de 200\$000 annuaes.

Existe ainda a imagem de Nossa Senhora do Bom Successo que os bandeirantes parahybanos adquiriram, logo após a victoria e que desde aquelle tempo é venerada no arraial de Piranhas, hoje cidade de Pombal. E' uma das reliquias da Historia dos sertões do Nordeste. (*)

Vê-se que Domingos Jorge Velho alimentou sempre vivo desejo de occupar os sertões parahybanos.

Tres annos e meio de lucta são um testemunho bem eloquente.

Domingos Jorge tinha sêde de poderio e de riqueza.

A Casa da Torre espalhava-se do rio S. Francisco para o norte, conquistando os sertões pernambucanos.

Quando em 1670 Antonio Ledo passou no rio. S.

(*) Tendo consideração aos serviços de Manoel Gonçalves Ferreira, obrados por tres annos e meio acompanhando ao Me. de campo Domingos Jorge Velho quando veio das Piranhas a fazer guerra ao gentio barbaro... em que se derrotaram as nações dos lycos (icós) e sucurus (sucurus)..."

Patente de D. Catharina a Mel. Gonçalves Ferreira em 28-III-1705, documentos que o erudito Basílio de Magalhães descobriu, ha pouco, no Archivo Nacional — fls. 173, tomo XV, Collecção Governadores, Rio de Janeiro. V. Artigo na Revista do Brasil. A referida patente vem assim confirmar, em grande parte, a hypothese aventada pelo Pe. Hellodoro Pires no seu recentissimo opusculo "Padre Mestre Ignacio Rolim". (Artigo de B. de Magalhães na Revista do Brasil). A hypothese é sobre o Roteiro de Domingos J. Velho.

Passando em Pombal em 1916, mandei tirar a photographia desta *imagem*, perante a qual tantas vezes se prostraram os bandeirantes com suas familias. E' a *Nossa Senhora dos bandeirantes*, porque recorda um lance emocionante na historia dos *bandeirantes* e relembra o *successo*, a victoria dos primitivos povoadores na imminencia de um grande ataque dos selvagens.

A *imagem* deve ter seus 294 annos de existencia. Em 1924 solemniza-se o III centenario da igreja.

Francisco procurando o rio Pajehú e o estado da Parahyba, Domingos Jorge mandou gente explorar os centros parahybanos onde corre o rio Piancó. As notícias que lhe vinham d'aquellas paragens diziam sempre da ferocidade dos selvagens que povoavam aquelles rincões.

Sabia mais o audacioso sertanista que depois de 1660 alguns descendentes de Francisco d'Avila vinham pouco a pouco estabelecendo-se naquelles terrenos, nos pontos menos accessiveis ao furor dos indigenas.

Tinha conhecimento certo de que a resistencia dos selvagens vinha impedindo, até então, o desenvolvimento dos colonos já estabelecidos naquellas paragens parahybanas.

Isto, porém, não lhe alterava os planos.

Domingos Jorge Velho era amigo, e muito amigo, da familia Oliveira (ou Oliveira Ledo) que passava para a Parahyba.

Em 1670 Domingos Jorge Velho viu desfilar no S. Francisco a caravana de Antonio de Oliveira, o colono bahiano que veio á Parahyba e fundou o arraial do Boqueirão (Cabaceiras).

Contava, pois, Domingos Jorge que entrando na Parahyba, não encontraria a sombra de um Francisco d'Avila e de um Domingos Sertão.

A Casa da Torre e o Mafrense tiveram necessidade do trabuco de Domingos Jorge Velho contra os índios Pimenteiras.

A paz veio servir aos planos do sertanista paulistano.

Foi ao Piauhy e após bater os indios dirigiu-se ao Piranhas.

Em «Formiga» (V. mappa) estabeleceu fazenda de gado. Trazia soldados e indios do Ceará e do Piauhy.

E' provavel que os colonos descendentes de Francisco d'Avila que se achavam desde 1650 no Alto Piranhas e no Piancó procurassem Domingos Jorge em Formiga.

Travou-se a lucta. Uma parte dos selvagens foi desbaratada, di-lo a patente de D. Catharina.

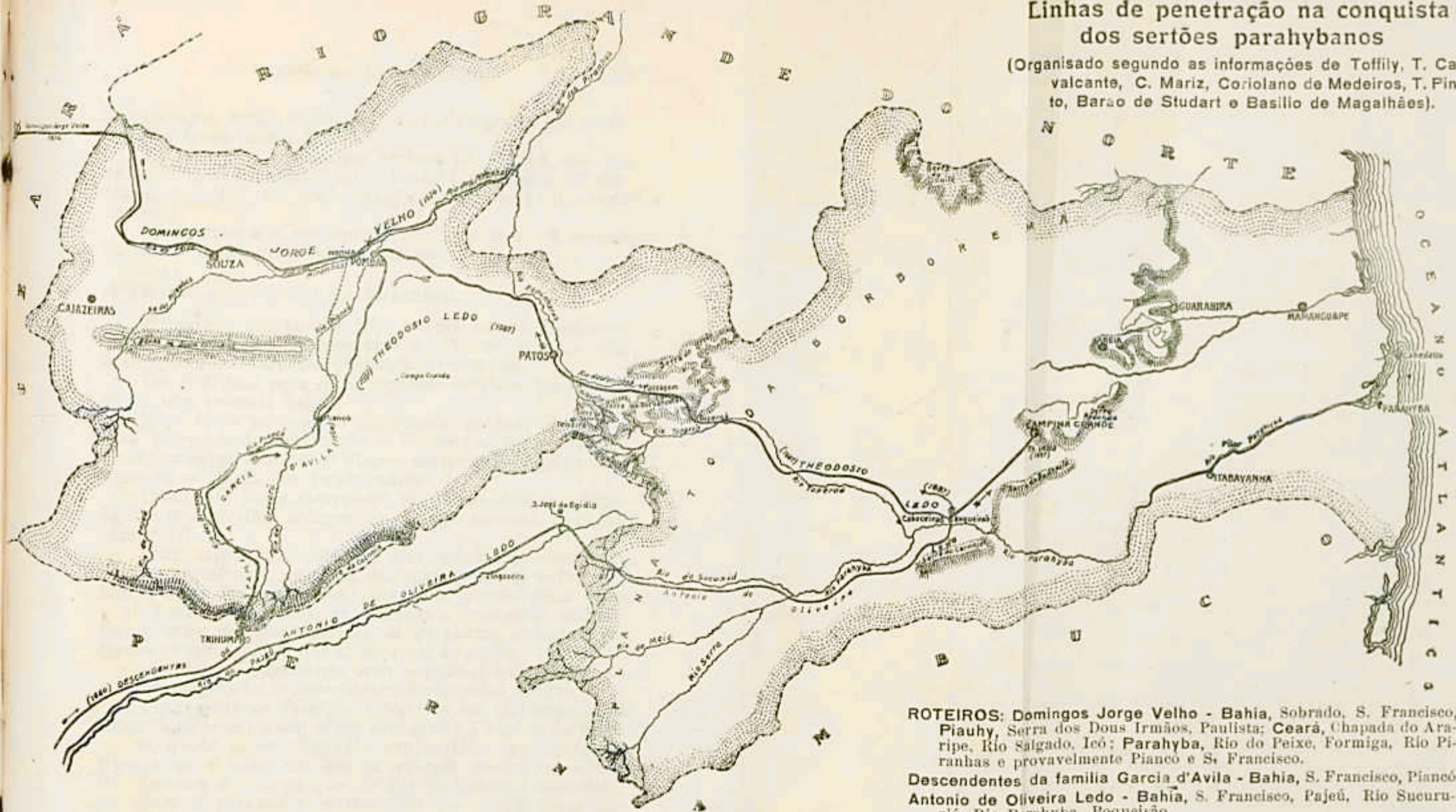
Inclino-me a crer que Domingos Jorge fundou então um nucleo em que, para proveito commum, a população se approximasse e no qual se organisasse a defesa dos colonos contra futuras explosões de odio dos indigenas.

Sabemos que em 1867 verificou-se a confederação dos Carirys e o conseqüente ataque ás fazendas e foi então que Theodosio de Oliveira Ledo pôde dizer ao governador Manoel Soares: «os sertões de Piranhas e Piancó estão



Linhas de penetração na conquista dos sertões parahybanos

(Organizado segundo as informações de Toffily, T. Cavalcante, C. Mariz, Coriolano de Medeiros, T. Pinto, Barão de Studart e Basílio de Magalhães).



ROTEIROS: Domingos Jorge Velho - Bahia, Sobrado, S. Francisco, Piauí, Serra dos Dois Irmãos, Paulista; Ceará, Chapada do Araripe, Rio Salgado, Icó; Parahyba, Rio do Peixe, Formiga, Rio Piranhas e provavelmente Piancó e S. Francisco.

Descendentes da família Garcia d'Avila - Bahia, S. Francisco, Piancó
Antonio de Oliveira Ledo - Bahia, S. Francisco, Pajeú, Rio Sucuriú, Rio Parahyba, Boqueirão.

Theodosio Ledo - Boqueirão, Taperoá, Passagem, Patos, Pombal, Piancó.

Francisco p
hyba, Dom
parahybano
vinham d'a
dos selvagi

Sabia i
alguns desc
pouco estal
nos accessiv

Tinha
selvagens v
dos colonos
nas.

Isto, p
Domin
familia Oli
Parahyba.

Em 16
Francisco :
bahiano qu
queirão (C

Contav
rahyba, nã
e de um D

A Cas:
trabuco de
menteiras.

A paz
Foi ao
ranhas.

Em «F»
Trazia sold

E' pro
d'Avila que
Piancó pro

Travou
ratada, di-l

Inclinc
um nucleo
se approxi

colonos contra futuras explosões de odio dos indigenas.

Sabemos que em 1867 verificou-se a confederação dos Cariry's e o consequente ataque ás fazendas e foi então que Theodosio de Oliveira Ledo pôde dizer ao governador Manoel Soares: «os sertões de Piranhas e Piancó estão

despovoados pelas invasões do barbaro tapuia.» Os confederados foram afinal batidos.

Creemos que o pequeno arrayal de Piancó que em 1675 ou 1676 Domingos Jorge fundára no Piancó foi destruído em 1687 na confederação dos Carirys. Renasceu depois.

Nestas palavras vae apenas uma hypothese. A origem da cidade de Piancó continua incerta.

A energia assombrosa do sertanista.

O periodo que vae de 1675 a 1691 passou Domingos Jorge ora em suas propriedades do Piahy, ora em «Sobrado», ora na fazenda «Formiga», Parahyba.

Em 1691 saiu para ser o vencedor de Palmares e tinha então uns sessenta annos.

Peço venia ao espirito scintillante de João do Norte para repetir aqui, applicando a Domingos Jorge, as formosas palavras com que o illustre auctor da «Terra de Sol» descreve o «cyclo dos bandeirantes».

Domingos Jorge atravessou «os taboleirões ao galope ligeiro dos cavallos ardegos ou a passo moroso, paciente, incançavel.

«Elle explorou a aspereza das montanhas, subiu as rampas resvaladias, grimpou de rastos pelos alcantis, dormiu á beira dos precipicios, passou os largos rios a nado e as torrentes estreitas, espumejantes, roncando raivosamente entre paredes ingremes de gargantas esconsas, em pontes pensis de cipós que baloiçavam ao vento.

«Escalou as ribanceiras com o punhal nos dentes, os punhos sangrando, o rosto avermelhado pelas urtigas.

«Atravessou as catingas e varzeas de chifarotes nús, rasgado pelos espinhos, olhos afusilando á espera da lucta.

«Durante annos dilatados sentiu Domingos Jorge a tristeza da solidão em que se estiram as leguas ermas das savanas, do eterno gemido dos burityzaes imponentes, do sussurro perenne e melancolico dos carnahubaes immensos, das negras terras revolvidas das grupiáras, da cor barrenta dos rios enormes, que não reflectem o azul do céo.

Elle enfrentou as feras que atacavam os grupos de sertanistas e devastavam as fazendas incipientes. Hoje ainda lendas recordam «os combates com as cabildas tapuias, á luz da lua ou esplendor do sol, entre silvos de flechas e roucos sibilos de palanguetas e pregos dos arcabuzes, o retinir dos aços nos tacapes e o resfolegar dos homens abraçados, rolando pelo capinzal.» Até aqui João do Norte.





PATRIARCHA DO "ADHESISMO"

A João Costa

Incertas sobre vagas são as notícias, conteadas em dicionários bio-bibliográficos, quanto a um poeta *lusobrasileiro*, assás curioso ao aspecto político-social. E só isto nos leva a examinar documentos vetustos, para recompor-lhe a physionomia, á guisa de *lição historica* — numa hora de propaganda retrograda.

Trata-se do padre secular Manuel Joaquim Ribeiro, mestre régio de philosophia racional, com exercicio em Mariana de 1797 a 1800 e Villa Rica de 1801 a 1822, data da respectiva jubilação (1). Os lazeres do sacerdocio e do magisterio, nas duas cidades e nesses periodos, dedicou-os á versegadura, quasi toda bajulatoria de governadores e annexos (2).

Estréaria com o soneto *Aos annos de um filho do Illmo. e Exmo Sr. Luiz Antonio Furtado de Castro do Rio de Mendonça, visconde de Barbacena, estando por capitão-generat em Minas*. Si não foi com a ode ao mesmo assumpto, da qual transcrevemos a estrophe setima, de vacinino brilhante ao cabo:

(1) — Não alcançámos dados mais remotos. Uma busca geral na secretaria da archi-diocese de Marianna, a que se procedeu por nosso pedido em Dezembro de 1911, resultou infructifera.

(2) — Na *Revista popular*, Rio, 1860, t. VII, pag. 368, Joaquim Norberto apresentou, como facto sabido, conjectura errada, identificando Manuel Joaquim Ribeiro no *Boberio* zurzido nas *Cartas chilenas*. O cantor de Luiz da Cunha Menezes, *Fanfarção Mineiro* na satira, quando chegou á capital aurifera, 23 de Agosto de 1783, já velho, não tinha ordens sacras.

*«Da America nos braços recostado,
Emtanto, Affonso nobre
Recebe o obsequio pobre
Aos seus ditosos annos consagrado.
Por Themis educado,
Os dous lustros que faz são na memoria
Doces presagios de futura gloria.»*

O insensível pae do fidalgoté, largando a administração, 9 de Agosto de 1797, deixou o vate sem paga de atrasados vencimentos de professor (3). D'ahi, a transferencia de Themis, com espada e balança, acto continuo, para junto do novo chefe:

*«As redeas toma o inelyto Lorena.
A paz nos baixa da justiça ao lado.
Exullá alegre a afortunada Minas.»*

Mas a elle, particularmente, não sorriu assim de prompto a Fortuna (4), pelo que, despedindo-se iroso da séde episcopal, onde permaneceria sem fama, nem proveito, —

«Adeus, ó vil Mariana; eu te abomino!»—,

passou a Villa Rica, disposto a intensificar o commercio com as Musas, até a definitiva conquista das graças do presumido bastardo de D. José I.

Multiplicam-se as peças gratulatorias a

*«Os aureos annos do immortal Lorena»,
O pae da Patria, o protector de Minas.»*

Thema gemebundo e lacrimoso, a morte de D. Maria Ignacia da Silveira, progénitora de Bernardo José de Lorena, arrancou-lhe dos dedos tres sonetos a fio.

(3) -- Eram de 460\$000 annuaes, pagaveis pela renda do *Subsidio literario*, imposto destinado á manutenção do ensino publico. A carta régia de 10 de Novembro de 1772 estabelecera, para a America, a taxa de 10 réis sobre arratel de carne verde nos açougues e 1 real sobre canada de aguardente do país nos engenhos. Vigé ainda, augmentada, em alguns pontos da Republica.

(4) — Em 19 de Outubro de 1800 aquella divida ascendia a 1:725\$000, conforme certificava o escripto da Junta da Real Fazenda, cel. Carlos José da Silva, a cuja porta bateu uma vez o padre-mestre, es-carranchado no Pégaso:

«A ti, egregio Silva, hoje me elevo.»

Rendeu-se o sátrapa

«*Digno dos versos do cantor de Troia,
Do singular Homero.*»,

e o poetastro acclamou-se:

«*Sou qual Milton, Camões e qual foi Tasso:
Meu verso e meu poder me eleva a tanto!*»

Taes jaculatorias ridiculas, de par com amorosas bazeiras pastoris de *Almeno* ou *Meliseu a Jonia* (5), OBRAS POETICAS, 109 pag.^{as}, in-8.^o, Impressão Régia de Lisboa, 1805, saídas «debaixo dos auspícios do Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Bernardo José de Lorena, do Conselho de S. A. R., nomeado Vice-Rei, e capitão de mar e terra do Estado da India, etc., etc., etc. (6)

No Prologo, lê-se:

«É surdo aos insultos dos que motejam o fazer versos, terei por grande ventura que possam os meus dar a conhecer algumas das eminentes virtudes do meu incomparavel protector.»

Para as qualidades de Lorena só mesmo os metros de Ribeiro...

As oblatas deste ao successor daquelle, desde a posse, 21 de Agosto de 1803, compendiaram-se num segundo volume das OBRAS POETICAS, 137 pag.^{as}, in-8.^o, impresso na referida officina, em 1806. Auspiciou a ultima publicação D. Maria Magdalena de Sousa Oliveira e Castro, decantada juntamente com o esposo, Pedro Maria Xavier de Atahyde e Mello (os condes de Condeixa, note-se em parentese, mereciam cantor mais alto, ou menos interesseiro).

A' pag.^a 30, o A. conta e descreve a terra do proprio nascimento:

(5) — Não poucas de suas lyras parecem *colchas de retalhos*. Haja visto á I, de onze estrophes, sete das quaes constituem deformações de outras tantas das I, V o XXVIII da pte. 1.^a da *Marília de Dirceu*. Gonzaga não teve nella epigono intelligente, mas sim plagiario de-
sastrado.

(6) — O *Real Gabinete Português de Leitura*, do Rio de Janeiro, possui um exemplar, o que consultámos.



*«Tu és, o Sanhoane, a patria amada,
Por quem sempre nutri amor profundo;
E's o pêgo, o logar doce e jocundo,
Em que primeiro vi a luz dourada.*

*Tu és do claro Douro a flor gerada
Da Serra do Marão no todo fundo;
Tu és o berço donde vim ao mundo,
De paes illustres, de familia honrada.*

*Tu és por quem suspiro ha tantos annos,
Ou sulque as ondas de Neptuno iroso,
Ou habite os sertões americanos.*

*E's, emfim, aonde vou terno e saudoso,
Beijar as mãos, reparar os damnos
De uma mãe anciã, de um pae moroso.» (7)*

Tornando á colonia, proseguiu na faina encomiastica — composições avulsas, dirigidas a prepostos metropolitanos. Uma dellas, celebratoria do anniversario natalicio de Francisco de Assis Mascarenhas, conde da Palma, que, em 5 de Fevereiro de 1810, rendeu a Pedro Maria Xavier de Atahyde e Mello, conserva-se no *Patriota*, Rio, 1813, t. II, n.º 6, pag.ªs 13 a 18, *apud* Sacramento Blacke.

E aos 9 de Abril de 1821, em Ouro Preto, ainda assignava o auto de juramento ás bases da nova Constituição portugueza, mandadas observar pelo decreto de 9 de Março, o «professor de philosophia Manuel Joaq.^m Ribr.^o». *Rev. do Arch. Publ. Min.*, an. II, fasc. 2, pag.ª 237.

Até ahí o luso... Agora... o brasileiro.

«Oração», que na egreja de N. S. do Carmo de Villa Rica, em 23 de Setembro de 1822, perante o collegio eleitoral e numerozo concurso da nobreza e povo, recitou o P. M. Manuel Joaquim Ribeiro, cavalleiro professo na Ordem de Christo e professor jubilado em philosophia na Provincia de Minas. Rio de Janeiro, 1822, 10 pag.ªs in-4.º:

«Graças pois, graças á nossa ventura, que despedaçados os ferros, que por tantos seculos opprimiram os roxos pulsos de nossos escravizados avós, e rasgadas todas as

(7) — Não lográmos ver o segundo volume das *Obras poeticas*. No traslado de Joaquim Norberto (*loc. cit.*), de que nos serv'nos, está *amoroso*, em vez de *moroso*. Erro typographico, evidentemente.

vendas que a timidez ou a boa fé ainda conservava sobre nossos olhos, mineiros, os males de infortunios symbolizados nos fabulosos tempos de Saturno não impeçam, não esmagam já o nosso continente: e a Cathagoria autor-gada á nossa patria pela liberalidade do nosso bom rei o Senhor D. João Sexto, apesar de todos os embates vertiginosos, ella se sustenta e se levanta corôada de triumphos.» (Pag. 4).

«O illustre merito, que até agora vivia desprezado, escondido nas nossas florestas, deposta a timidez, virá espalhar entre nós as suas luzes. Os Heraclitos, que incessantemente pranteavam a multidão de injustiças, de que se via cumlada a nossa patria, não serão mais lembrados na plenitude da nossa ventura; e os empregos dados até agora só á solicitação, e ao favor, sahindo da ignominia, irão elles mesmos convidar os sabios e os que têm sua morada no Asylo da Virtude.» (Pag. 8).

«*Oração*», que no solemne applauso consagrado pelo Senado de Villa Rica á aclamação de Sua Magestade Imperador e Constitucional, o Senhor D. Pedro de Alcantra, recitou o P. M. Manuel Joaquim Ribeiro, cavalleiro professo na Ordem de Christo e professor jubilado em philosophia na Provincia de Minas. Typographia Nacional, Rio de Janeiro, 1823, 14 pag.^{as}, in-4.^o:

«Sacudi, arrojai de uma vez, para a profundeza dos mares, os ultimos despreziveis anneis da nossa vergonha e antiga escravidão.» (Pag. 4).

«Findou, mineiros, exgottou-se de todo a nossa paciencia; chegou á ultima barreira o nosso soffrimento ultrajado.

Ah! bem vindó sejaes, eu vos saudo seculos venturosos, por quem ha tanto suspirava o Brasil agrilhoado; eu vos saudo amigos conductores da prosperidade da minha patria, sublimes mensageiros do Immortal, e monumentos portentosos que algum dia têm de abrilhantar as dilatadas provincias do oppulento Brasilico Imperio.» (Pag.^{as} 7 a 8).

«Mineiros, e haverá por ventura quem não sinta pular-lhe o coração de jubilo, ao ouvír, neste momento delicioso, a nova tão complacente, tão encantadora? Ah, de mim o digo, que, inflammado nos ardores de um exaltado patriotismo, nem sei, nem posso conter a enchente de ale-



gria de que minh'alma se inunda.» (Pag. 9). (8).

Aos 29 de Dezembro de 1830 D. Pedro I partia do á: Janeiro para Minas, não só no intuito de favorecer a reeleição a deputado do juriconsulto José Antonio da Silva Maia, a quem fizera ministro do Imperio, mas tambem no de sopitar tendencias federativas. Em muitas localidades que visitava, dobres de sinos por João Baptista Libero Badaró, o jornalista liberal victima de assassinio, advertiam-no do verdadeiro sentimento popular.

Mas chegado a Ouro Preto, 22 de Fevereiro de 1831, teve festiva recepção official, a que logo se associou Manuel Joaquim Ribeiro, pindarizando-o numa ode (9). Sem perceber o fatal declinio da estrella

*«De Pedro, heroe excelso, augusto invicto,
No Brasil novo Aurelio, novo Tito.»*

mais uma vez se inflammou nos *ardores de um exaltado patriotismo*:

*«Do injame absolutismo as vis cadeias
Pedro as faz em pedaços:
Em vão, pois, ó Brasil, em vão receias
Que inda opprimam teus braços.
Monarca liberal, que o povo ajaga,
O monstro odeia, a atroz cerviz lhe esmaga.»*

Suspeitamos que o padre-mestre não sobreviveu ao proximo 7 de Abril, porquanto ninguem conhece ode sua a Pedro II...

Typo caracteristico da literatura *luso-brasileira*, que se pretende recrear anachronicamente, não influuiu na poesia nacional, mas fica parasitando na historia de nossas letras, como — *Patriarcha do «adhesismo»*.

ALBERTO FARIA.

(8) — Estas orações, convencionaes e utilitarias, bem como outra, de 1825, a S. Vicente de Paulo, não mencionada em dictionarios bibliographicos, encontram-se na *Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*, onde as manuseámos.

(9) — Pertence ao numero das saudações falaciosas e insinceras, a que allude Armitate, o historiador do Primeiro Imperio, narrando a infeliz viagem politica do soberano. Figura no *Rev. Inst. Hist. e Geogr. Bras.*, t. LX, pte. 1.a, paginas 371-3.



CAUSAS DA GUERRA DO PARAGUAY — Souza Docca — Liv. Americana — Porto Alegre — 1919.

A guerra do Paraguay foi uma longa serie de erros militares e de imprevidencias diplomaticas: os nossos ministros deixaram-se levar por palavras e não atuaram, de prompto, nos motivos dos preparativos bellicos de Lopez, chegando mesmo a ignoral-os e deixando-nos colher quasi inermes.

Dentro dos dois primeiros annos da guerra, os nossos erros se accumularam: tendo concorrido com o maior contingente de tropas, cedemos o commando supremo aos argentinos, abandonamos o plano logico e expedito da invasão do Paraguay pelo Norte e pelo Sul e ao passo que enriqueciamos e povoavamos as provincias de Entre-Rios e Corrientes, mantinhámos a unidade do exercito de Lopez em plena efficiencia contra as nossas tropas, em lugar de o obrigar a se retirar em dois e acudir o Norte do Paiz.

Tal serie de erros custou-nos caro: tem o seu desenlace historico no desastre de Curupaity, friza-se notadamente nos dez mezes de immobilização de nossas operações e culmina nessa *retirada da Laguna*, em que um tecido de erros e o cruel abandono em que deixamos a heroica columna do coronel Camisão transformam-se na pagina de mais doloroso e commovido heroismo de que ha noticia em todas as nossas gestas bellicas.

Até meados de 1867 nós não tinhamos feito nada que pudesse humilhar Lopez.

O seu exercito continuava intacto, a sua maior fortaleza, Humaytá, continuava-nos inacessivel.

E nós, além de immobilizados, sofriamos o effeito moral dos dois recentes revezes, que se reflectiam no estrangeiro, em antipathia pela nossa causa, ao passo que augmentava a confiança, a audacia e a resistencia do inimigo.

Pois bem, estes factos, tão naturaes a toda guerra, — desde que a faculdade de acertar é vara no homem — têm sido escondidos pelos nossos historiadores. A batalha de Curupaity merecelhes duas linhas, da immobilização do exercito e suas causas não se diz absolutamente nada e da *Retirada da Laguna* ouve-se, ás vezes, falar como de uma cousa que aconteceu na China lá pelas eras pre-christãs.

Em compensação fala-se sempre e demasiado do periodo que vai de Julho de 1867 a 5 de Janeiro de 1869 e com tal adjectivação e com tal emphase, que nenhum alumno de escola secundaria ou superior pôde, serenamente, formar um conceito serio e claro e justo do que foi essa guerra.

E a nossa detestavel mania da grandiloquencia latino-tropical fez, em nossas rodas cultas, olhar com desconfiança a essas manifestações de lyrismo patriótico, pondo de quarentena os nossos grandes feitos e os nossos grandes homens.

E como, nestes modernos tempos de arrivismo, o vicio se aggravou pelo exaggero do valor alheio, pelo desvirtuamento da noção dos factos, pelo empolamento palavroso e ódio com que se transformam nullidades em homens illustres, inaugurando o regimen que Ruy Barbosa acaba de chrismar com um nome feissimo, a suspeita no valor do nosso passado cresceu, pelo exemplo que nos dá o nosso presente.

A guerra do Paraguay, como a mais importante das luctas sul-americanas, entrou tambem para o rol dos nossos feitos onde ha muita coisa affirmada e não provada e como nós não tivessamos quem nos ministrasse documentos fomos procural-os no estrangeiro.

Acontece que entre os estrangeiros que se preocupam de cousas americanas, ha uma boa somma de escriptores que empurram ao Brasil a responsabilidade da guerra do Paraguay e essa affirmação encontrou echo em nosso Paiz, chegando a formar uma corrente de antipathia nacional contra esse periodo de nosso progresso.

O livro do sr. Souza Docca vem rehabilitar-nos de tamanha culpa e mais que isso rehabilitar, de uma forma irretorquível, os estadistas do imperio a cujas costas foi atrada a responsabilidade maior, como sonhadores de um imperialismo ridiculo e de fancia.

A obra se divide em 8 capitulos e estuda a questão com um criterio imparcial e superior, documentando affirmativa por affirmativa, o que a torna, ás vezes, exhaustiva.

Inicia-a pelo exame da missão Saraiva e mostra os esforços de nossa diplomacia para pacificar a Republica Oriental, além do limite que era possível tentar.

Passa depois a analizar as tentativas da diplomacia uruguaia para fazer uma alliança com Lopez e Urquiza e denuncia então os processos mesquinhos de que se serviu ella, até fazer estalar o conflicto que durou 5 annos e tão caro nos saiu.

O assumpto é tratado com bastante methodo e em estylo facil e corrente, que revela, apenas, um pronunciado amor a chavões e phrases feitas.

Ha um outro senão a assinalar: o temor do A. em melindrar susceptibilidades de nossos vizinhos.

Nesse intento, tem tiradas justificativas do seu proceder que deveriam ser supprimidas.

Ou é historia ou não é: si é, o historiadior tem o direito de passar por cima de melindres tolos e usar, na linguagem, dos termos apropriados e sem euphemismos.

São gentilezas do A. essas, mas

que redundam em defeito para o escriptor, pois a força de um juizo perde a viveza, o calor, e a justeza si é tibia a phraseologia adoptada pelo salientar.

Isso, porém, não diminue o merito innegavel da monographia do sr. Souza Docca, que se revela, de chofre, na sua estréa, um historiador de bom quilate e subido valor, capaz de enriquecer de muitos volumes, como este, a nossa minguada bibliotheca de Historia Patria.

A FAIXA LITTORANEA — BRASIL MERIDIONAL — HONTEM E HOJE — *Ev. Rackheuser* — Typ. Besnard Frères — Rio — 1918.

O A. abre o seu livro com um Prefacio em que mostra o criterio por elle seguido na comprehensão do estudo da Geologia, criterio traçado por Euclydes da Cunha em *A' Margem da Historia*, e do qual extrahimos os seguintes trechos:

«Cada vez mais se vai tornando corrente a necessidade de ligar ao estudo geographico de qualquer região um conhecimento mais ou menos profundo dos caracteres geologicos dessa região.»

Depois de mostrar as vantagens decorrentes da união dessas duas sciencias e o auxilio que a Geologia pôde prestar ao geographo, exemplifica:

«O desenvolvimento fisico do homem — como aliás de todos os seres vivos — é influenciado poderosamente por varios factores mesologicos, entre os quaes não é para desprezar, por exemplo, a composição chimica das aguas de alimentação, composição chimica que está directamente presa á natureza das rochas por onde transite a agua. As aguas calcareas farão esqueletos desenvolvidos, donde homens altos e elegantes. O Caucaso é calcareo; as terras brasileiras são pobres em calcio.»

A propria evolução das sociedades das nações, isto é, a geographia politica e a economica, é função da natureza das terras que os povos habitam, quer directamente pelas rique-



zas mineraes dellas extrahidas, quer indirectamente pela agricultura e pecuaria de progressos tão intimamente vinculados á composição do sólo.

Assim orientado, o A. dá-nos uma descripção das terras do litoral do Brasil Meridional, que pela clareza da exposição e pela extensa documentação, pela logica de suas deducções, denuncia logo um acientista consciencioso, que faz questão de ser exacto naquillo que affirma.

Tendo sido contestado que a costa do Brasil meridional está passando por um periodo de emersão, devido a um movimento negativo do mar, o autor propõe provar que a contestação é descabida.

Descreve, então, a porção de terras que vai da planície dos Goytacazes ao Chuy, divide-a em 5 trechos, pela idade que demonstram.

A descripção é documentada, exhaustivamente documentada, mas apesar disso lê-se com agrado e o A. chega á conclusão, pelos factos relatados, que o recuo do mar se evidencia cabalmente.

Fecha o livro uma descripção as grandes planeladas de como se formou a actual configuração do Brasil, que si nenhuma base scientifica tivesse — e tem — teria por si o atractivo de ser uma linda fantasia.

E, enfim, um contingente apreciativo que o A. traz para o conhecimento do Brasil ignorado e é um livro digno da leitura não só dos entendi-

dos da materia, mas tambem de todos os estudiosos de Geographia.

O PROBLEMA MONETARIO NO BRASIL — *Adolpho Pinto* — Casa Vanorden — S. Paulo, 1919.

Poucas vezes vimos concentrado n'um livro de pequeno formato e de poucas paginas maior somma de verdades e de mais uteis suggestões. Estes artigos dados á luz n'«O Estado de S. Paulo» e ora enfeitados em volume deviam constituir o livro de cabeceira, o breviario de nossos ministros de finanças, e, mais ainda, um permanente programma administrativo para todos os governos.

O problema monetario é aqui exposto com clareza extrema, desde a noção do dinheiro corrente até a critica larga e magistral do aparelho de credito proposto pelo Dr. Sampaio Vidal. Se não cabe nesta noticia o comentario da preciosa obra do Dr. Adolpho Pinto, cabe o recommendal-a calorosamente a quantos tencionam ver claro no barathro escuro das nossas finanças eternamente avariadas, eternamente em uso de mesinhas porque eternamente afastadas do bom senso e da visão clara do *nosso* problema economico-financeiro.

Copiamos sempre soluções alheias, donde ficar sempre insoluto o problema capital da nossa vida de povo que compra e vende.





VIDA NACIONAL

De 15 a 15

Junho, 15 — O Governo do Pará recebeu 50 contos da União para auxilio aos flagellados da secca do Nordeste, que aportarem a Belém. — Falleceu o sr. Sabino Barroso.

16—O Tribunal de Contas negou registo ao credito de cinco mil contos para emprestimo ao Pará, e concedeu registo ao credito de cinco mil contos para auxiliar as populações flagelladas do paiz.

17 — O Governo de Sergipe adoptou o dia de oito horas para os seus operarios.

18 — O Presidente da Republica enviou uma mensagem ao Congresso solicitando os creditos que forem necessarios ao Ministerio da Viação para occorer ás desperas do cumprimento das acções resultantes dos accidentes no trabalho.

19 — Foi encarregado de escrever no «Livro do Centenario da Independencia» o capitulo sobre José Bonifacio, o dr. Martim Francisco.

20 — Falleceu o Prof. Costa Sena.

22 — Inaugurou-se a bitola larga do ramal ferreo de Belo Horizonte.

23 — O Secretario do Thesouro da Bahia fez remetter para a Europa a quantia de 170.000\$000 para pagamento do serviço do «funding loans».

27 — Foi nomeado sub-secretario das Relações Exteriores o Dr. Crockrane de Alencar.

29 — Os jornaes mineiros tratam longamente da mudança da Capital Federal para Belo Horizonte.

30 — Foi communicado ao Congresso Nacional a assignatura do Tratado da paz. A Academia Nacional de Medicina commemorou o seu 90.º anniversario.

Julho, 1 — Nas capitales dos Estados realizaram-se festejos em regosijo pela paz.

3 — O Presidente do Estado de S. Paulo, na qualidade de Presidente da Liga de Defesa Nacional, remetteu á sede da mesma a importancia de... 47:932\$120, producto da subscrição aberta pelos jornaes «O Estado de S. Paulo», «Correio Paulistano», «Jornal do Commercio» e «Famulla» e pela Directoria Regional, em beneficio das familias dos marinheiros nacionaes que estiveram na guerra.

4 — Realizaram-se no Rio grandes festas commemorativas da Independencia dos Estados Unidos.

5 — Tiveram inicio na collina do Ypiranga, em S. Paulo, as obras para commemoração do Centenario da Independencia.

7 — Iniciou-se na Camara de Minas Geraes o estudo da reforma da Constituição daquelle Estado.

10 — Pelo Congresso Nacional foi reconhecido e proclamado Presidente da Republica o Dr. Epitacio Pessoa.

11 — Foi inaugurada a Escola de Aviação Militar do Rio de Janeiro.

12 — Abriu-se no Rio a primeira Exposição Nacional de Cereaes.

14 — Installou-se o Congresso Estadual de S. Paulo.

Os mortos do mez

SABINO BARROSO — O sr. Sabino Alves Barroso Junior, fallecido no dia 15 do mez ultimo, nasceu em Abril de 1859, em S. Sebastião das Correntes, municipio de Serro Frio, Minas. Era filho do Coronel Sabino Alves Barroso e de D. Maria Josephina de Araujo. Iniciou os seus estudos nos collegios de Diamantina, indo completar o curso de preparatorios no «Collegio dos Padres», em Caraça. Seguiu depois para S. Paulo, onde se matriculou na Academia de Direito, formando-se em 1884. Um anno depois de formado, com 25 annos de idade, foi eleito deputado provincial em Minas. Era candidato do partido conservador, derrotando o candidato do partido liberal, então no poder. Na assembléa provincial, teve uma acção importante, porque era o «leader» de seu partido e assim teve occasião de intervir em todos os debates. Reeleito, foi depois escolhido Presidente da Assembléa, posto em que o encontrou a Republica.

Foi dos mais votados para a Constituinte mineira, tendo occupado nella o lugar de 1.º Secretario. Poucos annos mais tarde, foi eleito senador estadual e, em 1900 foi levado á Camara Federal, onde o escolheram para «leader» da bancada mineira.

A 6 de Agosto de 1901 renunciou o mandato de deputado para exercer o cargo de Ministro do Interior.

Deixando o Governo, voltou á Camara dos Deputados em 1903, sendo desde então reeleito sem interrupção.

Filiado ao grupo do partido republicano mineiro do Dr. Silviano Brandão, que depois da morte deste foi chamado de «juvinhas», era dos mais prestigiosos chefes do grande Estado, membro da commissão executiva do partido e seu «leader» parlamentar. Em 1902, quando falleceu o Dr. Silviano Brandão, foi indicado pelo Dr. Campos

Salles para a vaga de Vice-Presidente da Republica, finalmente preenchida pelo Sr. Affonso Penna.

Apoiou a candidatura do Sr. Hermes da Fonseca, e quando, dada a scição, o Sr. Carlos Peixoto renunciou a presidencia da Camara dos Deputados, foi eleito para esse alto cargo em 1910, sendo depois reeleito até entrar de novo para o governo, no inicio da presidencia do Sr. Wenceslau Braz.

A sua acção politica muito deveram então os elementos que sustentavam o Sr. Wenceslau Braz á victoria de seu candidato á presidencia da Republica.

Nomeado a 15 de Novembro de 1914 Ministro da Fazenda do sr. Wenceslau Braz, pouco tempo occupou a pasta. A aggravação de seus males o obrigou a partir para a Suissa e assim pediu demissão do cargo, para se tratar no estrangeiro.

Apezar de curta a sua segunda passagem pelo Ministerio da Fazenda, foi importante quanto ás decisões que proferio. Foi no momento critico da liquidação da grande divida deixada pela administração anterior. O Sr. Sabino Barroso, para satisfazer ás reclamações do commercio, emittio letras do Tesouro, com juros, para pagar os que mais precisavam. Era a solução que então mais apregoavam. Esses titulos ficaram conhecidos pelo povo pelo nome de «sabinas», allusão ao Ministro que os emittio.

Em 1917, depois de uma longa estadia na Suissa, o Dr. Sabino Barroso teve licença de seus medicos para voltar ao Brasil. Regressando á patria, foi logo eleito deputado por seu districto de Minas, por ter renunciado o mandato o Dr. Joaquim Salles, seu correligionario dedicado.

Reconhecido em Junho, em Julho voltou á presidencia da Camara, por ter o Dr. Astolpho Dutra resignado o alto cargo. Depois o Dr. Sabino Barroso foi sempre reconduzido na presidencia da Camara, tendo sido o seu nome varias vezes lembrado e indicado tanto para Presidente de Minas como para Presidente da Republica.



PROF. COSTA SENNA — O dr. Costa Senna, fallecido em Belo Horizonte, era um mineralogista illustre e notavel escriptor e dirigia ha varios annos a Escola de Minas, de Ouro Preto, da qual era cathedratico.

Por seus estudos geologicos e mineralogicos, por seus trabalhos sociologicos, por sua acção como director e professor em Ouro Preto, o dr. Costa Senna se tornou na sua especialidade uma autoridade que todo o Brasil respeitava e era conhecido e citado nos circulos profissionais do estrangeiro. Era, ao demais, um optimista sincero e entusiasta ao encarar e estudar os nossos problemas e, em ensaios e cartas recentes, mostrou em explanações rica de documentação, quanto valia o nosso homem do interior, o valor real de sua energia e a sua capacidade de trabalho.

O dr. Costa Senna era natural da cidade de Conceição do Serro, no Norte de Minas, onde nasceu a 13 de Agosto de 1852. Professor da Escola de Ouro Preto, na qual se graduara, viajou, fazendo grandes investigações scientificas, tendo publicado sobre mineralogia estudos valiosos.

Escreveu muito em jornaes do Rio, de Minas e de S. Paulo, e por seus trabalhos mereceu no antigo regimen o habito de Rosa, tendo depois recebido honra semelhante do Governo francez e da Academia Franceza, sendo tambem eleito membro correspondente de varias sociedades scientificas.

Foi senador estadual em Minas e Vice-Presidente do Estado, tendo exercido o Governo durante algum tempo (1902).

Além de varios outros trabalhos scientificos publicou a *Viagem de estudos mineralogicos na provincia de Minas, Noticia sobre a Mineralogia e geologia de uma parte do norte e nordeste de Minas Geraes, Noticia sobre a scorotida existente nas vizinhanças do arraial de Antonio Pereira e sobre a hydrargyllita dos arredores de Ouro Preto.*

A questão das condecorações

Os que accellarem condecorações ou

titulos nobiliarchicos estrangeiros, perderão todos os direitos politicos. (Const. Brasileira, art. 72 § 29).

Isto é:

—Os que accellarem condecorações nobiliarchicas estrangeiras, — ou titulos «nobiliarchicos» estrangeiros, perderão todos os direitos politicos.»

Para se perderem os direitos politicos não basta que as condecorações accelladas sejam «estrangeiras»: é mister, outrossim, que sejam «nobiliarias», isto é, que importem na aquisição de predicaos de nobreza.

Aqui está como eu entendo o paragraho 29 do art. 72 da Constituição brasileira. Não descubro geito, por onde, segundo a grammatica, a logica e o direito, se lhe possa attribuir outro sentido. Lanço á conta de pouco attentamento na critica do texto a má intelligencia, com que elle se vê mal entendido até hoje, e nutro a esperanza de que, de ora avante, se atalhe esse equivoco, uma vez ponderados com bom animo os meus embargos ao curso de tal erro.

O que a Constituição claramente prohibiu no tocante a condecorações estrangeiras, é o mesmo que, no mesmo texto, claramente prohibe no tocante a titulos estrangeiros: as honras «de nobreza» («nobiliarchicos», ou «nobiliarias»), incompativeis com a egualdade republicana.

Poderiam, talvez, contradictar-me que acolhida a eninha maneira de ver, escapariam na sua maior parte á interdicção constitucional as condecorações estrangeiras; pois na sua maioria ellas não apresentam feições nobiliarias.

Mas que tem isto, se essa maneira de ver é, realmente, a que conforma com as expressões, nas quaes os constituintes vertem o seu pensamento? se com essa maneira de ver é que consona a redacção do texto constitucional? se a essa maneira de ver é que nos leva a intelligencia natural delle? se, enfim, da outra maneira de ver resultaria juntarem-se numa só phrase da Constituição duas normas entre si antagonicas e inconciliaveis, quaes as de se admittirem os titulos, que não sejam de nobreza, e, ao mesmo tempo, se proscreverem as condecorações, que de nobreza nada tiverem?

Se essa disposição fosse verdadeiramente útil, se coativesse em instituições republicanas, se attendesse praticamente a exigencias do espirito de liberdade ou democracia neste systema, ainda se poderia ter receio de lhe cercar os beneficios com a estreiteza da interpretação liberal.

Mas basta advertir que o rigorismo desse preceito, no singular requinte a que o levou a nossa Constituição actual, não tem parellhas nem nas Constituições mais democratas do mundo, quaes a dos Estados Unidos e a da Suissa, nem nas de mais sublimado radicalismo neste particular, como as das cinco republicas da America hespanhola acima designadas, para vermos que não se trata senão de um desses caprichos dos fabricantes de constituições nas crises de transição entre dois regimens.

Não havia de ser pelas condecorações estrangeiras, e muito menos pelas de mera honorificencia, estranhas de todo em todo ás desigualdades e privilegios da nobiliarchia, que viesse mal ao mundo, ou risco ao Brasil e suas instituições. Nesta época de realidade de ninguem se venderia ao estrangeiro por fitas ou veneras. A infiltração, com que o imperio da Allemanha, antes da guerra, lograra quasi apoderarse, financeira e politicamente, de todo o globo, exerceu a corrupção em medida gigantesca, mas só a dinheiro, sem usar de titulos, ou commendas, que não constituem hoje moeda capaz de nenhum valor humano, digno de ser comprado.

A intelligencia que acabo de dar ao art. 72, paragrapho 29 da Constituição brasileira, além da vantagem, sobre todas preciosa, de restabelecer a verdade constitucional, nos traz a de harmonisar o nosso direito escripto com o senso commum. Todas as leis que d'elle saem estão, desde o nascedouro, condemnadas a só existir no papel.

Eis, aqui está o motivo por que a sobreseveridade (se me permitem o neologismo) erroneamente attribuida a esse nosso texto constitucional não obsta a que estejamos vendo chover, todos os dias, entre civis e militares, entre particulares e funcionarios e

até entre membros do Congresso e do governo, condecorações estrangeiras. E' a sorte de todos os rigores destemperados e insensatos da legislação cahirem logo em despreso. A's demasias no regimen fiscal responde o contrabando. A's crueldades no regimen penal, a impunidade. Aos caprichos no regimen politico, a inobservancia e o desuso.

Por isso quando as leis não sobremaneira duras, é de boa hermeneutica attenuar-lhes a dureza. Isto ainda quando essa attenuação vá encontrar alguma difficuldade nas surpresas reais do texto legislativo. Com esta disposição constitucional, porém, se tem praticado o contrario. Não poderia haver maior sem-razão e maior braveza que isto de punir com o maior dos castigos civicos, o da perda dos direitos de cidadania, o mais venial dos peccadilhos humanos, a acceitação de condecorações de méra honraria. Tal coisa não se achava no texto constitucional correctamente entendido. Foi a interpretação que lhe encartou. E é a essa enxertia desautorizada que está desobedecendo o uso. — RUY BARBOSA.

...

Revistas e jornaes

O café e a geada

Quem quizesse dar uma boa idéa do gráu de cultura agricola do nosso Estado nada melhor teria a fazer do que reunir em volume a serie enorme de tollices, disparates e habosciras que se escreveram nos mezes de Junho a Agosto do anno passado a respeito da grande geada, seus estragos, meios de prevenil-os, remedial-os e cural-os com um capitulo especial dedicado á póda do cafeeiro em que se reproduzisse tudo que se escreveu sobre os inconvenientes desta operação nos pés que foram, então, atingidos pelo meteoro. Se se pudesse passar tudo isso para inglez e espalhar profusamente exemplares pela America do Norte, não tenho a menor duvida de que, então, haveria realmente perigo de que os americanos pensassem sériamente em intervir nos negocios do nosso paiz,

para pôr um pouco de ordem neste descalabro.

Entre as pouquíssimas coisas sensatas que se escreveram naquella occasião appareceu um artigo do dr. Luiz Pereira Barretto aconselhando o aproveitamento das sementes dos caféeiros que melhor resistiram á geada, para início de um longo trabalho de selecção com o fim de obter individuos resistentes ao terrível flagello. Parece impossível que ainda se tornem necessários taes conselhos aos nossos estabelecimentos officiaes após cerca de cem annos de cultura da preciosissima rubiaceae! Em qualquer país em que se estudassem convenientemente estes problemas, de importancia vital, já ha muito estaria o caso resolvido. O Estado de São Paulo e o seu vizinho, o Paraná, têm extensões consideraveis de terras riquissimas, mas onde o caféeiro não pôde ser cultivado devido exclusivamente á pequena altitude que possuem. Como é possível que, diante disto, até hoje os nossos governos, pelos seus estabelecimentos agricolas, não tenham sequer pensado na obtenção de typos de caféeiros resistentes ao frio e as geadas? Como é crível que se cruzem os braços e se deixem perder centenas de milhares de contos por um mal que se pôde, que já se devia ter remediado? Aos nossos governos cabe, indiscutivelmente, a culpa do tremendo desastre soffrido em 1918 pela lavoura paulista, por não terem até aqui dotado de meios convenientes e pessoal competente as suas estações experimentaes. São Paulo não possui ainda hoje uma unica estação scientificamente aparelhada para o estudo dos multiplos problemas que apresenta a lavoura caféeira, apesar de ter nella a sua melhor fonte de riqueza e de onde têm sahido todos os recursos para os escandalosos esbanjamentos dos nossos governos.

Java, a pequenina ilha, possui ha já alguns annos uma estação de selecção para o café, em Bangelan, e a ella se deve o resurgimento desta cultura nas Indias Hollanderas. Para todas as grandes culturas existem allí magnificas estações experimentaes, a cargo de verdadeiros cientistas, dis-

tinctos especialistas, contractados nas cinco partes do mundo, enquanto em São Paulo nós somos de uma pobreza verdadeiramente franciscana a tal respeito. Bastavam os resultados conseguidos pelo Posto de Selecção de Nova Odessa, num curtissimo lapso de tempo, para mostrar a necessidade da criação de estabelecimentos congeneres para os nossos principaes productos.

Pela selecção artificial poderiamos conseguir typos de caféeiros perfeitamente resistentes a geadas e a frios intensos, embora num periodo extremamente longo e que cada vez será mais extenso, a julgar pelas medidas postas em pratica até aqui. Mas, além disto, ao lado da selecção, ha outros trabalhos a fazer e que, muito mais rapidamente, nos conduzirão ao mesmo fim. Quero referir-me á enxertia do caféeiro, com que se conseguiram resultados verdadeiramente surprehendentes nas Indias Hollanderas.

As sementes reproduzem, em geral, fielmente os caracteres da especie, mas nem sempre os caracteres individuais, embora estes, quando uteis, tenham tendencia a perpetuar-se. A resistencia á geada que apresentaram, numa zona muito castigada, alguns pés é uma qualidade individual e que, muito provavelmente, não se apresentará em todos os individuos delles oriundos pôr sementes. A enxertia vem remediar este inconveniente dando os garfos que forem enxertados todas as qualidades que possuíam os caféeiros em que foram colhidos. Todas as plantas originarias de sementes differem mais ou menos umas das outras, ao passo que os enxertos reproduzem fielmente as plantas-mães.

A enxertia do caféeiro foi tentada, pela primeira vez, em Java, por occasião do apparecimento do hybrido espontaneo Liberica X Arabica, allí conhecido por hybrido de Kalmás. Este novo caféeiro offerencia a enorme vantagem de resistir aos ataques da «Hemileia vastatrix», mas as sementes em vez de produzirem o hybrido davam sempre origem a um dos progenitores. Pensaram, então, em reproduzilo por enxertia, o que foi plenamente conseguido. Quando estive em



Java, pela primeira vez, em 1913, visitei fazendas em que havia 150 a 300 mil caféeiros enxertados e em plena produção. Mais tarde, appareceram novos híbridos, igualmente resistentes ao fungo e de boa produção, conhecidos por A e B de Kawisari, tendo eu visitado, em Dezembro de 1918, varias fazendas com os seus cafezais formados exclusivamente por caféeiros enxertados. A de Kawisari, de onde o híbrido tirou o nome, possuia, então, 400.000 enxertos.

Hoje, a enxertia é praticada em larguissima escala nas Indias Holandezas e em todos os caféeiros, sendo um dos processos que melhores resultados têm dado na regeneração dos cafezais. Allí, os caféeiros velhos, de mau aspecto, de baixa produção, são recepados e enxertados com garfos tirados dos melhores exemplares, quer sob o ponto de vista botânico, quer como productores.

Que se tem feito em S. Paulo a este respeito? Nada, absolutamente nada. Nós temos nos nossos cafezais dezenas, centenas de milhares de caféeiros que nada ou muito pouco produzem e que deveriam ser rolados ou decepados para sobre os seus brótos fazer-se a enxertia de garfos dos pés de mais alta produção, podendo assim obter talhões uniformes e muito productivos.

Um exemplo illustrará melhor o caso.

Verificaram no Oriente, numa das maiores plantações de seringueira, que 64% da produção de latex eram provenientes de 33% apenas das arvores, havendo seringueiras que deram sete vezes a produção média do talhão. Quer isto dizer que 67% das plantas quasi nada produziam, avolumando, porém, consideravelmente as despesas. Pensou-se então, em enxertar nas seringueiras de nulla ou baixa produção garfos ou gemmas das mais productivas, obtendo-se plantações uniformes e de grande rendimento em latex. Se nós fizéssemos o mesmo nos nossos cafezais, poderíamos em pouco tempo eliminar todos os caféeiros máus productores, em decadencia, mal conformados, que augmentam inutilmente as despesas de custeio. Temos, assim,

á mão, um meio rapido de regenerar os nossos cafezais e de augmentar consideravelmente a produção por área cultivada ou por mil pés.

Contra a geada poderemos lançar mão do mesmo processo. Escolhidos os caféeiros que, nas zonas mais castigadas e em peores condições, melhor resistiram, delles tiráremos garfos que, enxertados, formarão novos arbustos igualmente resistentes.

Quando estive em Java, em 1913, o «Robusta» não podia ser cultivado abaixo de 300 pés de altitude nem acima de 1500, com bom resultado, devido ao calor excessivo ou a frios intensos. Pois bem, fui encontrá-lo em 1918 vegetando e produzindo admiravelmente bem quasi ao nível do mar e a 2500 pés de altitude, devido á enxertia feita com garfos de pés que, anormalmente, appareceram resistindo áquelles dois factores.

O resultado conseguido na cultura da quina, pela enxertia, merece ser conhecido. As duas especies mais cultivadas em Java são a Ledgeriana e a Succirubra; a primeira muito rica em alcaloide, mas exigindo terras virgens riquissimas, ao passo que a ultima vegeta bem em solos cansados, com o inconveniente, porém, de ser relativamente pobre a sua casca. Diante disto, tratou a estação experimental de Bandoeng de tentar a enxertia da Ledgeriana sobre a Succirubra, o que conseguiu com enorme exito, possuindo hoje 1500 ebowas de terras pobres plantadas com quineiras, 1100 dos quaes de arvores enxertadas. Visitei em Dezembro de 1918 esta estação, onde se fazem annualmente 800 mil enxertos.

Tudo isto serve para mostrar os elementos de valor que os países nossos concorrentes põem ao nosso alcance, mas de que não sabemos tirar o devido proveito porque os nossos illustres governantes collocam á testa dos departamentos agricolas homens muito lidos em Lombroso, Garofalo e Ferri, mas profundamente ignorantes em Darwin, Wallace, De Vries e outros.

Abençoada terra e ditoso o povo que a habita! — ED. NAVARRO DE ANDRADE (Do Estado de S. Paulo).



O poder militar alemão foi vencido, mas não destruído

Os negociadores da paz, tendo por fito reduzir o poder offensivo da Alemanha até torná-la inoffensiva, queriam ou permittir-lhe o serviço obrigatorio a praso curto ou deixar-lhe um Exercito pouco numeroso. Escolheram a segunda solução: a Alemanha terá um exercito activo de 100.000 soldados.

Estas são as palavras do Tratado. Examinemos os factos. A Alemanha chamou ás armas, durante a guerra, cerca de 14 milhões de homens. Admittia-se, no verão de 1918, que as perdas ou extravios chegassem a 8 milhões de homens e que restassem, ainda, em agosto ultimo, 6 milhões de homens em serviço. A despeito do que se possa inscrever em um Tratado, este exercito estará virtualmente prompto durante alguns annos.

A classe de 1920, isto é, os 500 mil soldados nascidos em 1900, foi instruida, incorporada aos regimentos não combatentes, levada em parte ao «fronte», retirada depois sem haver dado um tiro. Está intacta e prompta a agir. Durante annos, terá ainda a Alemanha um exercito excellente, superior ao exercito fatigado de 1918, como em França o exercito reconstituído e descansado de 1815 era superior ao exercito esgotado de 1814.

A clausula do Tratado de Paz, é, portanto, momentaneamente, illusoria. Mas examinemola. Supprime ella o serviço universal. Esquecem-se de que o serviço universal nunca existiu na Alemanha, e que não podia existir em virtude mesmo do numero de recrutados, cujo sustento teria sido uma carga esmagadora para o orçamento. A Alemanha não levantava, de facto, senão uma metade do contingente. Assim, em 1911, sobre 1.271.384 de jovens que se apresentaram aos conselhos de revisão, 460.964 foram reconhecidos bons e 207.741 apenas incorporados ás forças de terra.

De um modo geral, admittia-se nas vespas da guerra, que a Alemanha dispunha de 4.700.000 homens instrui-

dos e de 5.700.000 com pouca ou nenhuma instrução. Ora, que é que aconteceu? A Alemanha ponde, graças a seus quadros excellentes, atirar á linha de fogo recrutas após tres ou quatro meses de instrução. O exemplo da batalha de Flandres, em 1914, é altamente significativo. A Alemanha formára desde o mez de agosto, os melhores elementos de sua mocidade não instruida. Ponde atirar na Flandres, no fim de outubro, quatro fuses corpos, que a narração official do estado-maior allemão chama de corpos de voluntarios: perto de 200.000 jovens que se bateram admiravelmente, e dos quaes dorme uma grande parte nos pantanos do Yser e na lama do Ypres. No fim do anno, podia ella, igualmente com elementos novos, constituir um segundo lote de divisões novas. Seria facil multiplicar esses exemplos: na guerra moderna pôde-se fazer um soldado em tres mezes.

E' evidente que a Alemanha ficará em uma situação inferior ao seu poderio de 1914. Tinha ella, então, um exercito activo de perto de 700.000 homens. Tinha quasi 32.000 officiaes, 900.000 sub-officiaes reengajados e 8.000 soldados reengajados. Amanhã, terá muito menos officiaes e soldados sob as bandeiras; mas se se assimilarem, o que parece justo, os soldados de longo serviço do regimen novo aos sub-officiaes do antigo, ver-se-á que seu numero não mudou. Antes como depois da guerra, é de uma centena de milhares. O poder do exercito allemão continua intacto.

Em resumo, a Alemanha perde, no papel, seu quadro de officiaes; mas esse quadro existe e, em occasião oportuna, será novamente achado. Conserva integralmente seu quadro de sub-officiaes: apenas o nome mudou. Perde, no papel, seu exercito permanente, mas tem 500.000 jovens de dezenove annos completamente instruidos, que formariam uma tropa nova, não tendo ainda assistido ao fogo, e que seria excellente. E' preciso que sejam accrescentados, pelo menos, os 5 a 6 milhões de antigos soldados. Perdeu muito material, mas ignora o que ponde construir de seis mezes para cá.

O poder militar allemão foi vencido.

do, mas não destruído. Em novembro de 1918, o exército allemão com suas unidades misturadas, seus effectivos reduzidos, suas reservas engajadas e reengajadas sem cessão, a quarta parte de seu material perdido, restante sem cavallos, era incapaz de continuar a luta. Mas restavam-lhe excellentes elementos. Não devemos de modo algum representar a marcha dos Alliados de agosto a novembro como uma serie de triumphos facéis. Houve combates durissimos, houve revêzes.

Calcullem esse exercito refeito, reorganizado, e elle se tornará uma machina de guerra ameaçadora. A garantia unica que temos contra elle é seu estado de espirito. Mas é forçoso confessar que essa garantia é bastante precaria. A Alemanha tem tambem, sem duvida, interesse, no momento da suprema resistencia de seus diplomatas, em exaggerar sua força militar e em fazer apparecer o fantasma da resistencia armada. E' pouco verosimil que seja capaz. Mas dentro em pouco poderá falar alto. E se lhe aprouver não levar em conta limitações militares que accoitar, não se sabe quem poderá obrigar-a, nem por que meios. — HENRY BIDOU (Do *Le Journal*, Paris).

Anatole France comunista

Não tenho nenhuma intenção de provar que o comunismo, em vez de extinto, ou desmoralizado, como dizem os telegrammas que diariamente se alastram pelos nossos jornaes, parece, ao contrario, estar cada vez mais forte, disposto a se estender pelo Occidente.

Agora mesmo chegam noticias das grandes grêves que se declararam na França. São naturalmente simples movimentos operarios, sem nenhum caracter revolucionario, como os que se faziam antes da guerra, quando o ideal comunista parecia um sonho remoto ou uma utopia obscura... E' pelo menos o que dizem os telegrammas. Tem-se a impressão, ao ler esses telegrammas, que a United Press

e a Havas continuam a nos julgar indignos da verdade, pobres bugres que convem manter no alheamento completo do que se passa no mundo. E' claro que não ha aqui, para bem falar, bolshevistas. Não ha aqui gente bastante séria para fazer opposição a uma ordem estabelecida. No Brasil só se faz opposição a pessoas... Mas ainda que não haja propriamente bolshevistas, ou communistas, ha, contudo, homens intelligentes a que certas cousas irritam. Ninguem soube por exemplo aqui que nas manifestações feitas em abril á memoria de Jaurés, á frente de uma multidão enorme que transbordou da Praça da Concordia sobre os boulevards, empunhando bandeiras vermelhas e dando vivas a Lenine, se achava Anatole France. Evidentemente, as pessoas sensatas são levadas a crer que ha proposito em sonegar ao mundo as noticias que possam dar prestigio á revolução russa. O raciocinio mais elementar está demonstrando que se um homem como Anatole France saudá Lenine ou se deixa acompanhar por sujeitos que o acclamam, é claro que pelo menos não reputa Lenine um monstro, fóra da humanidade, responsavel pelos crimes hediondos que lhe são attribuidos e ao seu partido. E se um homem como Anatole France é socialista, combate pela implantação do comunismo na sua França e, porfiando pela realisção das theorias de Bergeret, arrisca a sua pelle em meio ás violencias da policia de Paris — é intuitivo que pelo menos a causa, não é tão ruim assim, e que não sómente dynamiteiros e bandidos a ella se affeioam e por ella querem batalhar.

Temem-se porventura os alliados de que nós nos contaminemos do virus socialista e que a influencia de Anatole nos possa ser nociva? Não acreditem nisto. Anatole France não tem aqui leitores capazes de se interessar pelas questões sociais em si mesmas, nem a nossa sensibilidade e o nosso raciocinio chegaram a esse ponto de refinamento desinteressado em que se pôde sentir e reflectir com amargura ou revolta sobre as desigualdades e o absurdo do regimen social em que vivemos. Podem os alliados deixar vir

para cá todas as noticias. — GILBERTO AMADO (Da *Gazeta de Notícias*, Rio).

O lenço do Presidente

Consultado, ha vinte dias, sobre a presidencia da Camara, um deputado do sul teve a fraqueza de confessar que as suas opiniões proprias, quando elle as emittia, dependiam dos telegrammas do governador do seu Estado, ao qual submettia, por disciplina e commodidade, as suas mais insignificantes attitudes politicas. As suas palavras, as suas promessas, as suas declarações não autorizadas pelos chefes, eram tidas, para elle, como inexistentes, desde que elles, os chefes, as desaprovassem.

Identificada com o problema da mesa da Camara dos Deputados, essa abdicção da autonomia pessoal faz lembrar um caso de subserviência verificado em Matto Grosso, e que não é, com certeza, o mais característico da disciplina parlamentar no Brasil. Certo dia, estando reunido o Congresso em Cuyabá, um deputado se poz, de repente, de pé, e bradou:

— Sr. presidente, peço a palavra!

Foi um espanto. O gesto daquelle mandatário do povo, levantando-se para discursar, constituia a maior das temeridades. Que teria havido? Que milagre seria aquelle que fizera falar, de novo, a burra de Balaão? O proprio presidente não acreditou nos seus ouvidos, e esperou, boquiaberto, que o deputado insistisse:

— Sr. presidente, peço a palavra!

— Tem a palavra o nobre deputado.

E o orador:

— Sr. presidente, eu pedi a palavra para dizer a V. Ex. que o lenço de V. Ex. cahiu.

E sentou-se.

A Camara está quasi assim. Ha bandadas inteiras com os deputados de cócoras, aguardando, indecisos, a eleição do presidente, para se disputarem a honra de lhe apanhar o lenço de baixo da cadeira. — MICROMEGAS (*D'O Imparcial*, Rio).

A moda no Rio

Ha muitos annos que as brasileiras se vestem como as parisienses, nunca porém como agora, que as modas de Paris se reproduzem aqui, quasi ao mesmo tempo em que as criam os grandes costureiros da Cidade-Luz. Póde-se avaliar o adeantamento de um povo pelo trajar de suas mulheres; o traje não é toda a civilização, mas é sem duvida o seu adorno, capar de *authenticity*. Ha civilizados que não se vestem, por falta de gosto ou de paciencia. Raramente porém um homem e e melhor uma mulher bem vestidos são pessoas aselvajadas. No sentido vulgar pois, a roupa é um estygm da civilização, que a define e traduz. Partindo desse postulado póde a gente concluir que o Rio se está realmente civilizando. Já se atravessa a Avenida sem se ver um vestido vermelho, notando-se que, quando digo vermelho não quero tão sómente lembrar a cor encarnada, mas todos os matizes gritantes e até as fórmas estapafurdias. Vermelho quer dizer aqui tudo o que fór extravagante; a cor rubra, quando em moda, não constitue uma extravagancia, e ao contrario, o branco e o negro, quando fóra de época, chocam tanto quanto a carmin. Antes da guerra, por exemplo, em Paris, o vermelho estava nos manequins dos grandes costureiros. Quando digo, pois, que atravesso a Avenida sem ver uma roupa encarnada, é para significar apenas que nada vejo ali que me choque a vista e o sabor da elegancia ephemera. Ao contrario, pelo aspecto do elemento feminino não se tem no Rio de hoje a impressáo de um paiz tropical exótico; não ha differença para o panorama humano das grandes cidades dos climas frios, onde a imaginação se exalta menos, ha mais medida, senso esthetico das proporções que se reflecte nas maneiras e no trajo.

Esse facto é tanto mais agradavel de registrar-se, quanto ha poucos annos ainda as mulheres tinham no Rio plena liberdade para imaginar e crear os seus vestuários. Quem percorresse a rua do Ouvidor e mais tarde a propria Avenida parecia penetrar em

um laboratório humano, onde a imaginação estava se exercendo em inventar as coisas mais originaes e inverosímeis. Via-se de tudo; umas não se queriam sentir eguaes ás outras, e como a imaginação feminina é caprichosa, não havia limites ao poder creador das mulheres. Côres de roupa, fórmãs de vestidos, chápéos, tudo era pessoal, adaptando-se ao gosto de cada uma. Havia, sem nenhuma duvida, reflexos longinquos da Europa, mas a nota dominante era a côr local, o retoque pessoal com que a phantasia indigena transformava os modelos dos figurinos. Ora, no vestuario, a invenção é a morte da elegancia. Não sei se alguém já disse isso, mas em todo caso arrisco a sentença: a elegancia é por excellencia uma arte de imitação. A minha sensibilidade tem verdadeiros arrepios deante de um original da elegancia, seja homem ou mulher; o poder inventivo, nesse terreno, me aterroriza como a ameaça de um cataclysmo. Pôde-se comprehender uma Maurice Rostand em Paris, como um paradoxo, um phenomeno que se contempla estarrecido; mas aqui, semelhante apparição ameaçaria revoltar, com o seu exemplo, o curso normal da civilização moderada. Decididamente não tenho nenhuma quêda para o vestuario inventivo, imaginado e creado com a intelligencia. O homem e a mulher devem vestir-se segundo a rotina, apenas com um leve toque, quasi imperceptivel, de originalidade, que lhe dê a nota pessoal, sem de longe ao menos suggerir a idéa de invenção, de ostentatorio poder creador. — ANTONIO LEAO VELLOSO (Do *Correio da Manhã*, Rio).

A aranha e o sapo

Dois animaes distanciadissimos na classificação zoologica, a aranha e o sapo, ambos desarrazoadamente temidos, injustamente desprezados, perseguidos e calumniados. Porque exterminar systematicamente as aranhas? Quem mata uma aranha desconhece a sua utilidade; onde existem muitas dellas, de todas as fórmãs, é logar povoado por variada fauna minuscula.

Quantas pessoas têm sido picadas por esses intelligentissimos animaes? Pouquissimas, só quando desageitadamente colhidas ou machucadas nos seus esconderijos é que as aranhas usam da sua arma contra o homem. «Os seculos passam e os prejuizos ficam; o horror sem razão que inspiram as aranhas é uma tradição, um verdadeiro dogma» (A. E. Brehm).

Salomão apresentava á sua côrte a aranha como symbolo da pericia, da sabedoria, da prudencia e da virtude. Aristoteles descreveu a vida das aranhas mencionando os nossos inimigos que ellas combatem. A prevenção para com as aranhas venceu não se sabe porque. São astuciosas caçadoras, tanto as vagabundas que não tecem teias suspensas, produzindo a seda só para envolver os ovos e fixar as presas, como as sedentarias que fazem verdadeiras maravilhas em filatura.

Quem não tem visto, pela manhan teias orvalhadas nos barrancos e na relva; os admiraveis paineis de perolas suspensas entre arbustos por fios invisiveis; os funis e os labyrinthos, engenhosissimas armadilhas, emaranhando as abertas entre a folhagem rente ao chão?

Outras constróem suas casas no sólo; não ha palavras para descrever o engenho de um ninho da aranha de alcapão. É um tubo cavado no chão duro, em logar de declive para evitar a humidade, com uma tampa exactamente circular, que se abre para fóra, tampa essa com uma perfeita dobradiça, fechando sem deixar vão, e, maravilha! algumas com puchadores. De tal aspecto é o exterior, tão disfarçada a tampa, que estando abaixada, não é possivel perceber a porta do palácio atapetado de finissima seda.

A variedade de aranhas é grande, havendo odio entre ellas, mesmo entre as da mesma especie; raramente vivem em boa companhia, quasi sempre distanciadãs uma da outra. É notavel a raiva, quasi geral, das «demoiselles» pelos «messieurs»; a boda termina geralmente ou pela fuga espavorida do esposo, ou pelo seu selvagem assassinato, e, imaginem... pelo



banquete de lua de mel que a «esposa» faz do cadaver do marido.

A aranha é barbara para com o seu «esposo» de um momento: mata-o de golpe e devora-o gulosamente.

E' menos má do que outras bellas e meigas aranhas que depois de enlearem definitivamente as «victimas» nas telas do matrimonio matam-nas lentamente «torturando-as» uma vida inteira...

Qual das nupcias será a preferivel, A das aranhas verdadeiras? Sim: ha o risco salvador da fuga.

A infinidade de moscas, mosquitos, borboletas, besouros, gafanhotos, grilos, carrapatos, larvas e vermes, na maioria prejudiciaes ás culturas e muitos, aos animaes, que as aranhas destroem, caçando-os, deve convencer a todos que esse incensável auxiliar do homem é um amigo digno de protecção.

Bastam os seus inimigos naturaes para que o mundo não venha a ser conquistado por ellas; entre elles existem muitas «esposas» caçadoras que com uma ferroteada certa, inoculam um anestesico que faz as victimas perderem todo o movimento, sem lhes tirar a vida; depois conduzem-nas inanimadas para o ninho de antemão preparado, buraco no solo ou casa de barro gradada em paredes, rochedos ou troncos. Depositam sobre cada aranha um ovo do qual sãe uma larva que se alimenta de certas partes do corpo da hospedeira, sómente causando-lhe a morte quando está prestes a passar a nympha.

Ha a superstição de que as telas de aranha trazem prosperidade, talvez a unica até certo ponto util. As moscas e os pernilongos, estes para esperarem a noite e aquellas para esperarem o dia, procuram os tectos e os logares escuros: as aranhas, intelligentes, dão preferencia a esses logares. Em commodos enfeitados com estalactites de celas é raro uma mosca esvoaçar ou um pernilongo «vianar». As telas «caçam» tambem o pó, dahi o perigo de usal-as como ponto-falso, segundo um velho uso.

Ao que consta no Brasil e mesmo fóra delle ainda não existe um estudo sobre a utilidade na multiplicação de certas especies de aranhas como caça-

doras de determinados insectos nocivos ás culturas e dos transmissores de certas molestias. A Catalunha por duas vezes foi invadida por uma enorme quantidade de certas aranhas, que antes não tinham sido notadas; essas aparições coincidiram com as grandes nuvens de gafanhotos que visitaram essa provincia da Hespanha; essa especie é de terriveis perseguidoras de todos os saltadores.

Tive occasião de observar a destruição completa de um boio de carrapatos-polvora por varias aranhas que se installaram no arbusto onde esses perigosos transmissores da tristeza do gado esperavam, embolados, a passagem da primeira victima. Dezenas de vezes observei pernilongos engorgitados de sangue, voando pesadamente serem enleados com rapidez logo ao pousarem.

Nas escolas deve ensinar-se ás crianças que não só os passaros são uteis e dignos de protecção mas que a aranha, o sapo e mais animaes amigos são tão estimaveis quanto as andorinhas, os sabiás, as corruiras, os sacyes e outros insectívoros e que são mais uteis do que os cachorrinhos e gatos lanudos, ratos brancos, papagaios e gallos de briga. — O. F. —
(Do Estado de São Paulo.)

Renan, apóstolo das guerras de conquista

Como Renan geralmente só é conhecido pelo seu lado generoso de suave tolerancia e piedosa ironia, achamos interessante traduzir uma curiosa pagina sua a respeito das guerras de conquista.

Tiramola de uma das ultimas obras do grande escriptor: «La Reforme intellectuelle et morale de la France».

Renan escreveu-a depois de velho, e nella expoz todo o resultado da sua longa experiencia dos homens e de todo o seu paciente estudo.

Para os que só conhecem o romantico da «Vie de Jésus», as palavras que se seguem darão um bello exemplo dos ultimos pensamentos do Mestre.



Elas:

«A colonisação em grande é uma necessidade política absolutamente de primeira ordem. Uma nação que não colonisa está irrevogavelmente votada ao socialismo; á guerra do rico e do pobre. A conquista de um país de raça inferior por uma raça superior, que nelle se estabelece para governal-o, nada tem de estranhavel. A Inglaterra pratica este genero de colonisação na India, com grande vantagem para a India, para a humanidade em geral, e para a propria Inglaterra. A conquista germanica, do V e VI seculos, tornou-se na Europa a base de toda conservação e de toda legitimidade. As conquistas entre raças eguaes devem ser totalmente censuradas. Mas a regeneração das raças inferiores «ou abastardadas», pelas raças superiores, isso está na ordem providencial da humanidade. O homem do povo é quasi sempre entre nós um nobre desclassificado; sua mão pesada melhor se presta ao manejo da espada que ao uso de uma ferramenta servil. A trabalhar elle prefere bater-se, isto é, voltar ao seu 1.º estado. «Regere imperio populos», eis ahí a nossa vocação. Derramae essa devorante actividade sobre paizes que, como a China, sollicitam a conquista estrangeira.

Dos aventureiros que perturbam a sociedade européa, farei um «ver sacrum»: um enxame como o dos Francos, o dos Lombardos, o dos Normandos. Cada um ficará no seu papel. A natureza fez uma raça de operários: a raça chineza; duma dextreza de mãos maravilhosa, mas quasi sem nenhum sentimento d'honra. Governae-a com justiça, cobrando della, para beneficio de tal governo, um amplo imposto em proveito da raça conquistadora. Ella ficará satisfeita. Uma raça de trabalhadores da terra é o negro. Sêde para elle bom e humano, e tudo estará em ordem. Uma raça de dominadores e de soldados, é a raça européa. Reduzi esta nobre raça a trabalhar no ergastulo como negros ou chinezes; e ella se revolta! Todo rebellado entre nós é, mais ou menos, um soldado que falhou á vocação, um sêr destinado á vida heroica, e que

vós applicaes a um trabalho contrario á sua indole. Mão operario, excellent soldado. Ora, a vida que revolta nossos trabalhadores tornaria feliz um chinez, um «feilah», sêres que não são de fôrma alguma militares. Que cada um faça aquillo para que nasceu, e tudo irá bem. Enganam-se os economistas considerando o trabalho como a origem da propriedade, é a conquista, e a garantia dada pelo conquistador aos frutos do trabalho feito arredôr d'elle. Os Normandos foram na Europa os creadores da propriedade; porque desde o dia em que esses handidos se apossaram de terras, estabeleceram, para si e para todas as gentes de seu dominio, uma ordem social e uma segurança nunca vistas anteriormente.»

Poucas paginas adiante ha este trecho ainda mais decisivo:

«Se a tolice, a incuria, a preguiça, a imprevidencia dos Estados não tivessem como consequencia fazel-os baterem-se, é difficil dizer a que gráo de rebaixamento poderia descer a especie humana. A guerra é assim uma das condições do progresso: a chincotada que impede um país de adormecer, e que força a mediocridade, satisfeita de si propria, a sahir da apathia. O homem não se mantem senão pelo esforço e pela luta. A porfia contra a natureza não basta. Por meio da industria, o homem acabaria reduzindo-a a bem pouco. Levantase então a luta das raças.

Quando uma população consegue fazer brotar de seu fundo tudo o que d'elle podia sahir, ella depois amollecera se o terror do vizinho a não despertasse. Porque o fim da humanidade não é gosar.

Adquirir e crear são obra de força e de mocidade.

Gosar é da decrepitude.

O temor da conquista é assim, nas cousas humanas, um agulhão necessario.

No dia em que a humanidade se tornasse um grande imperio romano, pacificado e sem inimigos exteriores, a moralidade e a intelligencia correriam os maiores perigos.» — (Da «*Revista Contemporanea*», Rio).

Agora, nós!

Ao cabo de cinco annos quasi de febril alvoroço do Brasil pela causa da França, que se jogava na grande guerra, as noticias vindas agora de Paris, em relação a nós, não nos parecem muito animadoras. Os brasileiros, que regressam de Paris, trazem amargas desillusões e um terrível desapontamento sobre o carinho francez e a solidariedade latina com o Brasil. Como succede com todas as indoles possuidas de illimitada dedicação por uma causa, dedicação que toca as raizas do fanatismo, é possível que haja occorrido com esses compatriotas um phenomeno muito natural: terem achado a realidade muito abaixo da expectativa. O collapso do enthusiasmo é inevitavel.

Mais de uma centena de brasileiros daqui partiram afim de prestar serviços de guerra á França. Longe do theatro da luta, recebendo delle as impressões coloridas pelo telegrapho, é de supôr que na sua ingenuidade fizessem elles do quanto se passava na Europa um juizo muito mais fascinador do que o triste espectáculo que mezes depois se lhes deparava. O desengano da vista é ver. A vastidão do mar e a pureza das ondas de ether, percorridas pelas noticias mais negras, e pelas coisas mais detestaveis, parece que têm o dom de as clarear para illudir o mundo. O *front* alliado na guerra, particularmente o francez, não se nos afigurava um campo vermelho de batalha, mas uma abobada de céu primaveril. Tudo ali era azul e ouro. Os generaes urdiam planos de combate, pensando na liberdade, na egualdade, na fraternidade. Os commandantes em chefe ditavam ordens do dia, illuminadas de sabedoria e de doçura hellenicis. Os herões tinham a linguagem humana dos poetas e dos cavalleiros do cyclo arthuriano. Os estadistas agiam com a imagem da humanidade deante de si, numa attitude de tão grave belleza, que não podemos recordal-a sem emoção. No Marne limpido e sereno, a Razão e a Belleza ergulam a luminosa cidadella da civilização e da christandade contra a irrupção dos

barbaros, dos novos sarracenos, que já foram detidos, quando de outras vezes ameaçavam devastar a terra. E os herdes latinis, os redivivos de Sparta, de Athenas, possuíam altares, que nutriam os crentes e convertiam os increos, e onde se celebrava o sacrificio divino com uma lithurgia particular.

Os illuminados partiram, trabalhados pelas emoções subteis, que o quadro, apreciado á distancia, lhes despertava. E voltam como se houvessem respirado uma atmosphera de gases venenosos. Os deuses claros e harmoniosos que elles adoravam, deste pedaço de terra americana e nos quaes julgavam realizado o sonho de perfectibilidade humana — lhes pareceram divindades ferozes e sobretudo intrataveis. Não eram os horés esbelhos da Attica, cheios de bondade e de intelligencia com ar hospialceiro e gentil, mas Scythas brutos, entidades barbaras que lhes revelavam jámais terem avistado a amabilidade sorrindo á beira do mar azul... A Chanaan surgia-lhes agora como uma miragem. Como na *Mosca Azul* de Machado de Assis, quixeram elles dissecar a sua illusão subtil, e nas mãos ficou-lhes apenas o corpo baço e feio. O sonho, o raio inferior que lhes ferira a imaginação desaparecera. Os homens gentis, que elles faziam creaturas cheias de encantamento e de benevolencia, eram almas egoisticas, interesseiras e dominadas de tristes preocupações elementares, que nem davam attenção aos outros, vindos de outras terras, para os defender e para os salvar.

Os espiritos sensiveis á justiça podem recusar-se a não acreditar nas explosões de descontentamento dos brasileiros ante o que elles viram e observaram na França. E' licito dizer-se que quasi todos esses nossos compatriotas eram homens ingenuos, que desconheciam o quanto a distancia tem o poder de colorir e de dramatizar as coisas para as dissimular com uma tonalidade postica. Elles esperavam, de certo, que o *boulevard* os recebesse com guirlandas e rosas, e o *boulevard* malicioso e que ama a *boutade*, as flores perversas do espirito,



mesmo maligno, riu-se. O *boulevard* é desabusado, é irreverente, deante do estrangeiro, ainda quando este vá, com seringas, instrumentos cirurgicos, e missões medicas, dar-lhe injeções e coisas graves. Os brasileiros, que partiram afim de bater-se e trabalhar pela França, contavam encontrar Paris em Marselha, com quatro philarmônicas, muitos discursos, guardas de honra, banquetes; a Liga pelos Brasileiros incorporada no caes e com uma serie de mensagens famigeradas para aggreir os alliados incautos, como faz a nossa, quando aqui desembarcam o sr. Bunsen, o sr. Claudel e outros vultos da diplomacia aliada. Nada disso se fez, mas a muitos respeito o contrario.

Não nos deixemos conduzir entretanto pelas oburgatorias do despeito, para analysar a attitude da França em face do Brasil, no momento internacional que passa. Vamos discutir friamente, sem paixões, argumentando com factos, com elementos de natureza positiva. No final ver-se-á que ella não tem sido uma amiga, uma aliada do Brasil. Nós combatemos o imperio allemão, para adquirir — coisa espantosa! não a estima, a amizade da França, mas para grangear-lhe a má vontade e o desprezo, o que é ainda mais doloroso. E' preciso recordar que a intervenção activa do Brasil na guerra não visou ajudar os Ingleses, servir os americanos, ou auxiliar os italianos. Cooperámos directamente com a França.

Os milhares de contos dispendidos como a missão medica foram empregados em amenizar os soffrimentos dos feridos francezes, em tratar os seus soldados, que vinham do *front*, dos hospitaes de sangue, das primeiras linhas de batalha. Os officiaes da missão militar bateram-se quasi todos nas fileiras dos exercitos da França, commandando companhias, pelotões, destacamentos, ou dirigindo baterias francezas. Ainda a divisão da esquadra, que não chegou a medir-se em mar largo com o inimigo (como aliás a franceza, que, salvo a diversão mallograda dos Dardanellos, não recebeu o baptismo do fogo) contudo se dirigia, não para cooperar com a frota

de combate inglesa ou americana, do Atlantico e do Mar do Norte, mas para o Mediterraneo, onde se encontrava a esquadra da Republica. Assim, a modesta divisão, que, na exiguidade dos nossos recursos, podiamos mobilizar, mandámo-la á França, para ajudá-la a defender as costas do sul e proteger o commercio oceanico, do assalto dos submarinos.

E, como isso tudo ainda fosse pouco, fez-se o convenio dos navios. Nesse caso, o ministro do Brasil em Paris, com raro cavalheirismo e um gesto de nobreza incapaz de ser apreciado pela corrupção administrativa do Quai d'Orsay, dava a sentir á França, que só lhe queriamos arrendar os vapores, exclusivamente. Os negociastas, é exacto, metteram café no convenio, precisamente quando o sr. Olyntho de Magalhães mais fazia ver ao Quai d'Orsay que o Brasil, com inteiro despreendimento, só desejava fornecer vapores, e como uma contribuição de guerra, que pretendia levar ao bloco aliado. Encurtando palavras: a França teve, cedida por nós, uma alta tonelagem mercante, que utilizou, no trafico maritimo, para abastecer as suas populações civis e os seus exercitos. Por essa rapida enumeração se verifica que não ajudamos os outros alliados nossos em nada. Com a França fizemos tudo: a nossa sinceridade em relação a ella foi irreprehensivel. Desde o coração, palpitando de enthusiasmo, aos valores materiaes, á contribuição de sangue, tudo que a desengonçada bellicosidade de Jeca Tatu' pôde improvisar, lhe pertenceu soberanamente. Os outros não obtiveram nada: para ella se arranjou o que se pôde, e que não foi pouco, tratando-se de um país como o Brasil, pobre de recursos, sem sentimento militar exaltado, e a uma distancia enorme do continente europeu.

Com dolorosa surpresa, vemos na hora do ajuste de contas, a espada franceza desembainhada contra nós, contra as reclamações mais justas e mais razoaveis do Brasil. Parece inacreditavel. A ingratição da França é enorme commosso, que não a merecíamos porque nada fizemos para desajalá-la. Ainda no regimen neutralis-



ta, homens publicos do Brasil, de mais graves responsabilidades, tiveram, em presença do conflicto europeu, attitudes inconvenientissimas, só para lhe serem agradaveis e demonstrar a sympathia nacional pela sua causa e aos Ideaes greco-latinos, que acreditavam serem por ella apenas encarnados. Nenhum dos poderes alliados tem tido no caso dos navios allemães aqui abrigados, em que o Brasil agiu, utilizando-os, como uma correccão modelar, a attitude irritante e lamentavel que a França vem guardando para connosco. O sr. Epitacio Pessoa viu ministros francezes lhe mentirem pela gorja, dando como resolvida a questão dos vapores contra nós, pelo Conselho dos Quatro, quando o assumpto não fôra ainda nelle tratado.

Ante tudo isso, a impressão que se recebe é de que a joven republica franceza, ainda não terminou a guerra ao seu inimigo historico, e já se atira aos amigos, com o gesto de Rastignac, sobre a eminencia do Père Lachaise, fitando Paris: agora, nós! Porque é difficil digerir bois como a Grã Bretanha e os Estados Unidos, com chifres que ficam atravessados na garganta, o sr. Clemenceau está devorando a delicada aza do frango brasileiro. O facto só pôde causar especie aos simplorios que pensam que caça pequena seja feita para outra coisa senão para o papo de bicho grande. Escapa da garra de um para cair no dente de outro. Se me fosse dado a escolha, em vez de Montmartre, eu preferia ser caçado por uma farandula alegre de cowboys, no *Far West* americano, e assado numa fogueira, dentro da floresta virgem. Era pelo menos mais pittoresco e, talvez, mais divertido. — A. CHATEAUBRIAND (Do *Correio da Manhã*, Rio).

...

Notas Scientificas

O somno

Os gregos divinizaram o somno. Hypnos, sua personificação allegorica, era filho de Erebo e da Noite e irmão de Thanatos, personificação da

morte. Era pae de Morpheu, de Phantasio e dos Sonhos.

Hoje o somno estudado á luz da physiologia é tido como resultado da fadiga e explicado pela retraction dos neuronios, nome dado á cellula nervosa com seus prolongamentos.

O somno é mais necessario ao nosso organismo que o alimento.

Maria Manaccina, fazendo experiencias em cães, provou que um animal que leva quatro dias sem dormir, fica num estado mais lamentavel que um outro que tenha ficado quinze dias sem comer.

«Quem dorme janta», diz um dictado francez, tendo Dubois provado o seu asserto pelo facto de augmentarem de peso os animaes em estado de hybernacão. As marmotas que durante uma parte do anno caem em em estado de somno, reduzindo suas trocas com o exterior ao minimo, diminuindo os movimentos respiratorios, com o chamado somno hybernal, augmentam de peso.

Ha, portanto, durante o somno uma fixação ainda maior do oxygenio no organismo, e, com isso, o somno alimenta.

Tem-se no entanto, querido abster-se delle como se o tempo dedicado ao somno fosse perdido.

Frederico o Grande, que assim considerava, ficou depois da experiencia em um estado visinho da idiotia, de que necessitou de longo tratamento.

O grande philosopho de Koenigsberg — Kant, estimava os homens pelas horas dedicadas ao somno, que elle julgava um factor de inferioridade.

Em 1850, Grinodéau, apresentava á Faculdade de Medicina de Paris uma these, que concluia por aconselhar combater o somno, este habito estúpido e mesmo nocivo.

E' por motivo destas opinões que a hygiene é chamada a mostrar o meio termo.

A deusa Hygia, que vela pela saude do homem, evitando o desequilibrio das funcções, intervem então para mostrar os beneficios do somno salutar necessario á vida e os males do somno exaggerado proprios dos doentes e dos preguiçosos que se enquadram tambem sempre entre os doentes.

Nas creanças os terrores nocturnos são attribuidos á tara nevropathica e principalmente ás verminoses.

Nós neurasthenicos e no inicio das affecções mentaes á insomniã succede o somno agitado, que se encontra igualmente nos individuos sujeitos a perturbações digestivas.

Quando a tendencia ao somno é exaggerada, chama-se «narcolepsia», e encontra-se principalmente entre as nevroses, a hysteria e a epilepsia.

Ha mesmo uma molestia chamada «do somno», que ataca os negros no norte da Africa, produzida por um protozoario (animal microscopico) — trypanosona gambiënsis, que se propaga por intermedio da mosca Tsé-tsé.

O somno pathologico esgota o individuo ao contrario do somno natural, que é o reparador das funcções do nosso organismo.

Que precisamos do somno, provam os factos, mas precisamos aprender a dormir. Sem sermos levados ao fatalismo do proverbio chinês que diz «mais valer estar sentado que em pé, deitado que sentado, morto que deitado, necessitamos, conforme a idade, dedicar ao somno uma parte das 24 horas do dia.

E' a seguinte a tabella dos physiologistas:

	horas
4 a 6 semanas	22
1 a 2 annos	18 a 16
2 a 3	17 a 15
3 a 4	16 a 14
4 a 6	15 a 13
6 a 9	12 a 10
9 a 13	10 a 8

Oito horas é, portanto, o tempo necessario ao somno do adulto, de onde a formula dos tres oito inscripta nas reivindicacões operarias: oito horas de trabalho, oito horas de somno e oito horas de lazer.

O individuo deve dormir num quarto bem arejado, de preferencia de janelas abertas, devendo-se combater o máo habito das creanças e mesmo dos adolescentes de cobrirem a cabeça por temor durante o somno.

Como as plantas respiram como nós, não se deve tel-as no quarto de dormir.

Aos habitos dos trappistas e aos attribuidos entre nós ao Almirante Tamandaré, de dormir em uma taboanua, preferimos o conselho do dictado: «A hygiene manda que se durma em cama branda.»

Dormir, todos dormem, mas saber dormir é que muitos precisam aprender. — DR. BARBOSA VINNA.

...

Variedades

São os musicos uns desequilibrados?

Tem-se muitissimas vezes a tendencia de considerar os musicos como maniacos e de tratá-os como se fossem differentes dos outros homens. A culpa disso é sem duvida da propria arte musical, que tão exclusiva é, que não conduz a nenhum outro estudo, nem sicientifico, nem literario, nem historico. A musica poderia de uma certa maneira existir num mundo que lhe fosse privativo, e onde não houvesse outra cousa. O pintor não poderia praticar a pintura sem saber da pintura para encontrar um assumpto. Ainda menos um escriptor poderla escrever sem inspirar-se na vida ambiente. A arte literaria é mais reflexiva, enquanto que a arte da musica é apenas a expressão de sentimentos.

Mas não ha, entretanto, razões para que um musico seja mais aluado do que um pintor ou um poeta. Um musico deve ser, antes do mais, dotado de uma sensibilidade mais intensa do que a dos outros seres humanos. Além disso, elle é obrigado a passar annos e annos a aperfeioar-se numa arte particularmente difficil e isto o impede quasi sempre de se pôr em contacto com o mundo exterior.

Estando assim, por natureza e por habito, separados do coenium dos homens, estes os não comprehendem, e os chamam de malucos.

Beethoven era maluco, talvez, quando atirava ovos á cara do seu cosinheiro; mas pôde-se considerá-lo tal quando escrevia suas symphonias? Chama-se maluco a Glük porque elle ati-



rava a sua batuta de regente á cabeça dos cantores; Heendel foi tratado como desequilibrado por ameaçar de deltar pela junella abaixo as cantoras que o desagradavam; Paganini, segundo a opinião de todo mundo, era o mais louco dos loucos, o que o não impedia de tocar violino divinamente. — (*The Musical Courier*, New-York.)

Escola para deputados...

J. J. Johnson, um austero e grave professor de Harrisburg, capital da Pennsylvania, realizou ha tempos uma conferencia, que, na oponião de *Chicago Dall*, e deveria ter enchido de rubor o rosto do parlamentarismo.

«Eu, senhores — disse em resumo, mais ou menos, o cathedratico de Harrisburg fui, como Benjamin de Taleda, não de sinagoga em sinagoga, mas de Parlamento em Parlamento, buscando a luz da democracia.

Estive na Europa, na Asía, na Africa, na Oceania, na America. Em todas as partes, anotei o que vi e observei nas minhas visitas aos circulos parlamentares.

E sabelis qual o resultado a que me levaram esses estudos?

Ello: uma estatistica demonstrando que, entre os senadores e deputados do mundo inteiro, a porcentagem dos valores intellectuaes é menor do que em qualquer outro gremio de associações! Não fareis idéa do numero de ignorantes e illetrados que são legisladores! Sem exaggero, posso dizer que num Parlamento, como o de Paris, o menos imperfeito, na minha opinião, não ha mais de 50 intelligencias; no de Londres, 43; no de Roma, 17; no de Washington, 5...»

Gomez Camillo, commentando essa conferencia original, escreveu, estas palavras, dignas de alto apreço:

«Extranha V. por acaso, que o conferencista de Harrisburg queira impôr aos candilatos ás Côrtes um titulo academico?

Eu, não... Na nossa época, em que para exercer uma profissão qual-quer fazem-se necessarias provas espe-

ciaes e exames mais ou menos serios, não se explica, realmente, que um cidadão, para chegar a pae da patria, mal saiba ler e escrever...

A tarefa de legislador não requer, porventura, mais conhecimentos scientificos, philosophicos, historicos e literarios que a de inspector de Segurança ou a de notario publico? Claro que sim. Entretanto, hoje, um homem que aspira a ser deputado não tem obrigação de saber o que se exige a um mestre de escola!

O mechanismo moral e material do mundo e a sua riqueza ou a sua pobreza estão nas mãos dos parlamentares. Tanto assim que, quando se quer conhecer o nivel de um país, é o Parlamento o logar para onde primeiro a nossa vista se conduz.

Numa sessão da Camara franceza, disse Gabriel d'Annunzio, agitam-se mais idéas que em uma legislatura italiana. E não é a Camara franceza o que ha de melhor em Paris, na opinião de Charles Mannas...

O proprio Johnson, que reconheceu a sua superioridade sobre as outras, afirma que ados seus 500 membros apenas 50 têm capacidade para legislar! Eis porque, na sua gravidade de cultivador de theorias, o conferencista não olvidou que, em principio, todo o poder, bom e máo, que rege os homens, se acha nas mãos dos senadores e deputados. São elles os substitutos do tyranno de outros tempos. Com uma pennada, podem provocar tragedias, ruinas, hecatombes. A Fazenda publica está sob o seu absoluto dominio...

Assim, pois, parece-me que estamos todos de perfeito accôrdo quanto á necessidade de que os candidatos estudem. E é por isso que perguntamos: Em qual das nossas faculdades irão elles apprender a sua carreira. Na de Legislação e Jurisprudencia? Na de Philosophia e Letras? Na de Medicina? Na de Engenharia?

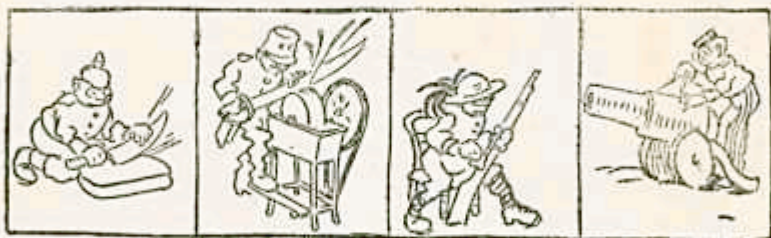
O americano responde:

«Em nenhuma dessas. E logo propõe que cada país mantenha um Instituto de Estudos Parlamentares, a cujas aulas serão obrigadas os aspirantes a Lycurgos...»



CARICATURAS DO MEZ

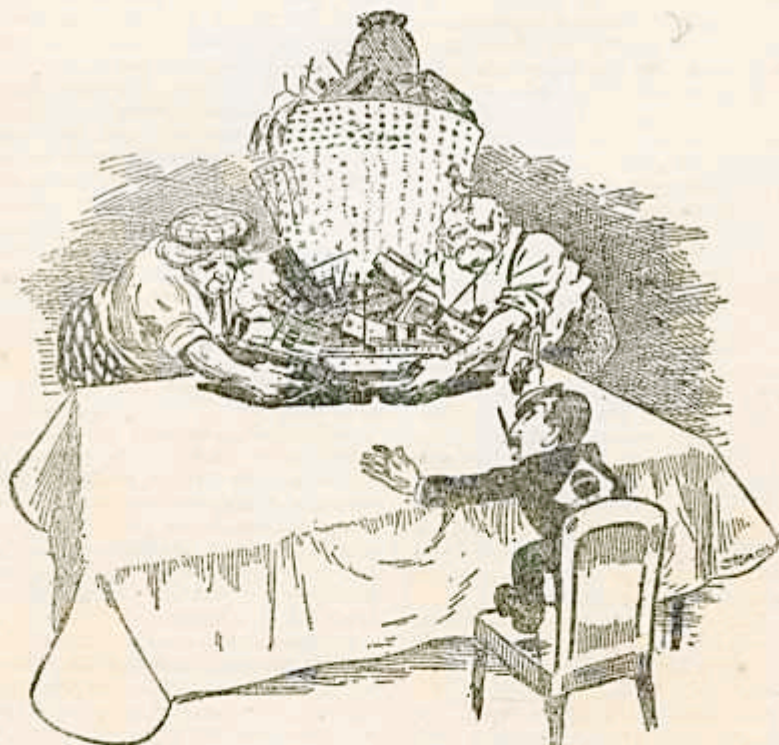
Depois da assignatura da paz...



... a Europa retoma os trabalhos pacifistas.

(Vottolino — Pasquino — S. Paulo)

A PARTILHA



Os aliados — O criterio adoptado, caro Brasil, é que você ficou a
haver navios...

(Storni — D. Quixote — Rio)

A fonte do Bem e do Mal
Caridade & Ostentação



Para tudo ha dinheiro, menos para os nossos irmãos do Norte.
(Rocha — D. Quixote — Rio).

American Film Corporation...



Uma fita de grande sucesso.
(Storni — D. Quixote — Rio).

A explicação de um entendido



— Dizem «ell sa» que quando vié o tor de Sov'ets, os home todo se caza, só pelo tempo que quizére.

— Virge Nossa Senhora! Eu pensei que ia melhorá! Intão fica tudo no me-mo, como agora?!

(J. Vaz — D. Quixote — Rio)

Versatilidade



JECA TATU — A política tá passando de moda, casmeirão. Eu preferia agora vê vossencê num campo de football...

(Seth — D. Quixote — Rio)

Historia antiga e contemporanea



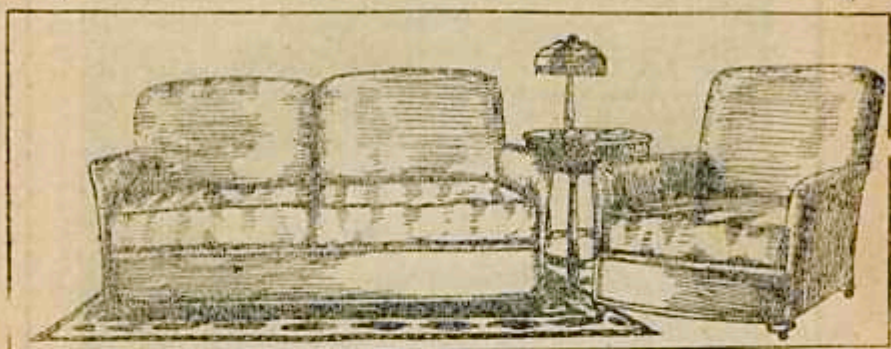
Thiers e Bismarck.

(J. Carlos — Caveta — Rio)

MAPPIN STORES
SOCIEDADE ANONIMA INGLEZA

MOVEIS DE COURO

□ □ □



Fabricamos estes moveis pelo mesmo systema usado para os sofás e poltronas dos "Clubs" Londrinos. ::

São empregados couros dos melhores cortumes inglezes e todos os outros materiaes, de primeira qualidade. ::

Exposições na Secção de Moveis

MAPPIN STORES

RUA 15 DE NOVEMBRO, 26 - S. PAULO

**AGUATONICA
ANTI-FEBRIL**

Approvada pelo Instituto Sanitário Federal
Preparada pelo
FARMACOVICO SILVA ARAUJO

**AGUA
INGLEZA**

N.B.—A cada garrafa acompa-
nha um copinho de medida

**RECONSTITUINTE
FEBRIFUGO ESTOMACAL**



LIVRARIA ACADEMICA

Largo do Ouvidor 5-B S. Paulo

Dr. Affonso Dionysio Gama - *Da Antichrese* (Theoria e pratica). Estudo completo, unico no direito nacional, comprehendendo legislação, doutrina, jurisprudencia, formulario, a antichrese no direito patrio, a antichrese no direito estrangeiro e um indice alphabetico e remissivo de toda a materia. Um bello volume em 4.^o, de 333 pags., br. 12\$000, enc. 15\$000

Dr. Manoel Pacheco Prates (Lente da Faculdade de São Paulo) - *Theoria elemental da posse*. Exposição clara e precisa dos principios essenciaes; indica e resolve todas as hypotheses praticas sobre aquisição e perda de posse. Um volume brochura 4\$000, encadernado . . . 6\$000

Estudo de Direito Civil - Lições professadas na Faculdade de Direito. Direitos Reaes. Propriedade. Domínio. Casamentos. Desquite. Successão. Acções. 1 vol. br. 5\$ enc. 7\$

Grande variedade de livros de direito brasileiro e portuguez literatura, educação e ensino, sciencias sociaes, etc. Envia-se o catalogo dos livros de direito a quem o pedir.

GRATIS! OFFERTA EXCEPCIONAL

Quem angariar QUATRO assignantes novos para a REVISTA DO BRASIL terá a sua assignatura gratuita. Se angariar apenas uma terá 8\$000 levados a credito; angariando duas terá 6\$000; tres, 9\$000, e assim por diante. Estas verbas, creditadas em livro especial, serão applicadas na reforma das assignaturas dos que já forem assignantes, ou na aquisição das obras editadas pela revista.

::: BOLETIM A ENCHER :::

Illmo. Sr. Gerente da "Revista do Brasil"

Junto seguem \$ importancia das assignaturas abaixo, angariadas por mim:

(Nome)	(Nome)
(Residencia)	(Residencia)
(Nome)	(Nome)
(Residencia)	(Residencia)

Peço-lhe, pois, que me credite a importancia de \$
..... de de 19.....

GOSAR
É
FUMAR

37

MISTURA
DA
MODA

A' Illuminadora



Artigos Electricos em geral

Motores electricos para
machina de costura e
para outros fins.

Lampadas Economica e 112
Watt

Candelabros e Abat-Jours
de seda para Electricidade

47, Rua da Boa Vista - S. PAULO

Foagerie - Horlogerie - Bijouterie

MAISON D'IMPORTATION

BENTO LOEB

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 - (en face de la Galeria)

Pierres précieuses - Brillants - Perles - Orfévrerie - Argent - Bronzes et
Marbres d'Art - Services en Métal blanc inaltérable.

MAISON A' PARIS

30 - RUE DROUOT - 30

ALMEIDA SILVA & Cia.

Importadores de FERRAGENS, LOUÇAS, TINTAS e OLEOS

End: Telegr. "AMSDIAS" - Codigo Ribeiro

Caixa Postal, 840 - Telephone N. 1002 Central

Rua General Carneiro, 13 SÃO PAULO

Obras de philosophia de Henrique Geenen

Compendio de Psychologia Experimental. 2. edição

Compendio de Logica. 5. edição

Obras elogiadas por Pedro Lessa, Franco da Rocha,
Osorio Duque Estrada, e outros homens de
responsabilidade. Preço: 5\$000

A venda em todas as Livrarias

CASA FREIRE - Louças, LIVROS e
Objectos de arte

Jose da Cunha Freire

Rua de São Bento, 34-b

Caixa do Correio 235 - S. PAULO - Telephone N. 867

2\$000

é quanto paga a Administração da **Revista do Brasil** por exemplar dos Numeros 25, 29, 32 e 35, que lhe fôr enviado para a Caixa, 2-B' S. Paulo, Rua da Boa Vista N. 52

LIVROS USADOS A' VENDA

<i>Dion Cassius</i> — Histoire Romaine, 10 vols.	40\$000	reis.
<i>A. Comte</i> — Politique positive, 4 vols.	20\$000	»
<i>A. Comte</i> — Philosophie positive, 6 vols.	18\$000	»
<i>Bossuet</i> — Meditations sur l'Évangile, 1 vol.	3\$000	»
<i>Pindaro</i> — Oeuvres complètes, 1 vol.	2\$000	»
<i>A. Bain</i> — Logique, 2 vols.	10\$000	»
<i>Leão Bourroul</i> — Hercules Florence, 1 vol.	5\$000	»
<i>Stuart Mill</i> — Économie politique, 2 vols.	6\$000	»
<i>Adams</i> — La Confédération Suisse, 1 vol.	3\$000	»
<i>Buntschl</i> — La politique, 1 vol.	3\$000	»
<i>Passi</i> — Formes de gouvernement, 1 vol.	3\$000	»
<i>Letourneau</i> — L'évolution de la propriété	5\$000	»
<i>Neymarck</i> — Turgot et sa doctrine, 2 vols.	6\$000	»
<i>Tocqueville</i> — De la démocratie en Amérique, 3 vols.	8\$000	»
<i>Lyell</i> — Principes de géologie, 2 vols.	10\$000	»
<i>Mignet</i> — Histoire de la Révolution Française, 2 vols.	5\$000	»
<i>Monte Alverne</i> — Obras oratorias, 4 vols.	20\$000	»
<i>Ainoull et Pujol</i> — Histoire de la Bastille, 4 vols.	12\$000	»
<i>Thiers</i> — Histoire de l'Empire, 4 vols.	20\$000	»
<i>Thiers</i> — Histoire du Consulat, 1 vol.	5\$000	»
<i>Thiers</i> — Histoire de la Révolution, 2 vols.	10\$000	»
<i>Thiers</i> — Consulat et Empire, Atlas, 2 vols.	20\$000	»
<i>Henri Martin</i> — trad. P. Chagas — Histoire de France, 7 vols.	30\$000	»
<i>Voltaire</i> — Oeuvres, 11 grandes volumes	60\$000	»
<i>Rabellais</i> — Oeuvres, 7 vols.	12\$000	»
<i>Byron</i> — Oeuvres, 4 vols.	8\$000	»
<i>P. Chagas</i> — Historia de Portugal, 9 vols.	27\$000	»
<i>Bossuet</i> — Orações fúnebres, 2 vols.	5\$000	»
<i>Otfried Muller</i> — Littérature grecque, 3 vols.	12\$000	»
<i>Quintillano</i> — Oeuvres complètes, 3 vols.	6\$000	»
<i>Joly</i> — L'Homme avant les métaux, 1 vol.	3\$000	»
<i>Bain</i> — La science de l'éducation, 3 vols.	3\$000	»
<i>Comte</i> — Appello aos conservadores, trad. Miguel Lemos, 1 vol.	3\$000	»
<i>G. Veron</i> — Histoire de la Prusse, 1 vol.	3\$000	»
<i>Nivoit</i> — Elements de géologie, 1 vol.	2\$000	»
<i>Reinold</i> — Historia da Inglaterra.	2\$000	»
<i>Léon Donat</i> — Lois et mœurs républicaines, 1 vol.	2\$000	»
<i>Aulu-Gelle</i> — Oeuvres, 2 vols.	4\$000	»
<i>Le Play</i> — La constitution de l'Angleterre, 2 vols.	5\$000	»
<i>Foillet</i> — Idées modernes du Droit, 1 vol.	3\$000	»
<i>Carrier</i> — La République américaine, 4 vols.	12\$000	»
<i>Skalkovskl</i> — Les ministres des Finances de la Russie, 1 vol.	3\$000	»
<i>Spencer</i> — Various fragments, 1 vol.	2\$000	»
<i>Lavisse</i> — Le Grand Frédéric avant l'Avenement, 1 vol.	5\$000	»
<i>Letourneau</i> — La guerre, 1 vol.	5\$000	»
<i>Lastarria</i> — Philosophie politique, 1 vol.	3\$000	»
<i>Campanor</i> — Los pequenos poemas, 1 vol.	3\$000	»
<i>Thucydides</i> — Guerre du Péloponese, 1 vol.	3\$000	»

(Vide pagina seguinte)

<i>Posto Alegre</i> — <i>Brasilianas</i> , 1 vol.	3\$000 reiv
<i>Fialho</i> — <i>Pasquinadas</i> , 1 vol.	2\$000 >
<i>Senouil</i> — <i>Economie politique</i> , 2 vols.	4\$000 >
<i>Seneca</i> — <i>Oeuvres</i> , 4 vols.	10\$000 >
<i>Plauto</i> — <i>Com. dies.</i> , 2 vols.	6\$000 >
<i>Brunetiére</i> — <i>Le roman naturaliste</i> , 1 vol.	3\$000 >
<i>Veron</i> — <i>Histoire de l'Allemagne</i> , 1 vol.	3\$000 >
<i>Oron</i> — <i>La morale</i> , 1 vol.	3\$000 >
<i>Eutrope</i> — <i>Histoire romaine</i> , 1 vol.	2\$000 >
<i>Leroy Beaulieu</i> — <i>Le travail des femmes</i> , 1 vol.	4\$000 >
<i>Ferretto</i> — <i>La Europa Giovani</i> , 1 vol.	4\$000 >
<i>Letourneau</i> — <i>La biologie</i> , 1 vol.	3\$000 >
<i>O Panorama</i> — 15 vo s. encadernadas	60\$000 >
<i>Hugo</i> — <i>Cromwell</i> , 1 vol.	3\$000 >
<i>Beroliet</i> — <i>La memoire</i> , 1 vol.	3\$000 >
<i>Hartenberg</i> — <i>Traitement des neurasthenique</i>	3\$000 >
<i>Ortigão</i> — <i>Banhos de caídas</i> , 1 vol.	4\$000 >

Nestes preços não se inclúe o porte pelo Correio
Pedidos á "REVISTA DO BRASIL" - Caixa 2 B - S. PAULO

EDIÇÕES DA "REVISTA DO BRASIL"

Acaba de ser posta á venda a quarta edição dos

"Urupês"

de Monteiro Lobato, impressa em magnífico papel
Preço: brochada, 4\$000 réis; encadernada, 5\$000 réis.

SACY PERERÉ, resultado de um inquerito. — Preço, 4\$000 réis.

Lima Barreto — "VIDA E MORTE DE GONZAGA DE SÁ"

Magnífico romance da vida carioca, recebido com unânimes
louvores pela critica nacional. — Preço: 2\$000 réis.

ANNAES DE EUGENIA

Grosso vol. com todos os trabalhos, conferencias e estudos da sociedade Eugénica de S. Paulo, sendo um interessantíssimo repositório de todas as momentosas questões da eugenição da raça. Leitura necessaria á classe medica e aos educadores. Pedidos á "Revista do Brasil". — Preço: 8\$000

GUIA BOTANICO da Praça da Republica e do Jardim da Luz, pelo naturalista Dr. A. Usteri — Preço, 2\$000

Encontra-se á venda, igualmente, no escritorio da "Revista do Brasil" e nas livrarias — **A FILHA DA FLORESTA** — pelo Prof. Thales C. Andrade, conto maravilhoso, para crianças. — Preço 600 réis.

Desconto aos revendedores.

Nesses preços está incluído o porte — Pedidos á "Revista do Brasil" - Caixa 2 B - S. PAULO

INDICADOR

ADVOGADOS:

DRS. SPENCER VAMPRE',
LEVEN VAMPRE' e PEDRO
SOARES DE ARAUJO — Traves-
sa da Sé, 6, Telephone cent. 2150.

DRS. ROBERTO MOREIRA,
J. ALBERTO SALLES FILHO e
JULIO MESQUITA FILHO —
Escritorio: Rua Boa Vista, 52
(Sala 3).

MEDICOS:

DR. RENATO KEHL — Es-
pecialista em syphilis e vias urina-
rias (molestias dos rins, bexiga,
prostata e urethra). Cons. Rua
Liberio Badaró, 119. Tel. Cent.
5125. Res.: rua Domingos de Mo-
raes, 72. Tel. 2559.

DR. SYNESIO RANGEL PES-
TANA — Medico do Asylo de Ex-
postos e do Seminario da Gloria.
Clínica medica especialmente
das crianças. Res.: R. Bella
Cintra, 139. Consult.: R. José Bo-
nifacio, 8-A, das 15 ás 16 horas.

DR. SALVADOR PEPE — Es-
pecialista das molestias das vias
urinarias, com pratica em Pariz.
— Consultas das 9 ás 11 e das
14 ás 16 horas. Rua Barão de
Itapetininga, 9, Telephone 2296.

TABELLIÃES:

O SEGUNDO TABELLIÃO DE
PROTESTOS DE LETRAS E TI-
TULOS DE DIVIDA, NESTOR.

RANGEL PESTANA, tem o seu
cartorio á rua da Boa Vi-ta, 58.

CORRETORES:

ANTONIO QUIRINO — Cor-
retor official — Escritorio: Tra-
vessa do Commercio, 7 — Tele-
phone n. 393.

GABRIEL MALHANO — Cor-
retor official — Cambio e Titulos
— Escritorio Travessa do Com-
mercio, 7. Telephone 393.

DR. ELOY CERQUEIRA FI-
LHO — Corretor Official — Es-
criptorio: Travessa do Commercio
5 — Teleph. 323 — Res.: Rua Al-
buquerque Lins, 58. Teleph. 633.

SOCIEDADE ANONYMA COM-
MERCIAL E BANCARIA LEONI-
DAS MOREIRA — Caixa Postal
174. End. Teleg. "Leonidas", São
Paulo. Telephone 626 (Central)
— Rua Alvares Penteado — São
Paulo.

COLLEGIOS:

EXTERNATO DR. LUIZ PE-
REIRA BARRETO — Admissão
aos cursos superiores da Repu-
blica para ambos os sexos —
Rua Carlos Gomes, 50 — Acacio
G. de Paula Ferreira.

ALFAIATES:

ALFAIATARIA ROCCO. —
Emil o Rocco. — Novidades em
casemira ingleza. — Importação
directa. Rua Amaral Gurgel, 20,
esquina da rua Santa Izabel, Tel.
3333 cidade — S. Paulo.

LIVRARIA DRUMMOND

Livros Escolares, de Direito, Medicina, Engenharia,
Literatura - Revistas - Mapas - Material Escolar.

ED DRUMMOND & COMP.

RUA DO OUVIDOR, 76 - TELEPH. NORTE, 5667 - End. Tel. "LIVROMOND"
CAIXA POSTAL, 785 - RIO DE JANEIRO

Peçam á "REVISTA DO BRASIL" os Annas de Eu-
genia, grosso volume com todos os trabalhos, confe-
rencias e estudos da Sociedade Eugénica de S Paulo
— Preço: 8\$000, incluido o porte.

CASA EXCELSIOR

Ferragens, Tintas, Louças e Crystaes - Especialidade
em Artigos domesticos e artigos para Encerar :: ::

P. R. AMARAL IMPORTADOR

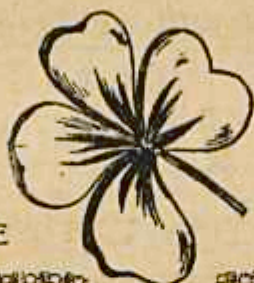
Largo do Arouche, 83 - Tel. N. 1978 Cent.- S. PAULO

Phosphoros

Segurança

Marca

OS UNICOS QUE



Casa Nathan

S. Paulo

"Trevo"

SE EXPORTAM

LOTERIA DE S. PAULO

Em 12 de Agosto

50:000\$000

por 3\$500

Quintos a 700 réis

OS BILHETES ESTÃO A' VENDA EM TODA A PARTE

João Dierberger

FLORICULTURA

S. PAULO

SEMENTES,
PLANTAS,
BOUQUETS,
DECORAÇÕES

Caixa Postal, 458


TELEPHONES:

Chacara, cid. 1006

Loja, central, 511

Estabelecimento de primeira ordem

FILIAL: LOJA: Rua 15 de Novembro, 59-A

Campinas  CHACARA: Alam. Casa Branca
Guanabara (Avenida Paulista)

:: Peça(m) Catalogos ::

CASA DE SAUDE

Exclusivamente para doentes de
Molestias nervosas e mentaes

Dr. HOMEM de MELLO & C.

Medico consultor Dr. FRANCO DA ROCHA Director do Hospicio de Juquery

Med. interno - Dr. TH. DE ALVARENGA Medico do Hospicio de Juquery

Medico residente e Director Dr. C. HOMEM DE MELLO

Este estabelecimento fundado em 1907 é situado no esplendido bairro **ALTOS DAS PERDIZES** em um parque de 22,000 metros quadrados, constando de diversos pavilhões modernos, independentes, ajardinados e isolados, com separação completa e rigorosa de sexos, possuindo um pavilhão de luxo, fornece aos seus doentes esmerado tratamento, conforto e carinho sob a administração de Irmas de Caridade.

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais conceituados de São Paulo. Informações com o Dr. HOMEM DE MELLO que reside á rua Dr. Homem de Mello, proximo á Casa de Saude (Alto das Perdizes)

Caixa do Correio, 12 S. PAULO Telephone, 560 :-:

AGUA INGLEZA
 TONICA
 FEBRIFUGA E APPERITIVA
GRANADO

INDICADA NA ANEMIA, DEBILIDADE,
 IMPALUDISMO E CONVALESCENCAS

EXIJAM A NOSSA MARCA
 RECUSEM AS IMITAÇÕES



QUINIM, CARNE
 LACTO PHOSPHATO DE CAL
 PEPSINA E GLYCERINA

VINHO RECONSTITUINTE
GRANADO

TONICO NUTRITIVO
 Na tuberculose,
 anemia fraqueza
 neurasthenia, etc.




EXIJAM A NOSSA MARCA

URIDINA O MELHOR DISSOLVENTE do acido urico.
 O MAIS ACTIVO dos antisepticos das vias urinaes.

CELA RHEUMATISMO, ARTHRI-
 TISMO, GOTTA, AREIAS, CYSTI-
 TES, PYELITIS, OBESIDADE, etc.

Granulado effervescente do Uro-
 pina, Lyceal, Neo-Bidonal e Lithina.

GRANADO & C. — Rua 1.ª de Março, 14, 16 e 18 — Rio de Janeiro

As machinas

Lidgerwood

*para Café, Mandioca, Assucar,
Arroz, Milho, Fubá.* :-:

São as mais recommendaveis para a
lavoura, segundo experiencias de ha
mais de 50 annos no Brasil. :-:

Grande stock de Caldeiras, Motores a
vapor, Rodas de agua, Turbinas e acces-
sorios para a lavoura.

Correias - Oleos - Telhas de zinco -
Ferro em barra - Canos de ferro gal-
vanisado e mais pertences.

CLING SURFACE massa sem rival pa-
ra conservação de correias.

Importação directa de quaesquer
machinas, canos de ferro batido galvani-
sado para encanamentos de agua, etc.

Para informações, preços, orçamentos, etc. dirigir-se a
Rua São Bento, 29-c - S. Paulo